

Rosa Maria Ricc6 Pl6cido da Silva

No palco:
com os deficientes visuais

canal6 editora



No palco:

com os deficientes visuais



No palco:

com os deficientes visuais

Rosa Maria Riccó Plácido da Silva

Bauru/SP | 1ª Edição
2013

canal6 editora

Rua Machado de Assis, 10-35
VI. América | CEP 17014-038 | Bauru, SP
Fone/fax (14) 3313-7968 | www.canal6.com.br

S5868 Silva, Rosa Maria Ricc6 Plácido da
No palco: com os deficientes visuais / Rosa Maria Ricc6
Plácido da Silva. – Bauru, SP: Canal 6, 2013.
192 p. ; 21 cm.

ISBN 978-85-7917-224-3

1. Artes cênicas. 2. Deficiência visual. I. Silva, Rosa Maria Ricc6
Plácido da. II. Título.

CDD: 790.08

Copyright© Canal 6, 2013

Dedicatória

Dedico este livro a todos os meus entes queridos encarnados e desencarnados, a todos os amigos que de uma maneira ou de outra contribuíram para meu crescimento e amadurecimento. Ao meu companheiro de jornada, Plácido, e a nossos filhos Júlio Cesar e João Carlos, que me encencivam e muito me ensinam (até mesmo a entender esta máquina: o computador).

Agradecimento

Agradeço a Valéria Friso pela paciência dispensada a mim na conclusão deste livro. A todos do teatro àqueles que passaram, àqueles que continuam comigo ensinando-me e até “puxando minhas orelhas”. Ao Lar Escola “Santa Luzia” para cegos, ao então presidente dessa entidade Sr. Aldire Pereira Guedes (*in memoriam*), e a atual presidente Sra. Nilce Regina Capasso Canavesi, pois sem esse apoio não seria possível minha experiência com o Grupo de Teatro “Nova Vida”. A Edy Yoshiko Izumi Yamamoto que me convidou para fazer parte do teatro, meu eterno agradecimento.

Muito já foi feito, muito ainda está para fazer, conservemos presente no espírito a célebre fórmula: é preciso prosseguir no caminho, sabendo que não chegaremos até o fim.

Mantoan (1997, p. 6).

Sumário

5	Dedicatória
7	Agradecimento
11	Introdução
13	O que é Deficiência Visual
19	Currículo do Grupo
23	Resultados e discussão
25	Peças apresentadas
57	Discussão, evolução e comparação das peças
63	Conclusão
67	Referências
69	Anexos
71	Anexo 1
79	Anexo 2
85	Anexo 3



Introdução

O presente livro é um relato da experiência vivida ao longo de 14 anos como voluntária no Grupo de Teatro Nova Vida do Lar Escola Santa Luzia para Cegos da cidade de Bauru - SP. O grupo, inicialmente contava com oito atores cegos e seis voluntários que apoiavam diretamente. Em 2007, o grupo sofreu modificações, contando com seis atores cegos e três voluntários fixos. A motivação do trabalho de voluntariado, junto ao grupo de teatro, se deu quando da realização de uma pesquisa de iniciação científica com bolsa da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) intitulada “Perceber Sem Ver – Uma proposta de artes Plásticas para os deficientes visuais (DV)” (vide anexo 01), onde foram coletados materiais táteis para a confecção de obras artísticas aptas a serem tocadas e sentidas pelos cegos, objetivando a divulgação e a apreciação das obras, bem como conduzi-los novos conhecimentos. Desta pesquisa resultou sete telas (suporte de madeira) para apreciação dos cegos, que foram doadas à Instituição Laramara – Associação Brasileira de Assistência ao Deficiente Visual, localizada na cidade de São Paulo (Rua Cons. Broleio, 338, Barra Funda - São Paulo - SP). Esses quadros foram expostos na cidade de Bauru e região, com grande sucesso.

Em todos esses anos, junto ao grupo de teatro, foram apresentadas ao público seis peças: “Em Busca da Felicidade”; “A Herança”; “Uma Família Especial”; “Palhaçada”; “Vivendo,

amando e Aprendendo” e “A Arte de Viver”. Duas peças foram adaptadas: “O Rapto das Cebolinhas”, texto de Maria Clara Machado e “Pássaro Ferido”, baseado na peça “Clarão nas Estrelas”, texto de Vlademir Capela, estas, entretanto, não foram apresentadas ao público. A revisão da literatura apresenta um levantamento de textos referentes aos deficientes visuais e às artes cênicas. As peças citadas são relatadas no seguinte formato: roteiro do texto, cenografia, figurino, sonoplastia e iluminação; há um tópico para descrever a evolução, a discussão e a comparação das peças. Além de um relato, do porquê de três peças não terem sido apresentadas ao público e de suas dificuldades. Em anexo, alguns jogos teatrais para deficientes visuais.

O grupo de teatro Nova Vida faz um trabalho diferenciado. Este grupo de teatro com DV apresenta-se no palco sem a interferência de videntes. (aqueles que enxergam). Neste livro tratamos também sobre o que é deficiência visual e de como tratá-la.

Fica aqui meu convite para realizar uma leitura prazerosa e esclarecedora.

O que é Deficiência Visual

Para desenvolver esse livro, primeiramente, buscou-se embasamento em referências bibliográficas sobre deficientes visuais. Carroll (1968, p. 9) observa como se processa a perda da visão para um indivíduo: “A perda da visão é um morrer. Quando em plena correnteza da sua vida normal, a cegueira se apodera de um homem, é o fim, é morte desta vida. Esta morte pode ser o rápido resultado de um acidente ou de uma doença fulminante. Ou pode ser lenta, prolongada morte para uma vida de visão que geralmente vem com glaucoma ou como acontece frequentemente em nossos dias com a diabete. Considerar a cegueira como um golpe que atinge somente os olhos, apenas a visão. Ela é um golpe destrutivo para a própria autoimagem do homem”.

Ainda segundo Carroll (1968, p. 2), com a perda da visão, outras deficiências podem surgir, como: a perda da sensibilidade tátil, problemas na coordenação motora, dentre outras. Como cada ser humano é diferente, a cegueira também é diferente para cada um, daí porque uns tem mais dificuldades em superar os problemas de reajustamento que outros. A cegueira não é apenas uma das mais graves deficiências, mas é também diferente das demais. O deficiente que nasce cego terá um pouco mais de dificuldade do que aquele que adquiriu a deficiência mais tarde, pois este tem uma memória visual. Outro fator agravante, é a super-

proteção da família, tornando o deficiente visual completamente dependente e sem iniciativa para um desenvolvimento normal.

No livro “Superando as Limitações – a força da luz interior”, da autora Clara T. N. Baba, (1985), que é a primeira fisioterapeuta deficiente visual, observa-se que o deficiente visual deve ser tratado, antes de tudo, como um ser humano, respeitada sua individualidade, pois é alguém que sente e é capaz de realizar-se e ser útil à comunidade, desde que se ofereçam oportunidades, mas antes é preciso compreender sua situação física e psicológica. É preciso dar aos deficientes as condições necessárias para que estes possam desenvolver suas potencialidades; eles precisam participar ativamente da sociedade em que vivem. De nada adianta o deficiente lutar, se a sociedade não cooperar.

Há 50 anos, o próprio Luis Braille compreendeu esta necessidade e inventou o método braile (pequenos pontos em relevo), que revolucionou o mundo. Daí em diante, os deficientes visuais puderam estudar.

Quanto à relação do deficiente visual com os seus sentidos, decorre que o tato oferece aos deficientes visuais a percepção de forma e tamanho, largura e altura dos objetos. O olfato é extremamente útil para adquirir informações sobre lugares e para o conhecimento de pessoas e coisas. O paladar tem por finalidade reconhecer os alimentos e remédios. A percepção auditiva não substitui a visão; e assim, todos os sentidos devem ser chamados para uma substituição, a fim de fazer a pessoa cega participar do ambiente em que vive. (BABA, 1985).

Por outro lado a arte cênica é usada como forma de expressão; ela é ampla e desenvolve o controle corporal; a autopercepção, aumenta a autoestima, melhora o desempenho físico, estimula a criatividade. O teatro é uma manifestação artística que pode agregar artes plásticas, música, dança, esculturas e outras formas de expressão.

Souza (1974, p. 47) diz que:

Apesar das diferenças dos mesmos materiais empregados por pintores, escultores, arquitetos, poetas, músicos, cineastas e outros artistas, para comunicar suas ideias, há sempre qualidades comuns em todas as obras de arte. Embora todas atuem diferentemente, buscam ou brotam sempre da mesma fonte: a necessidade humana de procurar maneiras de exprimir e comunicar seus pensamentos e emoções; criar símbolos para suas ideias e crenças: dar forma e substância a todo um universo de imaginação.

O teatro é uma maneira de expressão pura, e tem caráter educativo. Para o encenador alemão Manfred Wekwerlh (*apud* PEIXOTO, 1995), o teatro “ajuda a tornar eficazes as forças sociais que, por sua própria natureza histórica, estão em condições de provocar transformações na sociedade; e isso através dos meios específicos do teatro: através do prazer”.

Definição e causa da cegueira

Entre os deficientes existem os de total cegueira e os de visão subnormal, Estes últimos são aqueles deficientes que têm perda ou redução da capacidade visual em ambos os olhos, não podemos ser melhorada ou corrigida com uso de lentes ou tratamento cirúrgico. Porém, são capazes de distinguir o claro do escuro, pois apresentam visão embaçada. Campo visual restrito ou prejudicado de alguma forma, que os incapacita de enxergar com suficiente clareza.

A perda da visão pode ser adquirida ao longo da vida ou pode mesmo ser congênita, que é a cegueira desde o nascimento.

Causas mais frequente da deficiência visual no Brasil:

- CATARATA – é a opacidade das lentes dos olhos, ela é comum em idades mais avançadas;
- RETINOPATIA DA PREMATURIDADE – acontece em bebês prematuros com vasos sanguíneos da retina imaturos. O baixo peso ao nascer e a hiperóxia (devido ao uso de oxigênio suplementar inadequadamente monitorado nas unidades de cuidado intensivo neonatal) são importantes fatores de risco;
- TRACOMA (também conhecida como conjuntivite granulosa) é uma doença crônica dos olhos causada pela ação da bactéria *Chlamydia tracomatis*. Acontece em comunidades pobres, aglomeradas demais, com reduzido acesso a saneamento e água potável;
- ERRO REFRACTIVO é um defeito óptico que impede o enfoque efetivo das imagens. A maioria dos defeitos visuais, devido ao erro refrativo, é possível de ser corrigido com uso de óculos;
- ONCOCERCOSE (ou cegueira do rio) – deve-se a uma infecção causada pelo verme nemátodo *Onchocerca volvulus*. É transmitida pelo mosquito *Similium damnosum*, causando lesão ocular. (OLIVEIRA, 2002);
- GLAUCOMA - endurecimento do globo ocular por excesso de tensão interna; provoca uma diminuição da visão e dores de cabeça;
- DECOLAMENTO DA RETINA - a mais interior das membranas do globo ocular, onde se formam as imagens.

Outras doenças podem causar a cegueira, tais como: doenças venéreas (sífilis), sarampo, rubéola, diabetes, etc.

O QUE FAZER QUANDO ENCONTRAR UMA PESSOA CEGA

No convívio com deficientes visuais, aja com naturalidade, pois eles apresentam as mesmas características de qualquer ser humano, ou seja, eles podem conviver socialmente, estudando, trabalhando, tornando-se pessoas autossuficientes.

Quando for andar com uma pessoa cega, deixe que ela segure em seu braço. Não a empurre. Pelo movimento de seu corpo, ela saberá o que fazer.

Se você estiver com ela durante a refeição, pergunte se ela quer auxílio para cortar a carne, o frango ou para adoçar o café, e explique-lhe a posição dos alimentos no prato. Para auxiliar uma pessoa cega a atravessar a rua, pergunte primeiro antes se ela necessita de ajuda e, em caso positivo, atravesse-a em linha reta, caso contrário, ela poderá perder a orientação.

Se ela estiver sozinha, identifique-se sempre ao aproximar-se dela. Nunca empregue brincadeiras como: “Adivinha quem é?”.

Para sentar, coloque a mão da pessoa cega sobre o braço ou encosto da cadeira e ela será capaz de sentar-se facilmente.

Se observar aspectos inadequados quanto à sua aparência, não tenha receio em avisá-la discretamente a respeito de sua roupa (meias trocadas, roupas ao avesso, zíper aberto, etc.).

Se você conviver com uma pessoa cega, nunca deixe uma porta entreaberta. As portas devem estar totalmente fechadas. Conserve os corredores livres de obstáculos. Avise-a se a mobília for mudada de lugar.

Para orientar, dê direções do modo mais claro possível. Diga direita ou esquerda, de acordo com o caminho que ela necessite. Nunca use termos como “ali”, “lá”, etc.

Quando for a um lugar desconhecido da pessoa cega, diga-lhe, muito discretamente, onde as coisas estão distribuídas no ambiente e quais as pessoas presentes. Se estiverem em uma festa, veja se ela encontra pessoas para conversar, de modo que se divirta tanto quanto você.

Para apresentá-la a alguém, faça com que ela fique de frente para a pessoa apresentada, impedindo, assim, que a pessoa cega estenda a mão, por exemplo, para o lado contrário em que se encontra essa pessoa.

Quando conversar com uma pessoa cega, fale sempre diretamente e nunca por intermédio de seu companheiro. A pessoa cega pode ouvir tão bem, ou melhor, que você. Não evite as palavras “ver” e “cego”: use-as sem receio. Quando for se afastar da pessoa cega, avise-a para que esta não fique falando sozinha.

(Estas informações foram tiradas do folheto da Fundação Dorina Nowill para cegos).

Currículo do Grupo

O trabalho do grupo de teatro “Nova Vida” originou-se em 1994. Desde então já foram apresentadas seis peças sendo elas: “Em Busca da Felicidade”, (2000); ”A Herança” (2003 - 2004), ”Uma Família Especial” (2004 - 2005); “Palhaçada” (2006 - 2007); “Vivendo, Amando e Aprendendo” (2007 - 2009) e “A Arte de Viver” (2009 - 2010).

Todas foram apresentada em Bauru - SP e região; cidades como: Pirajuí, Lençóis Paulista, Pederneiras, Avaí, Ibitinga e Presidente Alves.

A Peça “A Herança” foi premiada no IV Festival de Teatro Amador de Pederneiras (2002) com menção honrosa por melhor texto e melhor sonoplastia. Recebeu, em Lençóis Paulista (2002), Moção de Aplausos.

A peça “Palhaçada”, em abril de 2006, recebeu uma placa na qual era homenageada pela bela apresentação no III Congresso Iteano de Iniciação Científica, pela Instituição Toledo de Ensino de Bauru - ITE, Bauru - SP. Peça classificada para participar do projeto “A escola vai ao teatro” do Centro Cultural Municipal de Bauru em 2006.

“Vivendo, Amando e Aprendendo” (2007 - 2009). “A Arte de Viver” (2009- 2011) foram apresentadas em Bauru e região; na cidade de Bauru, em vários colégios particulares, estaduais e municipais, bem como clubes, teatros e espaços alternativos.

Descrição do grupo

O Grupo de Teatro “Nova Vida” teve início em 1994; desde então, seis peças já foram apresentadas em Bauru, Pederneiras, Botucatu, Lençóis Paulista, Marília, Avaí e Presidente Alves. A peça “A Herança” ganhou prêmios de melhor sonoplastia, melhor texto e júri popular, no VI Festival de Teatro Amador de Pederneiras - SP, em 2002 e Moção de Aplausos, no VII Semana do Teatro de Lençóis Paulista, de 21 a 27 de março de 2002 e o grupo tem como objetivo principal promover a inserção social do deficiente visual através da luta por novas perspectivas e possibilidades. Segundo o grupo teatral, diante da escuridão em que vive, o deficiente visual acaba desenvolvendo intensamente a sensibilidade de ver com o coração.

O grupo é dirigido pela psicóloga Edy Yoshiko Izumi Yamamoto; contamos também até, 2004, com a psicóloga Elcira Bragatto autora do texto “A Herança”, diretora artística Rosa Maria Riccó Plácido da Silva e também com o apoio de Elza Iamae Yamamoto, Arlete Sposito, Marilda Aparecida Nunes Vieira, Cássia H. Yamamoto, Danilo Yamamoto, Julio César Riccó Plácido da Silva e João Carlos Riccó Plácido da Silva. O primeiro grupo, de 2002 a 2005, teve seu elenco formado pelos deficientes visuais (2002 a 2005) Reinaldo Rodrigues dos Santos, Andréia Rodrigues Valeriano, Sr. José de Araújo Melo, Janaína Cristian de Oliveira (*in memoriam*), Lúcia de Fátima Oliveira que foi substituída por Valdir Delchiaro, Cristiano Donato Alves, Laércio Panuto Gomes (*in memoriam*), Sr. Valetin dos Santos Vieira (*in memoriam*), Marilda Doro que foi substituída por Simone de Oliveira Vieira. (vide foto nº 1).

De 2005 a 2006, o segundo grupo teve em seu elenco os atores deficientes visuais, Laércio Panuto Gomes (*in memoriam*), que foi substituído por Rafael dos Santos Rodrigues, Sr. José de Araújo Melo e Cristiano Donato Alves com a peça “Palhaçada” (vide foto nº 9, 10 e 11). Voluntários: Edy Yamamoto, Rosa Riccó e Arlete Sposito.



Foto 1. Grupo de Teatro "Nova Vida" do Lar Escola "Santa Luzia" para Cegos.

Em 2007, o terceiro grupo era formado por seis atores, Cristiano Donato Alves, Rafael dos Santos Rodrigues, D^a Maria Daisy Ortiz dos Santos, Osvaldo Luiz de Andrade, Mariza Aparecida de Souza Melo e Josiane da Silva Arantes. Encenaram as pe7as “Vivendo, Amando e Aprendendo” e “A Arte de Viver” (2007 a 2010).

Este livro apresenta uma combina76o de teoria e pr6tica. A pesquisa come7ou em 1999, quando fui convidada a ser volunt6ria no grupo de teatro “Nova Vida” do Lar Escola Santa Luzia para Cegos de Bauru - SP. O grupo apresentava a pe7a “Em busca da Felicidade”; como a pe7a j6 estava pronta, fiquei como apoio nas coxias, com intuito de observar como funcionava o grupo no palco. O grupo de ent6o formado por oito cegos e nove integrantes para o apoio. Ap6s as observa76es e o reconhecimento das dificuldades de cada ator, foram adaptados, para os cegos, os jogos da Prof^a. dra. Ingrid Koutela, do livro Jogos Teatrais. Da mesma forma, foram adotados os livros “O Jogo do diretor” de Viola Spolin e “Metodologia do Ensino do Teatro”, de Ricardo Japiassu. Assim os jogos foram adaptados, contando com as dificuldades de cada deficiente. (vide jogos em anexo 02).

Em cada pe7a foi feito um estudo de cen6rio, figurino, sonoplastia, ilumina76o, a marca76o foi individual, tendo um vidente (apoio) para cada cego. As pe7as apresentadas ao p6blico foram: “Em Busca da Felicidade”; (1999); “A Heran7a”; (2000 - 2003), texto de Elcira Bragatto e Edy Yamamoto e cenografia, ilumina76o, sonoplastia e figurino de Rosa Ricc6 e “Uma Fam6lia Especial” (2004 - 2005), texto, cen6rio, sonoplastia, figurino e ilumina76o de Rosa Ricc6. Quais foram apresentadas ao p6blico.

Outras pe7as foram adaptadas, como: “O Rapto das Cebolinhas” (2000), texto de Maria Clara Machado e “P6ssaro Ferido”, baseado no texto “Clar6o das Estrelas”, texto de Vlademir Capela, que n6o chegaram a ser apresentadas ao p6blico. Em 2003 tamb6m foi escrito o texto “Caf6 da Manh6” (vide texto 02), especialmente para o grupo, mais que n6o chegou a ser apresentado ao p6blico.

Resultados e discussão

Nesses anos de convivência com o grupo, foram testadas várias peças de outros autores, como: “O Rapto das Cebolinhas” de Maria Clara Machado, “Clarão nas estrelas” de Vladimir Capela e “Café da Manhã” de Rosa Riccó, que não foram apresentadas ao público. O texto “Café da Manhã” foi reescrito seis vezes e, depois de reescrito pela última vez, passou a se chamar “Uma Família Especial” (vide texto 03). Assim, foram encenadas: “Em Busca da Felicidade”, “A Herança” (vide texto 01), “Uma Família Especial” (vide texto 03), “*Palhaçada*” (vide texto 04), “Vivendo Amando e Aprendendo” (vide texto 05) e “A Arte de Viver” (vide texto 06).

Com o texto pronto, é feita uma leitura explicativa com as características de cada personagem. No primeiro ensaio são feitas as marcações, e todos os movimentos dos atores são explicados nas rubricas do texto. É necessário ter um voluntário para cada cego, que leia as falas para que o cego as repita até que sejam decoradas. Já no primeiro ensaio, os objetos usados e o cenário deverão estar prontos, assim como a sonoplastia. Os móveis como os objetos devem estar sempre no mesmo lugar.

Estando a marcação cênica pronta, é hora de gravar todo o texto com as rubricas no CD (antes em fita cassete), explicando com detalhes as posições dos personagens, as trocas dos

figurinos e todos os momentos da cena (vide textos). No CD devem constar as entonações necessárias para que os cegos entendam as emoções das falas. Após receberem os CDs e estando com o texto decorado e as marcações acertadas, eles mesmos vão incluindo novos diálogos e assim criando novas cenas. São também ensaiadas várias improvisações para dar mais segurança aos atores, no caso de alguém esquecer o seu diálogo.

Peça pronta é hora de apresentar. Fazemos uma prévia visita ao local onde será encenada a peça para verificar a segurança dos atores. Como esta é apresentada em colégios, escolas, clubes e outros locais, geralmente os palcos são pequenos, com escadas que invade o palco. Quando existem esses obstáculos, optamos por apresentar no chão. Nós mesmos montamos todo o cenário, inclusive as coxias para troca de figurino.

Antes de cada apresentação, faz-se necessário o reconhecimento do palco com cada ator, cada marcação e locomoção são feitas individual e depois junto com o ator coadjuvante. Por exemplo: devem-se contar quantos passos têm da coxia até a primeira cadeira; se o ator tiver que ir até o sofá, ele vai dar um passo até a cadeira (que deve estar à distância aproximada de um braço), encostar a perna do lado do sofá, e, assim, ir até o lugar que deve sentar. (De um móvel ao outro deve haver um espaço que passe uma pessoa). Nas coxias, o apoio ajuda na troca do figurino e também a pegar os acessórios, que são previamente colocados pelo próprio ator num lugar de fácil acesso para ele.

Peças apresentadas

Peça 1 - “Em busca da Felicidade”

A peça *Em Busca da Felicidade* (ator desconhecido e texto perdido) já se encontrava pronta quando fui convidada a entrar no grupo.

Trata-se de uma história que se passa em Miracema do Norte no interior de Goiás, onde quem comanda a cidade é quem tem dinheiro, que neste caso é o Coronel Cardoso, o qual vive em uma imensa fazenda junto com sua mulher Helena e sua filha Ana Maria. A história começa com uma conversa entre o Delegado Rincão e seu escrevente Juca a cerca da queixa da mãe de Zé Boiadeiro sobre o sumiço deste. Os dois investigam o caso. Zé Boiadeiro é apaixonado pela jovem Ana Maria, mas seu pai não aceita este namoro por ele ser pobre, mandando dar uma surra nele. Ana Maria encontra-se com Zé boiadeiro que decide trabalhar em outro lugar e ganhar dinheiro para poder voltar. A mulher do Coronel, D. Helena, cansada de sofrer, vai embora. Nestas voltas que a vida dá, o Coronel se vê em uma enrascada perdendo muito dinheiro e precisando vender até a fazenda. Neste tempo todo Zé Boiadeiro

consegue ganhar um bom dinheiro e volta para comprar a fazenda do Coronel, que acaba cedendo e vendendo a fazenda. D. Helena volta e perdoa o marido. O final não poderia ser outro: todos juntos em uma grande festa.

Nessa peça, não constava a época em que se passava a história, havia um narrador vidente e no texto não se usavam as rubricas. A peça era longa, com 11 atos e sete atores cegos: Delegado Rincão - Sr. José de Araújo; Coronel Cardoso - Francisco (Chico); Ana Maria filha do Coronel - Janaína; o braço direito do delegado e Juca (dois personagens) - Cristiano; o capataz e João Leão (dois personagens) - Reinaldo; Zé Boiadeiro - Laércio; esposa do Coronel, D. Helena, e a mãe de Zé Boiadeiro (dois personagens) - Andréia. O número de voluntários para o apoio era maior que o de atores. Estes eram levados pelo braço e colocados em cena. Tinha muita interferência do apoio, entrando e saindo do palco; o público não sabia quem era cego ou vidente, e se tudo fazia parte do contexto ou não.

CENÁRIO, FIGURINO, SONOPLASTIA E ILUMINAÇÃO

O cenário da peça *Em Busca da Felicidade* apresentava dois ambientes que mudavam várias vezes durante a apresentação. Dois telões: um representando uma delegacia e outro representando uma casa de fazenda. Os móveis e os objetos eram trocados várias vezes durante a cena, os voluntários entravam e saíam, interferindo e confundindo o público, atrapalhando o andamento da peça, quebrando as cenas. Nos onze atos em que se desenvolvia a peça, o cenário era trocado sete vezes e como geralmente os palcos não tinham pano de boca, as trocas acabavam fazendo parte das cenas.

O figurino era simples e o apoio ajudava os atores nas mudanças das peças de roupas.

A sonoplastia era feita ao vivo pelos próprios atores. A primeira música era um solo do ator Laércio no papel de Zé Boiadeiro, e na cena final, o ator Reinaldo tocava uma música sertaneja no acordeom, acompanhado de pandeiro e chocalho.

Quanto à iluminação, não havia tal recurso. Peça muito longa, diálogos longos, cansava o público.

Peça 2 - “A herança”

A Herança foi escrita por Edy Yamamoto e Elcira Bragato, baseada nos filmes de Mazaropi. O texto foi dividido em nove cenas. (texto em anexo nº1).

Narra a história de uma família simples que morava em um sítio, quando Isidoro, o Dodô, recebe a visita de um advogado contando que seu avô lhe deixou uma herança. Mas a condição para recebê-la era ele mudar para a cidade e assumir os negócios do avô. Toda a família muda-se para a capital, e ficam encantados com a nova residência. Isidoro, com muito dinheiro e viagens a trabalho, acaba arrumando uma amante. Sua esposa Josefa, não suportando tanta indiferença e as muitas horas que o marido fica no trabalho, acaba voltando para o sítio, com sua filha Francisca (Chiquinha) e sua mãe Sr^a. Benedita. A mãe de Josefa gosta da ideia, mas Chiquinha não, porque está apaixonada por Piter, o motorista da casa. Após tudo isso, Isidoro encontra-se sozinho em sua casa. Conversa com o advogado, depois com o padre, lamentando o fato de ter sido abandonado pela família e pela amante, que o troca por um rapaz mais novo. O padre o aconselha a voltar para o sítio, onde era feliz e não sabia. Piter fica feliz ao levá-lo de volta para o sítio. Chegando lá, a esposa o perdoa, e tudo acaba em festa.

Nessa peça trabalharam oito deficientes visuais e nove voluntários de apoio nas coxias. Os personagens e seus respectivos eram: **Dr. Harley** (advogado) - Sr. José de Araújo;

Sr. Isidoro Souza e Silva - Reinaldo R. dos Santos; **Josefa** (mulher de Isidoro) - Andréia R. Valeriano; **Padre Pedro**- Laércio P. Gomes; **Piter** (motorista de Isidoro) – Cristiano D. Alves; **Sr Benedito** (sogro de Isidoro) - Valentin dos Santos Vieira e depois substituído por Marilda Doro (sogra de Isidoro); **Francisca** (filha de Isidoro e Josefa) – Janaína C. de Oliveira e **Constância** (governanta) – Lúcia de Fátima Oliveira, que foi incluída posteriormente e depois substituída por Waldir Delchiaro.

CENÁRIO, FIGURINO, SONOPLASTIA E ILUMINAÇÃO

A pesquisa do cenário foi realizada para superar as deficiências da peça *Em Busca da Felicidade*. Objetivando melhorar a locomoção dos deficientes, optou-se por um cenário fixo. O cenário é dividido em dois ambientes: sítio e cidade no fundo um painel pintado: onde uma metade para o sítio e outra metade para a cidade (sítio à direita do público, cidade à esquerda). Na frente do painel um sofá também dividido e caracterizado em sítio (uma almofada de retalhos sobre uma manta de chitão florido) e cidade (almofada de cetim e manta de crochê); duas cadeiras: uma do lado do sítio com o assento de fuxico (trouxinhas de artesanato) e outra cadeira do lado da cidade, com o assento de crochê. A distância entre as cadeiras e o sofá era marcada por um espaço que desse para uma pessoa passar. Para encontrar o sofá basta encostar a perna nele e para tocar a outra cadeira, era necessário caminhar até a ponta do sofá e esticar o braço. (vide foto nºs 2 e 3).

O painel desta peça foi inspirado nos pintores Vincent Van Gogh com o quadro “*Colheita em La Crau*”, 1888, (lado do sítio) e Lasar Segall com o quadro sob o título “*Paisagem brasileira*” 1925, (lado da cidade) (vide foto nºs 4 e 05).

Os personagens que trocavam os figurinos eram: Chiquinha (filha de Isidoro e Josefa), trocava três vezes: roupa para o sítio, cidade, piscina e festa; Isidoro, trocava duas vezes: sítio, cidade e terno completo para a festa; Josefa (esposa de Isidoro), trocava três vezes: sítio, cidade, festa e sítio; D. Benedita (mãe de Josefa), trocava três vezes: sítio, cidade festa e sítio. As roupas para o sítio eram simples e surradas, as roupas para a cidade eram normais (do nosso dia a dia), e para ir a festa, as roupas eram mais sofisticada (xales, drapeados, bordados e capas). Só quem não mudava de figurino, eram o motorista – Piter -, este sempre estava de terno completo; a governanta – Constância – de tailleur e o advogado - Dr. Harley – também de terno completo.



Foto 2. Cenário da peça “A Herança”, como o figurino da festa.



Foto 3. Cenário da peça "A Herança" como o figurino do sítio

Quadros pesquisados para a pintura do telão da peça “A Herança”.



Foto 4. Quadro de Vicent Van Gogh – “Colheita em La Crau” (1888).

AGUILAR, N. *Vicente Van Gogh. Galeria, Revista de Arte*, São Paulo, ano 4, n. 19, p. 62, 1990.



Foto 5. Quadro de Lasar Segall - "Paisagem brasileira" (1925).

AGUILAR, N. *A chegada de Segall ao Brasil*. **Galeria, Revista de Arte**, São Paulo, ano 6, n. 27, p. 55, 1991.

A sonoplastia da peça *A Herança* era usada nos intervalos para dar tempo à troca de figurino dos atores, realizada pela equipe de apoio. Havia um intervalo grande e um vazio em cena. As músicas eram orquestradas, e todas brasileiras. A solução para não deixar esses vazios foi introduzir a governanta, que entrava para arrumar a sala.

TRILHA SONORA DA PEÇA A *HERANÇA*.

- 01 – (abertura – sítio) “Lamento Sertanejo” – CD Brasil Musical, música viva;
- 02 – (casa nova – cidade) “Mulher Rendeira” – CD Brasil Musical, Tom Brasil;
- 03 – (visita do padre – cidade) “Corumbá” – CD Almir Sater.
- 04 – (festa – cidade) “Brejeiro” – CD Brasil Musical;
- 05 – (amante – cidade) “Urubu Malandro” – CD Brasil Musical;
- 06 – (família volta ao sítio) “Luar do Sertão” – CD Brasil Musical;
- 07 – (Dodô não encontra a família – cidade) – “Mazurca” – CD Choro Almir Sater;
- 08 – (Dodô sozinho – cidade) “As Rosas não Falam” – CD Brasil Musical;
- 09 – (cena final – sítio) “Prelúdio” - CD Brasil Musical.

(As anotações em parentes são rubricas para iluminação do painel)

No final da última cena é tocada uma música ao vivo, composta pelo ator Reinaldo Rodrigues dos Santos (Dodô) no acordeom; os personagens Dr. Haley e Sra. Benedita, Piter e Chiquinha dançam. O padre toca pandeiro e Josefa toca chocalho.

Essa sonoplastia ganhou o prêmio de melhor trilha sonora no IV Festival de Teatro Amador de Pederneiras, realizado de 12 a 19 de outubro de 2002.

A iluminação foi usada para mudança de cenário, quando os personagens entravam no sítio ou na cidade. Foi utilizado o recurso de dividir o foco em dois: para direita e para esquerda, direto no telão. A mudança do foco se dava a cada intervalo. Para marcar que os personagens iriam entrar no sítio, o foco era para a direita. (vide foto nº 3): quando a cena se

passava na cidade, o foco era direcionado para esquerda do público. Os atores não cruzavam o palco, pois entravam sempre do mesmo lado. Ao entrarem, se acendia a luz geral, passavam a ocupar todo o espaço.

Peça 3 - “Uma Família Especial”

Uma Família Especial foi escrita por Rosa Riccó e pela psicóloga Elcira Bragatto. (texto em anexo nº 03).

Esta peça conta a história de uma família pobre que luta com dificuldade. Antonio Carlos (Tonhão) é o chefe desta família; é casado com Terezinha Aparecida (Telê) e tem duas filhas: Renata Carla e Regina Célia, que namora Rafael (Rafa); mora com o casal e as filhas, Medelau, pai de Telê, aposentado, gasta todo seu dinheiro com remédios, dorme na sala e namora Giselda. Medelau tem um irmão, Sebastian, advogado bem sucedido, é casado com Joana (apenas citada no texto) e sente vergonha de Medelau por ser pobre. Sebastian faz um investimento errado, fica pobre e volta à casa de Tonhão para pedir perdão a todos; Sebastian é perdoado. Esta peça também termina em festa.

No texto levantam-se vários temas, como: idoso, drogas, diferenças sociais, adolescência. Todos esses assuntos são levados ao público com muito humor. É uma peça divertida e emocionante.

Época que se desenvolve a ação: na atualidade. Local da ação: uma casa simples. Nove cenas.

Personagens (em negrito): **Terezinha Aparecida de Souza** (Telê, esposa de Tonhão) – Andréia R. Valeriano; **Antonio Carlos de Souza** (Tonhão, marido de Telê) – Reinaldo R. dos Santos; **Renata Carla de Souza** (1ª filha do casal) – Simone de O. Vieira; **Regina Célia de**

Souza (2ª filha do casal) – Janaína C. de Oliveira; **Medelau Medeiros** (pai de Telê) – Laércio P. Gomes; **Sebastian Salgado** (Irmão de Medelau por parte de mãe) – Sr. José de Araújo; **Rafael Crespim** (namorado de Regina) – Cristiano D. Alves; **Giselda de Carvalho** (namorada de Medelau) – Waldir Delchiaro.

CENÁRIO, FIGURINO, SONOPLASTIA E ILUMINAÇÃO

O cenário da peça *Uma Família Especial* é composto por: ao fundo, um telão pintado de 4,50m por 3,50m de largura; na frente dele à direita (do público), uma mesa de 0,70 cm por 0,70 cm com três cadeiras; à esquerda, um sofá velho. (vide foto nº 6).



Foto 6. Cenário da peça “Uma Família Especial”: no sofá, Sebastian e Medelau; de pé, atrás do sofá, Giselda; na mesa, Tonhão e Renata Carla; de pé, junto à mesa, Telê e de pé, atrás da cadeira, Regina Célia.

O telão pintado é usado como marcação, para que eles ao tocarem saibam que é o fundo do palco, e, ao esticarem o braço, sintam o sofá ou as cadeiras.

O telão foi todo criado em cima do texto; é uma pintura moderna inspirada nas obras “Grande flor azul”, 1996, de Ademir Martins (vide foto nº 7) e “Invólucro – A Sombra do Abajour”, 1994 (vide foto nº 8).

Várias partes da pintura são táteis; o painel é dividido em três partes: ao centro uma mesa com um vaso de flores táteis; mais acima, há um corte de um quadro representando as rachaduras da casa; à direita, uma porta entreaberta representa uma família simples e acolhedora, com os braços abertos para acolher os parentes e amigos; do lado esquerdo, uma janela onde se vê o horizonte, representando a esperança; onde o amor e a compreensão da família estão sempre presentes.

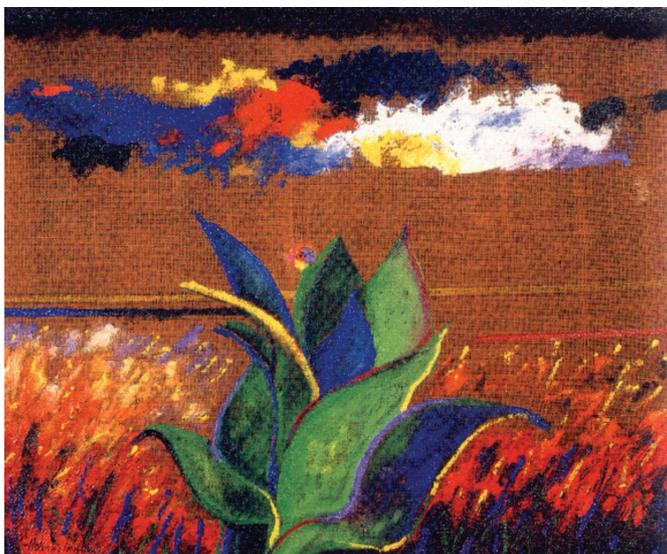


Foto 7. Quadro de Ademir Martins – “Grande Flor Azul” (1996).

MARTINS, A. Grande Flor Azul. In. LIMA, M. B. (Edit.). **Brazilianart II**. São Paulo: Jardim Contemporâneo, [s.d.], p. 72.

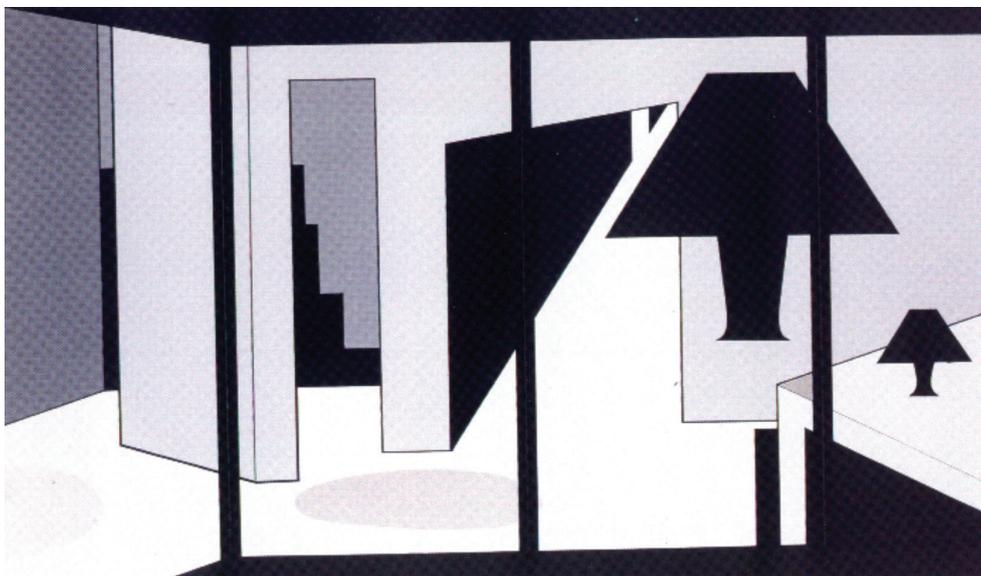


Foto 8. Quadro de Wanda Pimentel – “Invólucro – A Sombra do abajour” (1994).

PIMENTEL, W. Invólucro - A Sombra do Abjour. In: LIMA, M. B. (Edit.). Brazilianart II. São Paulo: Jardim Contemporâneo, [s.d.]. p.447.

A toalha usada na mesa é de fustão, em cores alegre, e decorada com fuxicos (trouxinhas artesanais), toda feita à mão, formando uma textura nas pontas para que, caso a toalha saísse do lugar, os cegos pudessem sozinhos colocá-la de volta.

O figurino era composto por roupas do nosso cotidiano. Algumas peças que precisavam ser trocadas foram sobrepostas para facilitar o apoio, por exemplo: Telê entrava de roupão, por baixo um avental, e por último um vestido; Medelau, por baixo da camiseta do pijama, usava uma camisa polo; Sebastian usava um terno completo e, por baixo, uma roupa comum.

A **sonoplastia** de *Uma Família Especial* foi usada para troca de cenas e ainda para determinar a passagem de tempo. Nessa peça, foram utilizados ruídos sonoros para dar mais graça às cenas. Todas as músicas são orquestradas: CD Brasil Musical, de Artur Moreira Lima e Altamiro Carrilho; CD Feixe de Luz “Todo começo é involuntário”, de Edberto Gismonti e academia de danças (chorinhos). A última música é um forró na voz do grupo Falamansa.

Cena 1 – (café da manhã)

Música: Dança das Horas (abre o pano de boca)

Ruído – despertador

Música: Dança das horas (continuação)

Ruído – descarga

Cena 2 – (Medelau e Telê)

Música: 7 anéis

Cena 3 – (a chegada da namorada de Medelau)

Música: 7 anéis (continuação)

Cena 4 – (chegada do irmão de Medelau, conversa com Tele)

Música: Assanhado;

Ruído: barulho de panelas caindo no chão

Cena 5 – (encontro de Rafael e Regina)

Música – Tico-tico no fubá

Cena 6 - (Telê e Tonhão conversam)

Música: Tico-tico no fubá (continuação)

Cena 7- (Giselda e Medelau)

Música: Bem-te-vi tristonho

Cena 8 – (Tonhão, Telê e Regina conversam sobre drogas)

Música: Bem-te-vi tristonho (continuação)

Cena 9 – (final)

Música: Da cor do Pecado;

Música: Rindo à toa (forro)

Nesta última música todos dançam.

Quanto à iluminação, foi utilizada luz geral; e nos intervalos se diminuía um pouco, voltando ao normal, quando os personagens entravam.

Peça 4 “Palhaçada”

A peça *Palhaçada* foi classificada para participar do projeto “A escola vai ao teatro” do Centro Cultural Municipal de Bauru, em 2006. Autoria do texto, cenografia, sonoplastia e figurino de Rosa Ricc6; direç6o compartilhada, adereç6os do grupo, apoio de Arlete Sp6sito. O Grupo era composto de tr6s deficientes visuais e tr6s volunt6rios (texto em anexo n6 4, em anexo).

Personagens: **Palhaço**, Sr. Jos6 de Ara6ijo Melo; **Zeca**, La6rcio P. Gomes, que foi substituído por Rafael dos Santos Alves; **Fureca**, Cristiano Donato Alves e a **Boneca** Colaca (uma boneca de pano como a nega maluca, mas aqui a boneca 6 branca). (vide foto n6s 9, 10, 11 e 12).

Palhaçada 6 uma peç6 curta, possui uma 6nica cena, e simples. O texto tem uma linguagem de f6cil entendimento, 6 uma peç6 engraç6ada com piadas leves, brincadeiras e m6gicas como antigamente (texto n6 4, em anexo). Esta peç6 dura, em m6dia, 40 minutos.

A hist6ria encenada se passa em uma praça de uma pequena e pacata cidade, onde as crianç6as ainda brincam nas ruas. Zeca e Fureca est6o brincando na praça de marchar como soldado e cantando a m6sica: *marcha soldado cabeça de papel se n6o marchar direito...*, quando escutam algu6m cantando; ao olharem, ficam espantados, pois 6 um palhaço danç6ando com uma boneca de pano; acham a cena engraç6ada e ao mesmo tempo estranha: um palhaço na praça. E assim começa nossa hist6ria, uma conversa de dois meninos com um palhaço e sua boneca chamada Colaca, que 6 tratada como se gente fosse.

CEN6RIO, FIGURINO, SONOPLASTIA E ILUMINAÇ6O

O cen6rio desta peç6 era muito simples; contava apenas com um tel6o colorido e duas cadeiras representando um banco de praça. (As cadeiras teriam que ter braç6os para que o

palhaço pudesse colocar a boneca sentada; as cadeiras também serviam como marcação para o palhaço). O palhaço entrava, contava os passos até a cadeira, colocava a boneca sentada na primeira cadeira, e se sentava na outra; ele levantava e sentava sem sair da marcação. Zeca e Fureca eram conduzidos pela voz, até o palhaço. A marcação de Zeca e Fureca ocorria através do tato e da audição.

O figurino do palhaço era um paletó customizado, gravata colorida, camisa e calça de brim, sapatos pretos (poderia ter sido usado sapatos grandes, de palhaços, mas, por medida de segurança, optamos por não utilizá-los) e chapéu de palha, enfeitado com flores. Somente o palhaço usava maquiagem. Zeca tinha por vestimenta um macacão vermelho, camiseta azul, boné bege e tênis. Fureca, um macacão alaranjado, camiseta azul, boné vermelho e tênis (foto nºs 10 e 11). Os primeiros Zeca e Fureca usavam calças de brim, tênis, camisetas brancas e chapéus de jornal. (fotos nº 9).

Adereços: sanduíche cênico e brinquedos: carrinho, pandeiro e chocalho.

Sonoplastia: Zeca e Fureca entravam marchando e cantando a música, “Marcha soldado” (música de brincadeiras de roda). O palhaço entra cantando “Se esta rua fosse minha”(música de brincadeiras de roda). A peça termina com o forró “Rindo à Toa” do grupo Falmansa.

Iluminação: a que o local de apresentação dispunha.



Foto nº 9 - primeiro grupo: Colaca (boneca); Palhaço, Sr. José, Zeca; Laércio e Fureca, Cristiano.



Foto nº 10 - Palhaço, Sr. José; Zeca, Rafael e Fureca, Cristiano.



Foto nº 11 - a boneca Colaca e o Palhaço, Sr. José.



Foto nº 12 - segundo grupo: Cristiano, Colaca (boneca), Sr. José e Rafael.

Peça 5 - “Vivendo, Amando e Aprendendo”

A peça *Vivendo, Amando e Aprendendo* (texto nº 5, em anexo) é de autoria do novo grupo formado, em 2007, pelos deficientes visuais Maria Daisy Ortiz dos Santos, Rafael dos Santos Rodrigues, Cristiano Donato Alves, Osvaldo Luiz de Andrade, Josiane da Silva Arantes e Mariza Aparecida de Souza Melo; componentes de apoio: Arlete Sposito, Eliana Maria M. Catto e Nelson Herrera Lopes. A direção desta peça foi compartilhada por Edy Yamamoto (diretora do grupo) Rosa Riccó (diretora artística) e Arlete Sposito (componente do apoio). Contamos também com o apoio do Sr. Nelson Herrera Lopes, que confeccionou toda a estrutura do cenário.

A duração da peça é de 50 minutos; a época em que se desenvolve a ação é a atualidade; classificação comédia e censura livre. (vide foto nº13).

Narra a história de três irmãos, Rita, Rosa Maria e Rubens, que moram todos na mesma casa. A casa foi herança dos seus pais. Vivem com três adolescentes, Gustavo Augusto que é neto de Rita; Paulo Eduardo, que é filho de Rosa e Clara Cristina, filha de Rubens. Rita é a irmã mais velha, viúva, dona de casa, recebe uma pensão deixada pelo marido, avó de Gustavo Augusto, que o educa desde que sua filha os deixou para seguir a carreira de modelo.

Rosa Maria é separada, professora de dança do ventre, educa sozinha seu filho Paulo Eduardo. Rubens é o irmão caçula, trabalha de segurança em uma construção, sua mulher o deixou com uma filha ainda bebê, Clara Cristina, hoje, adolescente que ele ainda trata como criança. Os três adultos têm uma forma diferente de educar os adolescentes. A avó é uma pessoa bondosa, atende a todos os caprichos do neto. Rubens é superprotetor, trata a filha de 15 anos como se ainda fosse criança e Rosa Maria (Rosemary) prioriza o estudo do filho, fazendo de tudo para dar-lhe uma boa formação. Vivenciam situações de conflitos em que

o respeito, o limite, o diálogo e a colaboração são necessários para um bom relacionamento entre todos da casa.

É uma comédia leve, com diálogo claro e instrutivo, além de ter um fundo moral. Possui um final surpreendente.



Foto nº 13 - Em pé: Eliana, Edy, Arlete, Nelson, Cristiano e Rosa; sentados: Josiane, Osvaldo, Mariza, D. Daisy e Rafael.

CENÁRIO, FIGURINO, SONOPLASTIA E ILUMINAÇÃO

O cenário, o figurino, a sonoplastia e a iluminação desta peça foram de autoria de Rosa Riccó (artista plástica).

Cenário: uma sala de visita; ao fundo, uma cortina de renda branca, bordada com botões, fuxicos e borboletas de garrafa pet, aberta ao meio com vários guizos; um sofá de três lugares, a 0,50 cm da cortina e duas cadeiras uma do lado direito do sofá e outra do lado esquerdo, com espaços, entre as cadeiras e o sofá, suficiente para uma pessoa passar (vide foto nº 14 e 15)

Figurino: Clara Cristina usa um uniforme escolar e por baixo roupa de passeio (para facilitar as trocas); Rubens usa uniforme de segurança e roupa colorida para dançar (vide foto nº 17); Rosa Maria usa roupa de dança do ventre e casaco (vide foto nº 16); Rita usa vestido, casaco e avental; Gustavo Augusto usa calça preta, camisa social e camiseta e Paulo Eduardo usa calça preta e camisa social.

Adereços: uma mochila infantil, um fichário escolar, uma mochila grande, lenços de dança (objetos de dança do ventre), peruca, boné, controle remoto, duas revistas, um aparelho de som, dois óculos, um celular, um rádio, duas bolsas de passeio, uma cesta e uma cobra de borracha para dança.

Luz: é usada para marcar as cenas:

- 1ª cena: inicia na 2ª música, a luz aumenta gradativamente até sua totalidade – todos saem, a luz vai diminuindo aos poucos.
- 2ª cena: a luz vai aumentando até o máximo – termina a cena, a luz diminui.
- 3ª cena: inicia-se com luz baixa, que aumenta quando todos entram em cena.
- 4ª cena: a luz continua acesa até o final, abaixa a luz quando todos saem de cena.
- 5ª e 6ª cena: aumentando a luz até o agradecimento final

Sonoplastia:

- 1ª e 2ª música – Falamansa (Deixa entrar);

- 3ª música – Brasil Musical (Domingo no parque);
- 4ª música – Feixe de Luz (Yualapeti);
- 5ª música – Shakira (Hips don't lie);
- 6ª música – Toni Tornado (Amizade);
- 7ª música – Tom Brasil (Praga de sogra);
- 8ª música – Roberto Carlos (É preciso saber viver); é cantada por todos os participantes.

Características dos personagens

Maria Daisy Ortiz dos Santos (66 anos) – **RITA**. Características: viúva, dona de casa, cria seu neto Gustavo sozinha e com muitos mimos, tem mania de limpeza e não suporta a sala desarrumada, implica com Rosa Maria por achar que sua profissão (bailarina) não é trabalho e sim diversão.

Rafael dos Santos Rodrigues (19 anos) – **GUSTAVO AUGUSTO**. Características: mimado pela avó, usa desse subterfúgio para conseguir tudo o que quer, é malandro, chega a ser malvado, gosta muito de comer.

Oswaldo Luiz de Andrade (45 anos) – **RUBENS**. Características: irmão de Rita e Rosa Maria. Segurança de uma construção, é muito medroso, adora dançar em suas noites de folga, tem uma filha adolescente chamada Clara Cristina, é autoritário com a filha e a trata como criança.

Josiane da Silva Arantes (15 anos) – **CLARA CRISTINA**. Características: adolescente, estudiosa, não gosta de ser tratada como criança pelo pai, com diálogo acaba conseguindo o que quer.

Mariza Aparecida de Souza Melo (43 anos) – **ROSA MARIA**. (Rosemary). Características: separada, mãe de Paulo Eduardo, é professora de dança do ventre, vive dançando pela casa, é alegre e educa seu filho com muito diálogo. Gosta que a chamem de Rosemary.

Cristiano Donato Alves (32 anos) – **PAULO EDUARDO**. Características: é alegre e estudioso. Sempre pede opinião para mãe, gosta de se vestir todo “certinho”.



Foto nº 14 – Vó Rita, Rosa Maria (Rosemary), Gustavo Augusto, Clara Cristina, Rubens e Paulo Eduardo.



Foto nº 15 - cenário com Rubens (Osvaldo) e sua filha Clara Cristina (Josiane).



Foto nº 16 – Rosa Maria (Mariza) se preparando para a dança do ventre.



Foto nº 17 – Rubens (Osvaldo) com sua roupa de dança e Clara Cristina (Josiane).

Peça 6 - “A Arte de Viver”

“A Arte de Viver” é de autoria do grupo; a direção é compartilhada por Edy Yamamoto, Rosa Riccó e Arlete Sposito. Contamos também com o apoio do Sr. Nelson Herrera Lopes.

É ambientada em uma aldeia imaginária onde vive um profeta, o qual usa narrativas para aconselhar seus discípulos que estão com dúvidas para tomar decisões. O enredo começa com um discípulo (Florisbela) perguntando ao profeta qual a decisão deveria tomar, Se ela deveria contentar a família ou a aldeia. O profeta aconselha através de histórias, para que o discípulo reflita e tome suas próprias decisões.

Primeira história: uma senhora e seu filho estão a caminho da “feira do rolo” para vender um burrinho. Em seu trajeto, passam por varias pessoas que aconselham a senhora sobre a melhor maneira de levar o burrinho. Ela vai fazendo conforme as pessoas estão falando até perceber que não consegue agradar a todos, decidindo assim fazer o que acha melhor.

Ao final desta primeira parte o profeta e o discípulo voltam ao palco para a conclusão da melhor solução do problema em questão.

A segunda história: um discípulo chamado Teófilo, precisa de um conselho; o profeta lhe conta o conto das uvas verdes, para que ele tire a melhor conclusão para solução de seus problemas. Ao final desta história o profeta deixa dois conselhos.

A peça é encerrada com uma frase de efeito dita por todos os participantes do grupo.

As histórias são engraçadas, envolventes e que trazem varias lições de moral.

Conta com um diferencial, o coringa (vidente), que faz o papel de um narrador. Todos os deficientes visuais trabalham no palco sozinhos, sem a interferência dos videntes. É uma peça alegre, divertida, a história tem um fundo moral e didático, levando o público a uma profunda reflexão.

Outro diferencial dessa peça é a possibilidade de acrescentar outra histórias. Começou com a história do burrinho e agora tem mais uma, que é das uvas verdes.

Foi escrita para ser apresentada a deficientes visuais, por isso utilizou-se um narrador para descrever as cenas (audiodescrição: legenda descritiva para o público com deficiências auditiva e visual).

A peça tem duração de 40 minutos e se passa em uma época imaginária.

PERSONAGENS:

Rosa Maria Riccó Plácido da Silva- o **Coringa ou Curinga** (que pode assumir qualquer valor) seu papel nesta peça é de narrador. (vide foto nº18)

Deficientes visuais: Maria Daisy Ortiz dos Santos - **Senhora**; Cristiano Donato Alves- **filho da Senhora**; Rafael dos Santos Rodrigues - **Teófilo** morador da aldeia, e **Discípulo**; Osvaldo Luiz de Andrade - **Profeta e Petrúcio**; Josiane da Silva Arantes – **Pedrita**; Mariza Aparecida de Souza Melo- **Discípulo e Florisbela**.



Foto nº18- cenário, senhora e o filho com o burrinho, ao fundo: na frente Teófilo e Pedrita.

CENÁRIO, FIGURINO, SONOPLASTIA E ILUMINAÇÃO

O cenário assim como o figurino, os acessórios e a sonoplastia desta peça foram concebidos e confeccionados por Rosa Riccó (artista plástica).

É um cenário muito simples. Decidimos por um espaço livre com um telão ao fundo, já usado na peça *A Herança*, representando a aldeia e o caminho que leva à “feira do rolo”, onde o burrinho seria vendido.

As coxias são abertas no fundo para dar mobilidade aos personagens - a senhora, seu filho e o burrinho; na frente, um fio para segurança dos dois (marcação do espaço). Ver foto nº 18. No chão, para marcar o centro do palco, onde os dois, personagens deviam permanecer, um tapete tátil.

Foi acrescentado ao cenário, para que a segunda história fosse incluída, um cacho de uvas grande e verdes, no centro do telão, preso em uma estrutura; do lado direito do público, outro telão representando a árvore da sabedoria e duas almofadas que imitavam pedras, para que o Profeta e o Discípulo pudessem sentar durante o desenvolvimento da segunda história.

Figurino: o **Coringa** (narrador) – capa bege, calça preta, bota marrom, luvas pretas e máscara; **Pedrita** (Josiane) – blusa azul, colete rosa e azul, saia estampada, tiara com flores no cabelo, sacola ou bolsa; **Florisbela** e **Discípulo** (Mariza) – blusa vermelha, colete rosa, saia estampada, no cabelo uma tiara de flores, sacola ou bolsa ao Discípulo acrescenta-se somente um véu vermelho; **Senhora** (D. Dayse) – vestido listrado rosa e branco, avental rosa, lenço colorido no cabelo; **Filho** (Cristiano) – calça Jeans azul, camiseta laranja, colete azul marinho; **Teófilo** e **Discípulo** – calça Jeans azul, camiseta preta, colete azul e bege e um bernal, para o Discípulo foram retirados o colete e o bernal; **Petrúcio** e **Profeta** – calça Jeans azul, camiseta bege, colete azul e bege; Profeta – hábito de frade franciscano marrom, cajado com sinos na ponta e o **burrinho** - cavalinho de pau (ver fotos nºs 19, 21 e 22).

Adereços: uma sacola de vime, duas bolsas de lona, dois bornais, uma pipa de papelão, bolinhas de papel, burrica (bolinha feitas de papel alumínio), colher de pau, cacho de uvas, bola, uma bola, um echarpe, um boné e uma caixa de plástico.

Ob: tanto o figurino quanto os adereços são customizados com materiais recicláveis.



Foto nº 19 - a Senhora, o filho e o burrinho atrás; na frente, o Coringa.

Sonoplastia: no início da peça, a música nº9, Ato 9 do CD Brisa e Sonho, orquestra Ronaldo Lark - Sonho Fugaz, na segunda parte, entra o mantra nº 6 do CD Meditação Unity (replay). No final para organizar a entrada dos deficientes visuais para o desfecho e agradecimentos finais, CD Brisa e Sonho, orquestra Ronaldo Lark, música nº 6.

Iluminação: geral



Foto nº - 20 o apoio montando o cenário; Arlete, Leila, Sr. Nelson, Edy e Karina.



Foto nº 21 - personagens a Senhora, o filho e o burrinho.



Foto nº 22 - o Profeta (Osvaldo) e o Discípulo (Mariza).

Discussão, evolução e comparação das peças

Na peça *Em Busca da Felicidade* não havia rubrica no texto, os atores entravam sempre pelo mesmo lado. Alguns atores eram conduzidos pelos videntes; estes entravam e saíam de cena para trocar o cenário e posicionar os cegos nos locais exatos para dar início e continuação à representação. A peça era longa, possuía onze atos e sete trocas de cenário; havia também três atores que interpretavam cada um dois personagens, mas que não mudavam de interpretação, isto é, eles não tinham expressão nem interpretação. Não havia sonoplastia nem iluminação. No final a peça terminava em festa, cada personagem tocando um instrumento.

Optou-se na peça *A Herança* por uma direção compartilhada (onde se dirigia um cego de cada vez). Se na direção com atores videntes é necessário limpar os movimentos, com os cegos é necessário aumentá-los.

Todas as expressões e gestos são mostrados aos cegos através do tato, isto é, suas mãos são conduzidas a fazer os gestos necessários para cada cena (no rosto também). Foram acrescentadas rubricas ao texto para facilitar o trabalho da equipe de apoio.

Os atores não cruzavam o palco de um lado para outro continuavam saindo e entrando no palco do mesmo lado, eles sentiam dificuldade de encontrar o local onde seria desenvolvido seu texto.

Nesta peça eles entravam e saíam sozinho, o apoio só os conduziam dentro das coxias, sendo assim não entravam mais em cena como na peça anterior.

Como havia várias trocas de figurino, os atores saíam todos juntos, deixando assim o palco vazio, somente com a sonoplastia. A solução para suprir esse vazio foi inserir uma personagem, a governanta. Nesses momentos: assim, nos intervalos, a governanta entrava e fazia uma cena à parte, limpando ou acertando as almofadas.

Como o apoio não entrava em cena e todos usavam roupas pretas, o público não acreditava que todos os atores eram cegos; somente ao fim das apresentações, todos entravam para o agradecimento.

Na iluminação usavam-se focos no painel e luz geral. Os atores apresentavam mais expressão. Peça de nove cenas, que também terminando em festa.

Já na peça *Uma família especial*, continuou com as rubricas no texto, com a direção compartilhada, aumentou as marcações de palco (locomoção dos cegos). Os atores continuavam entrando sozinhos, só que agora, os que tinham mais destreza, cruzavam o palco. É necessário ter objetos em cena como por exemplos, moveis para marcação, sem estes eles ficam sem referências. O cenário não modificava. A luz usada era a geral, e a cada mudança de cena se diminuía a luz, mas nunca chegando ao escuro total, por que, o apoio precisa trocar os objetos e ler as rubricas do texto. A sonoplastia aqui foi usada para mudança de cena e de tempo. Foram aumentadas as expressões e entonações nas falas. Peça com nove cenas, terminando em festa.

Nas peças *A Herança* e *Uma família especial*, optamos pela leitura do texto aos deficientes visuais, explicando as características de cada personagem, para que os atores se expressassem melhor; após a explicação, partimos para as marcações.

Os objetos do cenário deveriam estar prontos para o primeiro ensaio. Cada componente da equipe de apoio ficava com um cego, para o qual eram lidas todas as falas, enquanto os atores repetiam e marcavam o lugar onde deveriam permanecer.

Todos os movimentos, tais como passos, gestos, onde entrar, onde sair, onde parar, quando sentar, quando levantar, eram marcados nas rubricas do texto (vide textos em anexo).

O texto ia sofrendo alterações durante os ensaios. As peças ficaram muito longas, cansativas e dispersavam o público, principalmente as crianças. Eles costumavam apropriar-se do texto e sair do objetivo proposto no início dos ensaios. Várias vezes, tentamos retirar algumas cenas que não tinham sentido, mas eles insistiam e aumentavam as falas nos ensaios, quando a direção não estava presente, sempre surpreendendo a todos no momento da apresentação; era um grupo muito difícil de se lidar, o que deixava muito a desejar.

A rubrica é muito importante no texto para que o apoio saiba a hora certa de trocar os objetos, os acessórios e o figurino, assim como o momento em que o ator deve entrar e sair de cena.

O figurino deve ser leve e deixar os cegos livres para se locomover, sentar e levantar sem causar nenhum constrangimento. Como os atores têm dificuldade em trocar de roupa, elas são trocadas pelo apoio, assim como os objetos utilizados em cena, que são colocados em suas mãos.

A maquiagem também é feita pelo apoio, porém somente nas mulheres (tomando sempre cuidado com os olhos, por serem muito sensíveis). É indispensável explicar com detalhes

todos os objetos e adornos colocados nos atores. É bom que toquem todas as peças e objetos, para terem um conhecimento tátil.

A pesquisa dos painéis é realizada em diversas revistas e livros de artes, baseando-se no texto da peça; são painéis artísticos que conferem um novo visual ao cenário; as cores fortes são para ativar a visão dos deficientes com baixa visão ou visão reduzida. Os painéis grandes e com textura facilita a percepção pelos deficientes.

O uso da pintura artística nos telões se justifica segundo a afirmação de MAGALDI (1991):

A pintura, no teatro, completa a construção arquitetônica. Às vezes, havendo muitas mudanças de ambiente ou desejando-se um efeito de leveza, que é difícil de obter com o cenário. Construído, apela-se para uma solução pictórica, amoldada ao espírito da arquitetura. Uma tela com móveis e objetos pintados não deixa por isso de sugerir um espaço construído, que é aquele em que se move o ator.

Peças que não foram apresentadas ao público

O *Rapto das Cebolinhas* (2000,) texto de Maria Clara Machado, foi adaptada para substituir a peça *Em Busca da Felicidade*. Os atores e o apoio eram em menor número. A intenção do grupo Era experimentar novas técnicas teatrais.

Alguns jogos foram propostos na intenção de aumentar a cumplicidade entre os participantes, porém dois dos deficientes visuais pediram para não mais participar. Após alguns ensaios, os cegos retornaram, mas solicitaram a retirada dos jogos e a substituição da peça, o que foi prontamente aceito pela diretora do grupo. Deu-se início, então, à peça *A Herança*.

Três anos se passaram e os lugares para apresentação das peças esgotaram-se. Novamente tentou-se fazer algo diferente e outra adaptação foi proposta, agora de um texto de Vlademir Capela chamado *Clarão das Estrelas*. Após a adaptação, passou a se chamar *Pássaro Ferido*. Texto pronto, demos início aos ensaios. Novo problema, os ensaios não evoluíram. Em uma reunião, decidimos substituir o texto.

Em 2003, foi escrito o texto *Café da Manhã* de Rosa Riccó especialmente para o grupo, que também não evoluiu. Após uma reunião do grupo, decidiram voltar a fazer a peça *A Herança*.

Essa solução, de retornar a peça *A Herança*, não foi aceita por todos. Todavia, após uma modificação no texto da peça *Café da Manhã*, realizada pela psicóloga Elcira Bragatto, os deficientes visuais concordaram em encená-la. Com as mudanças, resolvi também alterar o nome da peça, que passou a se chamar *Uma Família Especial*.

Na peça *Café da Manhã*, havia quatro cenas que envolviam temas de conflito e discriminação dos idosos; em *Uma Família Especial* aumentamos o número de conflitos, passando a ter nove cenas, onde discutíamos questões como drogas, educação dos filhos, discriminação do idoso, diferença de classe social e adolescência. (texto *Café da Manhã*, anexo nº 5 e *Uma Família Especial*, anexo nº 4).

Conclusão

Nestes anos de vivência com o grupo de teatro “Nova Vida” do Lar Escola “Santa Luzia” para cegos, houve um crescimento indelével de todos os atores cegos, assim como dos voluntários.

As peças *Em Busca da Felicidade*, *A Herança*, *Uma Família Especial*, *Palhaçada*, *Vivendo Amando e Aprendendo* e *A Arte de Viver*, os cegos aprenderam a trabalhar com mais expressões, utilizando técnicas especiais, que desenvolvemos através do tato e do som.

O grupo de teatro “Nova Vida” é diferenciado de outros grupos compostos por deficientes visuais, pois eles se desenvolvem no palco sem a interferência dos videntes. Até o momento não há informações de outros grupos que só trabalhem somente com deficientes visuais em cena.

Os deficientes visuais têm grande dificuldade para se adaptarem a mudanças de texto. O primeiro grupo, da foto nº 6, não aceitou trabalhar com os jogos, queria encenar somente as peças já conhecidas. Após muita resistência, encenou *A Herança* e *Uma Família Especial*, cada uma com duração de três anos.

O aprendizado deles é lento. Um grupo de teatro com videntes, por exemplo, leva em média dois meses para uma estreia; um grupo com deficientes visuais leva de quatro a seis meses. Para que a estreia aconteça e para que eles se sintam motivados, é necessário marcar a data de apresentação da peça.

Sobre a iluminação, para os cegos, não tem sentido; mas para o público, representa uma forma de levá-lo à imaginação e à magia do espetáculo.

Apesar da diversidade de recursos que dispomos atualmente, ainda nos faltam muitos materiais técnicos, especialmente no interior do Estado. Além da escassez de material, o teatro realizado pelos deficientes ainda é amador, os locais de apresentação, geralmente, são improvisados e não há técnicos para operar as máquinas ou mudar os spots de lugar.

Na peça *Palhaçada* foi encenada com três atores, já no espetáculo *Vivendo, Amando e Aprendendo* (2007 a 2009) foi feita uma seleção de deficientes interessados, onde foram escolhidos seis deficientes visuais.

No segundo semestre de 2009, encenamos a peça *A Arte de Viver* com seis atores deficientes visuais; nessa peça, apresentamos uma nova experiência: um participante vidente que narra todas as cenas para os deficientes visuais da plateia (os olhos da plateia).

Todas as peças têm um fundo moral; tentamos passar ao público uma mensagem, com alegria e brincadeiras. Encenamos somente comédias.

Há muito que fazer no teatro com cegos. Muitos preconceitos, ainda, precisam ser superados para podermos fazer um bom trabalho, que não tem por objetivo principal o ganho monetário, mas, sim a satisfação pessoal e o prazer em adquirir mais e novos conhecimentos.

O prazer é a mais nobre função da atividade teatral; é através do prazer que o teatro nos proporciona que teremos condições de nos transformar e, principalmente, transformar a sociedade.

Esse deveria ser o objetivo principal. Não podemos nos esquecer deixar aqui registrado o grande aprendizado durante esses 14 anos, nos quais desenvolvemos técnicas especiais direcionadas aos cegos.

É gratificante quando vemos o crescimento dos deficientes visuais, a vontade de vencer de representar, de superar a cada obstáculo que surge nas apresentações.

Brecht, no fim de sua vida. “A arte deve dar alegria e prazer. Um teatro em que não se pode rir é um teatro do qual se deve rir. As pessoas sem senso de humor são ridículas”. (1899, p. 452).

Referências

- AGUILAR, N. Vicent Van Gogh. **Galeria, Revista de Arte**, São Paulo, ano 4, n. 19, p. 62, 1990.
- AGUILAR, N. A chegada de Segall ao Brasil. **Galeria, Revista de Arte**, ano 6, n. 27, p. 55, 1991.
- BABA, Clara.T. N. **Superando as limitações – a força da luz interior**. São Paulo: Paulinas, 1985. 107 p.
- CAMARGO, Roberto Gill. **Função estética da luz**. Sorocaba: TCM – Comunicação, 2000. 200 p.
- CARROLL, T. J. **Cegueira o que ela é, o que ela faz e como viver com ela**. São Paulo: Campanha Nacional da Educação dos Cegos, 1968. 351 p.
- JAPIASSU, Ricardo. **Metodologia do ensino de Teatro**. Campinas; Papyrus, 2000. 224 p.
- EWEN, Frederic. **Bertolt Brecht Sua vida sua arte seu tempo**. São Paulo: Globo, 1991. 506 p.
- KOUTELA, Ingrid D. **Jogos teatrais**. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 1998. 155 p.
- MACHADO, Maria clara. **Teatro I**. 9 ed. Rio de Janeiro: Agir,1982. 261 p.
- MAGALDI, Sábado. **Iniciação ao teatro**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1991.126 p.
- MANTOAN, Maria T. E. et al. **A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Senac, 1997. 235 p.
- MANTOVANI, Ana. **Cenografia**. São Paulo: Ática, 1989. 92 p.

MARTINS, A. Grande flor azul. In. LIMA, M. B. (Edit.). **Brazilianart II**. São Paulo: Jardim Contemporâneo, [s.d.]. p. 72.

PEIXOTO, Fernando. **O que é teatro**. 14 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. 91 p.

PEREIRA, Maria de L.M. **A arte como processo na educação**. Rio de Janeiro: Funarte, 1981. 64 p.

PIMENTEL, W. Invólucro: a sombra do abajour. In: LIMA, M. B. (Edit.). **Brazilianart II**. São Paulo: Jardim Contemporâneo, [s.d.]. p. 447.

SOUZA, Alcídio M. D. **Artes plásticas na escola**. 5 ed. Rio de Janeiro: Bloc, 1974. 162 p.

Anexos

Anexo 1

PERCEBER SEM VER - UMA PROPOSTA DE ARTES PLÁSTICAS PARA DEFICIENTES VISUAIS (dv)

Rosa Maria Riccó Plácido da Silva rosaricco@gmail.com.br

Profa. Dra. Nelyze Aparecida Melro Salzedas

Prof. Ms. Carlos Alberto Albertuni albertuni@uel.br

Universidade do Sagrado Coração – Bauru

RESUMO

A pesquisa objetivou a busca de materiais táteis que pudessem ser aplicados na elaboração de trabalhos artísticos voltados para deficientes visuais, com o objetivo de ampliar o conhecimento nas artes.

Palavras-chave: Deficientes visuais. Arte-educação. Inclusão, Artes Plásticas.

ABSTRACT

The research objectified the search of tactile materials for they be applied in the elaboration of artistic works, gone back to the faculty one visual, with the objectified of enlarging the knowledge in the arts.

INTRODUÇÃO

A pesquisa visou divulgar obras de artes junto aos D.V. (Deficientes Visuais), através da construção de obras artísticas táteis, buscando atender as necessidades visuais dos deficientes especificamente nas artes plásticas.

Durante a revisão bibliográfica ficou evidente a inexistência de referências sobre a área objeto de estudo. Verificou-se e comprovou-se a existência de uma grande dificuldade sobre o assunto pesquisado. Esta pesquisa objetivou a verificação do estado da arte, e em relação ao tema em desenvolvimento, os resultados verificados, embasados na revisão bibliográfica analisada, até o presente, comprovam que nada foi ainda desenvolvido.

Destaca-se a fase da pesquisa em que se buscou materiais que possibilitassem a confecção de obras artísticas, nessa fase buscou se materiais táteis adequados e que fossem utilizados na produção de obras artísticas destinadas ao público de portadores de deficiência visual, como também saber quais os sentimentos que as obras despertavam no público alvo da pesquisa.

Da definição e posse dos materiais, foram construídas sete obras artísticas direcionadas aos deficientes visuais, que foram por eles apreciadas e destinadas a exposições.

OBJETIVOS

Pesquisar junto à bibliografia o estado atual de trabalhos artísticos direcionados aos deficientes visuais.

Desenvolvimento de materiais expressivos táteis destinados à produção de obras artísticas que proporcionassem a apreciação e a compreensão das artes plásticas pelos deficientes visuais.

Construção de obras artísticas, direcionadas ao público portador de deficiência visual, para apreciação, assim como o da divulgação das artes plásticas junto à comunidade de deficientes visuais.

METODOLOGIA

Nesta pesquisa, foram realizadas visitas, previamente definidas, em escolas, sociedades e instituições destinadas aos deficientes visuais. Através de entrevistas sob a forma de questionário e registradas também via gravador, buscou-se informações que subsidiassem a pesquisa. Pelo contato direto com os portadores foram levantados aspectos referentes às artes plásticas, como se tinham conhecimento de algum artista plástico, se tiveram contato com alguma obra de arte, se já tinham trabalhado com algum material artístico e qual a espécie de artesanato que mais lhe agradava.

Pesquisaram-se materiais expressivos, tais como, a argila, lápis de cera, etc., com o intuito de utilizá-los em obras artísticas.

Foram propostas e executadas visitas a escultores, marceneiros, artesões e artistas da região, buscando-se outras informações relacionadas ao tema, onde se registrou todos os materiais encontrados nas visitas, além de atender os objetivos determinados no início da pesquisa.

Destaca-se, também, os exercícios iniciais realizados com os deficientes visuais, através da confecção de um quebra-cabeça feito de compensado, Era constituído de nove peças e cada uma media 21 x 30 cm. Elaborou-se um desenho que foi transposto para o papel vegetal e recortado segundo as dimensões das placas.

O desenho elaborado inicialmente foi copiado e transposto para as placas através de papel carbono. Cada pedaço do desenho foi recortado em cima das texturas e colado sobre as placas demarcadas anteriormente

Para o teste definitivo desses materiais, foram utilizadas as placas isoladamente; na sequência as placas eram aglutinadas, formando um quadrado de 90 X 63 cm.

Verificou-se que a dimensão do quadrado, comparando-se à extensão de um braço, não facilitava seu acesso pelos deficientes, uma vez que estes não o alcançavam em sua totalidade.

As figuras, configuradas como abstratas confundiam, vez que na sua integralidade, o tato ficou relegado a um plano menor, o que muita confusão.

No entanto, em relação às texturas, conseguiu-se perceber os sentimentos e identificar as sensações, tais como ódio, agonia, coisas ruins, desagradáveis, tristeza, alegria, coisas boas, brincadeiras, amor, saudade, distância, ansiedade, carinho, etc. Os sentimentos mencionados foram utilizados nas obras finais.

Houve a criação e vinculação de uma página na INTERNET, específica sobre o assunto, com vistas à obtenção de dados e troca de experiências ligadas a área estudada, que também possibilitou um retorno significativo, pois pouco ou nada ainda havia sido realizado.

Finalmente, a elaboração e construção de sete obras artísticas que possibilitaram concretizar os objetivos propostos no trabalho, sendo essa fase registrada por meio de filmadora.

RESULTADOS

Através da leitura da bibliografia previamente definida, voltada para o estudo dos deficientes visuais, e daquela destinada às artes plásticas em conjunto com as correspondências enviadas por e-mail, conclui-se que a procura sobre o assunto é grande, no entanto, até o momento não se encontrou nada específico sobre artes para deficientes visuais.

Nas entrevistas com dirigentes de instituições, escolas, associações e com os próprios deficientes visuais, deduz-se que na cidade de Bauru (SP), não se tem levado aos deficientes o conhecimento sobre artes.

Quando da aplicação de materiais junto aos deficientes visuais, verifica-se que eles não possuem dificuldade em manipulá-los, sendo bastante acessíveis à aprendizagem. No entanto, a interferência do vidente acaba embarçando o trabalho, na ótica de uma crítica dirigida.

Foram confeccionadas sete telas, nas dimensões de 60 x 60 cm, entretanto, para as obras finais, estabeleceu-se outra dimensão, ou seja, 50 x 50 cm. Os temas definidos e trabalhados foram ligados ao amor e à beleza. Os títulos ficaram assim estabelecidos: “Teatro”, “Música”, “Dança”, “Pintura”, “São Francisco de Assis”, “Terra é Vida” e “Beija-Flor”.

Dos dados levantados, conclui-se que os exercícios e os testes realizados anteriormente e já mencionados proporcionaram aos deficientes visuais um conhecimento dos materiais, que proporcionavam sentimentos intimamente a eles ligados. Vale ressaltar que a pesquisa possibilitou aos deficientes visuais informações diversas, que jamais haviam sido vivenciadas, ou seja, a experimentação artística.

DISCUSSÃO

Dos dados levantados até o presente momento, pode-se afirmar que existe uma necessidade latente, por parte dos deficientes, de uma complementação artística, o que possibilitará uma integração maior às atividades culturais como um todo. Foi visto e registrado na cidade de Bauru (SP) a existência de um grupo de teatro denominado “Nova Vida”, do lar escola Santa Luzia para Cegos, formado por deficientes visuais, que desenvolvem muito bem essa atividade, no entanto, não se verifica nada em relação às artes plásticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que, as artes plásticas têm uma importância fundamental a ser considerada na complementação do ensino para os deficientes visuais, principalmente aqueles existentes na cidade de Bauru (SP), pois possibilita a essas pessoas um conhecimento mais aprofundado das artes, além de se tornar um excelente meio de expressão.

Verificou-se certo receio, entre os deficientes visuais, quando da apresentação da proposta, que era a de iniciá-los na área das artes plásticas, pois estes se viam incapacitados de utilizarem a linguagem plástica como meio de comunicação.

No levantamento bibliográfico, percebeu-se utilização da arte como forma de estímulo à criatividade, tanto de pessoas videntes, como dos deficientes, pois é ponto fundamental de integração entre o mental com o educacional.

Na fase de levantamento dos materiais a serem utilizados na construção das obras artísticas, registrou-se a relação entre eles e os sentimentos que despertavam nos deficientes visuais; assim, a lixa despertava sentimento de ódio, agonia e tristeza, além de representar coisas ruins

e desagradáveis; a borracha E.V.A, alegria, coisas boas e brincadeiras; a renda estava ligada ao amor, o feltro à ansiedade; a tela para bordar parecia neutra, portanto não foi utilizada na confecção dos trabalhos; o veludo representava amor, carinho e coisas boas; a borracha utilizada para tapetes de automóveis também era neutra, todavia, os deficientes visuais não a conheciam; feltro utilizado para limpeza doméstica despertava sensações de agradabilidade.

Uma observação interessante a ser registrada é que a falta de conhecimento de alguns materiais utilizados proporcionaram sentimentos duplos na interpretação feita pelos usuários alvo da pesquisa.

As obras realizadas possuem características diferentes daquelas vistas normalmente, pois estas devem ser expostas sobre uma mesa, aproximadamente na altura da cintura dos deficientes visuais, para que possam ser manipulá-las com facilidade.

Deduz, até o momento, pela necessidade de se trabalhar como os deficientes visuais de forma diferente, não tentando compará-los com os videntes, mas, sim, levando em consideração o seu mundo sem luz e imagem.

Em relação à obra de arte, esta é sempre analisada pela visão e apreciada pela sua beleza visual. O que se buscou nessa pesquisa foi a percepção da beleza tátil, o que para os videntes não é o mais importante, mas que para os deficientes visuais têm um significado extremamente relevante, visto que traduz-se em mais uma forma de aprendizagem artística.

AGRADECIMENTOS

USC - Universidade do Sagrado Coração (Bauru)

FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

BIBLIOGRAFIA

AMARAL, L. A. Pensar a diferença/deficiência. Brasília: Corde, 1994. 91 p.

AMIRALIAN, M. L. T. M. Compreendendo o cego, uma visão psicanalítica da cegueira por meio de desenho - estórias. São Paulo: Casa da Psicóloga (FAPESP), 1997. 321 p.

ARNHEIN, R. Arte e percepção visual. 8 ed. São Paulo: Pioneira, 1994. 503 p.

BABA, C. T. M. Superando as limitações: a força da luz interior. São Paulo: Paulinas, 1985. 107 p.

CARROLL, T. J. Cegueira, o que ela é, o que ela faz e como viver com ela. São Paulo: Campanha Nacional da Educação dos Cegos, 1968. 351 p.

CUTSFORTH, T. D. O cego na escola e na sociedade: um estudo psicológico. São Paulo: Campanha Nacional da Educação dos Cegos, 1969.

D'ANGELO, C. Crianças especiais: superando a diferença. Bauru: EDUSC, 1998. 186 p.

FISCHER, E. A necessidade da arte. São Paulo: Círculo do Livro, 1975. 257 p.

NUNES, B. Introdução a filosofia da arte. São Paulo: Ática, 1991. 128 p.

PEREIRA, M. de L. M. A arte como processo na educação. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1981. 64 p.

RIBAS, J. B. C. O que são pessoas deficientes. São Paulo: Nova Cultura, 1985.

SOUZA, M. de. Artes Plásticas na escola. Rio de Janeiro: Bloch, 1974. 159 p.

Anexo 2

JOGOS PARA DEFICIENTES VISUAIS

INÍCIO

Iniciar os jogos com alongamento dos braços, pescoço, pernas e voz

1. AQUECIMENTO

1.1. Reconhecimento do local. (o local deve ser amplo e limpo, isto é, sem móveis e nada no chão em que eles possam tropeçar).

- em fila, andar de uma parede a outra, cruzar em linha reta e depois na vertical, (memória corporal do espaço).

- Andar com liberdade pelo espaço já memorizado (em círculo ou de uma parede a outra).
- O dirigente sugere algumas ações, que devem ser demonstradas pelos deficientes, tais como:
 - Andar devagar;
 - Andar depressa;
 - Andar normal;
 - Ao sinal sonoro, bater palmas ou parar de bater palmas;
 - Continuar andando;
 - Sensação de frio, calor;
 - Sentimento de tristeza, alegria;
 - Reações como se estivessem no fundo do mar (movimentos leves e lentos);
 - Andar rápido, outra vez;
 - Andar normal até parar;
 - Relaxar respirando profundamente.

2. ENTROSAMENTO.

Objetivo: movimentação através do som.

Foco: reconhecer o amigo,

Descrição: posiciona-os em duas filas, uma de frente para outra, (espaço de 5 passos) numerar as duas filas, o dirigente chama dois números que deveram ir até o centro e cumprimentar – se. Eles devem andar imitando um som, para que se localizem no espaço. Depois de se cumprimentar virar um de costas para o outro e voltar para o lugar. (para voltar no lugar o companheiro do lado deve emitir outro som para que ele ache seu lugar).

Notas: os sons devem ser diferentes para cada cego, também deve mudar para voltar ao lugar.

3. ESPELHO E SOM (limpa a fala)

3.1 – Espelho

Objetivo: comunicação oral, mas não verbal,

Foco: espelhar os sons do amigo,

Descrição: dois jogadores um de frente para o outro, sentados, o dirigente coloca a mão no ombro do cego que vai começar. O outro jogador é quem reflete e espelha o sons. Quando for dada a instrução: troca! Quem refletia passa a ser o iniciador. As trocas devem ser feitas sem interrupções do som,

Notas: Os sons podem ser altos ou baixos, gritados ou sussurrados. A variedade é desejável.

- os jogadores em duplas podem estar em diferentes lugares da sala.
- todos podem participar do jogo simultaneamente.

3.2 – Animais

Objetivo: reconhecimento dos animais pela memória auditiva.

Foco: imitação de animais.

Descrição: duas filas uma de frente para outra dando espaço entre elas. Cada cego escolhe um animal para imitar, guardando o animal escolhido para si, depois de todos escolherem seu animal, terá um tempo para lembrar bem desse animal, como anda o som que faz o que come, onde vive etc. Acabando o tempo, começa a imitar seu animal o primeiro da primeira fila, e o último da segunda fila tem que descobrir que animal é e tentar descrevê-lo o que imitou tem de dizer se está certo ou não, ganha a fila que acertar mais.

4. SAPATOS MISTURADOS

Objetivo: reconhecimento do sapato pelo tato.

Foco: seus sapatos.

Descrição: todos os jogadores em círculo, sentados no chão, tiram os sapatos. O dirigente coloca todos os sapatos misturados no centro do círculo; ao sinal os jogadores devem ir até o centro do círculo e pegar seus sapatos, voltar para o lugar e colocá-los nos pés. Ganha o aquele que conseguir calçá-los primeiro.

Obs.: antes de tirarem os sapatos, eles devem ser tocados por alguns segundos, para que sintam o formato, o cheiro, peso etc. Para que eles localizem o centro do círculo, uma pessoa vidente deve lá se posicionar e imitar um som.

5. MEMÓRIA

Objetivo: ajudar os cegos a memorizar uma história.

Foco: história.

Descrição: os jogadores devem estar em círculos e sentados em cadeiras. O dirigente começa a contar uma história; um dos participantes deve repetir o início da história e acrescentar uma frase, e assim seguir até chegar ao último.

Obs.: se houver interesse do grupo, pode dar quantas voltas quiser no círculo, até terminar o assunto.

6. IMPROVISACÃO

Objetivo: estimular a improvisação.

Foco: os personagens.

Descrição: o dirigente lê uma ou duas cenas de um texto (não deve ser muito longa), realçando as devidas entonações e explicando as características dos personagens. Os jogadores são divididos em grupos para que apresentem o texto como foi compreendido. Todos os objetos devem ser imaginados e demonstrados através de gestos.

Obs.: os jogadores devem interpretar todos os personagens.

7. CONHECIMENTO PELO TATO

7.1 – Mão na mão

Objetivo: fazer com que os cegos tenham um melhor conhecimento dos objetos usados em cena.

Foco: objetos

Descrição: em círculo e sentados, passar todos os objetos usados em cena de mão em mão. Procurar reconstituir, pela ordem, a relação dos objetos que tiveram em suas mãos. Pode-se complicar o jogo solicitando que eles descrevam a forma, a dimensão e o peso, dos objetos.

7.2 – Mão na mão 2

Objetivo: desenvolver a atenção através do tato.

Foco: reconhecer o outro através das mãos.

Descrição: define-se um cego para sentar na frente, de costa para os outros; escolhe-se outro para vir até ele em silêncio. Pelas mãos do parceiro, tenta-se reconhecer o colega usando apenas o tato. Se achar que já sabe, diz o nome em voz alta. O jogador tem somente uma chance de acertar. Se acertar, continua, caso contrário, troca-se de participante. Continua assim até que todos participem. Ganha quem acertar maior número de colegas.

RELAXAMENTO

Descrição: todos de pé ou deitados em círculos; relaxar através de uma respiração bem lenta e profunda.

Anexo 3

Texto das peças:

“A HERANÇA”, “CAFÉ DA MANHÃ”, “UMA FAMILIA ESPECIAL”, “PALHAÇADA”, “VIVENDO AMANDO E APRENDENDO” E “A ARTE DE VIVER”,

Texto 1

“A HERANÇA”

Luz: acender spot 2, terminando a música, acender geral. (a luz que refiro aqui marca o telão se os personagens estão no sitio ou na cidade, spot 1 cidade e spot 2 sitio). (Terminado a cena, apagar todas as luzes).

Sonoplastia:

- 01 – (abertura – sítio) “Lamento Sertanejo” – CD. Brasil Musical, música viva;
- 02 – (casa nova – cidade) “Mulher Rendeira” – CD. Brasil Musical, Tom Brasil;
- 03 – (visita do padre – cidade) “Corumbá” – CD. Almir Sater.
- 04 – (festa – cidade) “Brejeiro” – CD. Brasil Musical;
- 05 – (amante – cidade) “Urubu Malandro” – CD. Brasil Musical;
- 06 – (família volta ao sítio) “Luar do Sertão” – CD. Brasil Musical;
- 07 – (Dodô não encontra a família – cidade) – “Mazurca” – CD. Choro Almir Sater;
- 08 – (Dodô sozinho – cidade) “As Rosas não Falam” – CD. Brasil Musical;
- 09 – (cena final – sítio) “Prelúdio” - CD. Brasil Musical.

Cenário: Um painel pintado dividido ao meio em sítio e cidade, no fundo um painel pintado: uma metade para o sítio e outra para a cidade (sítio à direita do público, cidade à esquerda); na frente do painel, um sofá também dividido e caracterizado em sítio (uma almofada de retalhos sobre uma manta de chitão florido) e em cidade, (almofada de cetim e manta de crochê); duas cadeiras: uma do lado do sítio com o acento de fuxico (trouxinhas de artesanato) e outra cadeira do lado da cidade com o acento de crochê.

■ CENA 1

Luz: acender spot 2 sitio, depois luz geral.

(entra o Advogado no sitio pela direita o público)

Advogado: O endereço está certo (bate palmas).

(entra Chiquinha pela esquerda)

Advogado: Boa tarde. Aqui que mora o Sr. Isidoro Souza e Silva?

Chiquinha: Sim, Dodô, meu pai.

Advogado: Poderia chamá-lo, por favor.

Chiquinha: (gritando) Pai, tem um cara aqui na porta chamando o Senhor Falo que o Sr. Tá ou não?

Dodô: (responde da coxia) Depende, é cobrado?

Chiquinha: sei não.

Dodô: tá com maleta ou paper na mão?

Chiquinha: (olhando espantada) ih! Tá sim, pai (ameaça sair correndo).

Advogado: não, a senhora não entendeu. Eu não sou cobrador, sou advogado e venho lá da capital para falar um assunto muito importante com Sr. Isidoro.

Josefa: (entra pela esquerda) Que gritaria é essa menina. Ué que é esse home ai.

Chiquinha: Diz que é um ad... ad..(virando para o advogado) ad.. o que.

Advogado: advogado, minha senhora. Posso falar com Sr. Isidoro Souza e Silva, por favor, (já irritado).

Josefa: Claro, porque não falou logo. (grita) Dodô, tem um home aqui querendo fala com ôce, vem logo, home.

Senhora Dita: Tá me chamando? Tão me chamando?

Josefa: não mãe, é o Dodô.

Sr^a. Dita: (grita chamando o Dodô). Dodô

Dodô: Já to indo. Pronto aqui to eu. O que aconteceu?

Advogado: Prazer em conhecê-lo Sr. Isidoro, tenho grande noticias para o Senhor, posso entrar para explicar melhor?

Dodô: Pois então entre. Muié acomode o Doto. (depois de todos acomodados). Senta ai minha folha, parece que esta menina não esta enxergando, muié precisa levar esta menina no ginecologista.

Josefa: não e ginecologista Dodô e oftalmologista.

Dodô: Ta bao. Então que grande noticia é essa doto.

Advogado: tenho uma carta aqui do seu avô.

Dodô: Avô? (espantado)

Josefa: Uai, ôce não falou que não tinha ninguém vivo na família? Ocê mentiu pra mim Dodô?

Dodô: Eu não muié. Esse cara tá louco. Nunca tive avô.

Advogado: Eu explico. Seu avô sabia que tinha um neto, mas desconhecia seu paradeiro. Há muito tempo ele vem procurando pelo senhor, e quando descobriu onde morava, o coitado morreu. Nem pode conhecê-lo, mas deixou um testamento para o senhor, onde deixa toda sua fortuna.

Todos juntos: O que?

Dodô: uma fortuna? Tamo rico?

Senhora Dita: Agora posso colocar meus dentes para masca meu pé de frango.

Advogado: O Senhor tem que se mudar lá para capital, para tomar conta de seus negócios de perto.

Josefa: Na capitar, ah não, isso não vai dar certo, Dodô.

Chiquinha: vamo sim, que legal, na capitar. Vamos pai.

Senhora Dita: gostei da idéia, lá meu radinho vai pega mio.

Dodô: Bão, se não tem outro jeito, nós vamos. Vá arruma a trouxa, muié.

Advogado: não precisa. Compraremos tudo lá.

Dodô: Ah, mas o Anastácio vai. (Anastácio é um papagaio de pelúcia preso em uma gaiola de madeira) pega o Anastácio muié. (Josefa sai para esquerda). Mais me fale doto como é lá na capitar? A casa é grande? vou pode criar meus bicho lá?

Advogado: É grande, mas acho que criar bicho não dá não. Lá tem piscina, campo de golfe, de tênis, muitos jardins. O senhor irá gostar.

Josefa: (volta com Anastácio e uma trouxa de pano).

Chiquinha: o que é isso mãe? Não viu o home fala que não precisa leva nada.

Josefa: não é só uns treco meu. Meu santinho, minha bíblia e meu pé de coelho. (virando para a mãe) que é isso agora mãe?

Senhora Dita: to procurando meu fumo. Será que lá na capitar tem fumo e paia tão bao quanto estes.

Advogado: então vamos embora.

■ CENA 2

Luz: acender spot 1 cidade, depois geral, marcar cidade no tel6o.

Chegada na mans6o, entram todos olhando admirados com o luxo, a beleza, e o tamanho da casa, fazendo coment6rios.

Chiquinha: (pula no sof6) que sof6 macio, que delicia. N6o acredito que 6 toda nossa.

Senhora Dita: Pois eu acredito, 6 toda nossa.

Dod6: n6o 6 nada seu n6o veia, nem vem ficar contente n6o.

Josefa. Dod6, deixa a m6e em paz.

Advogado: Preciso falar com o senhor em particular, tenho que explicar seu patrim6nio e sua rotina de trabalho.

Dod6: Vai mui6, pega a Chiquinha e sua m6e e vai arranja coisa pra fazer.

Advogado: Elas podem ir para a piscina.

Chiquinha: oba, vam6 m6e vam6 v6. (saem de cena, Josefa e Chiquinha para a esquerda e a senhora para a direita)

Advogado: seu Isidoro, o patrim6nio de seu av6 que agora 6 seu 6 de cerca de um bilh6o de d6lares.

Dod6: cruz credo, nem sei quanto 6 isto.

Advogado: para o senhor ter uma id6ia, tem umas 30 fabricas, uns 10 postos de gasolina, mais de 50 im6veis alugados, uma ilha inteirinha s6 para poder descansar, e varias propriedades espalhadas pelo mundo, porque como ele viajava muito e precisava de um local

para dormir e como não gostava de ficar em hotéis, comprava uma propriedade e também tem apólices de seguros e ações.

Dodô: to tonto só de ouvir tudo isso.

Advogado. Mas para construir todo esse patrimônio, ele levantava cedo e dormia tarde da noite, quando conseguia dormir.

Dodô: deus me livre.

Advogado: é seu Isidoro, infelizmente para conseguir manter esse patrimônio, terá de fazer o mesmo. Frequentar várias reuniões no mesmo dia, pela suas empresas, são reuniões com compradores, acionistas, advogados, telefonemas que terá de atender e fora as viagens para o exterior que terá de fazer.

Dodô: para. Para. Seu Ralei. To cansado só de ouvir. A partir de agora te contrato prá ver tudo isso prá mim.

Advogado: mas, senhor Isidoro...

Dodô: nem quero ouvir, ocê acha que eu vim aqui pra trabaiaí, agora que fiquei rico, quero mais é vida boa. Trabalhei muito na roça, agora quero aproveitá. Por isso tenho agora esse montão de empregados e ocê prá me ajuda.

Advogado: mas, senhor Isidoro, tem coisa que só o senhor pode resolver.

Dodô: tá bom, daqui uns tempo eu posso ir nessa tar reunião, mas não agora, quero é me divertir e quero começar agorinha. Vo la prá piscina também.

(Entra o motorista e a governanta pela direita, à governanta vai parar sempre atrás do sofá e Piter do lado do sofá e o advogado na frente da cadeira)

Piter: Dá licença Dr. Harley. Queria saber se irão precisar do carro agora.

Advogado: Senhor Isidoro, esse é Piter seu motorista particular, e esta é Constância sua governanta.

Dodô: Prazer Constância, Pite nome bonito, roupa bonita, prazer Pite.

Piter: Tó chique no último seu Isidoro. (nisso entra Chiquinha correndo com roupa de banho roupão com uma bóia na mão.

Chiquinha: Pai, pai, a água tá uma delici, vamo...(para de falar quando vê Piter e deixa cair a bóia, no mesmo instante Piter corre para pegar e ela de abaixa também)

Dodô: (percebendo o clima que se formou entre o casal) vamos menina, anda logo, to vendo este teu jeito menina.

Chiquinha: to indo pai, to indo (sai olhando para Piter).

Advogado. Piter, me leve para o escritório.

Piter: sim senhor.

■ CENA 3

Luz: acender spot 1 cidade, depois geral.

(entra pela direita o padre amigo do avô de Isidoro (Dodô), costumeiramente chega um pouco antes do almoço para uma visita).

Padre: (fala sozinho). Cheirinho tá bom. O que será. Parece pato assado, será (para nas costas da cadeira senta e espera o pessoal da casa).

Dodô: (entra pela esquerda e leva um susto em ver um padre na sala) Sua bença padre.

Padre: Deus te abençoe (fazendo sinal da cruz), eu sou o padre Pedro, padre da paróquia do bairro e era um grande amigo de seu falecido avô.

Dodô: muito prazer seu Padre.

Padre: Então, o Senhor que e o famoso Isidoro Souza e Silva Neto.

Dodô: O seu criado, mas pode me chamar de Dodô mesmo.

Padre: E então, já se acostumou aqui, está gostando da nova casa da nova vida.

Dodô: não tem como não gostar seu Padre. Piscina, muita comida boa, festança prá todo lado, isto que é vida. (entra Chiquinha e a avó chega vê o padre e já pede a bença. Dodô os apresenta e eles se acomodam).

Padre: Espero vocês lá na missa domingo, seu Isidoro, seu avô, que alma boa, que Deus o tenha não perdia uma missa. E ajudava muito a igreja com suas doações.

Dodô: Que home bão, né.

Padre: Ajudou a construir a creche, a escola, a praça.

Dodô: Puxa vida.

Padre: Então, e agora, a igreja tá precisando de umas reformas, não sei o que fazer.

Dodô: é o que fazer...

Senhora Dita: não ta vendo o Padre pedi,antes você era um trapeiro, agora ta cheio de ouro. Para de ser pão duro e dá um auxílio pro padre, Dodô.

Dodô: O veia, não se meta, a conversa não chegou ai.

Chiquinha: Pai, não fala assim como a vó. (entra o motorista).

Piter: Doutor trouxe sua encomenda.

Dodô: que bão chegou a minha coleção do Tônico e Tinoco, me dá aqui. (Piter entrega a encomenda e olha para a Chiquinha)

Piter: Oi Chiquinha.

Chiquinha: Oi Piterrrr.

Dodô: Tá dispensado, Piter, vai, vai. (entra Josefa)

Josefa: Ué, o Padre tá aqui e não me chamaram, me desculpe seu Padre. A sua bença.

Dodô: oh, mulher o que vai ter de almoço hoje.

Josefa: Vou ver com a Constância, Constância.

Constância: sim, senhora.

Josefa: O que vai ter de almoço, Constância.

Constância: Madame, mandei preparar um cardápio que tenho certeza que todos vão gostar.

Josefa: mas, me fale então.

Constância: bom para entrada será servido um antepasto de petit-poá com canapés.

(Josefa faz cara de interrogação) Traduz isso, eu nem sei o que é isto.

Constância: Patê de ervilha com pão em rodelinhas.

Josefa: Ah bom, que susto, que mais.

Constância: teremos como prato principal, pato com laranja, sei que o Senhor Isidoro aprecia.

Padre: Eu também, eu também.

Constancia: Continuando (fazendo cara feia para o padre), arroz com açafrão e batata sotê.

Josefa: Oh meu Deus, lá vem você de novo com esses nomes.

Constância: Desculpe madame, é arroz com pozinho amarelo e batata na manteiga.

Chiquinha: e a sobremesa?

Constância: Teremos mouse de chocolate e pudim de leite como a senhorita Fran sugeriu.

Senhora Dita: E meu doce de macaxeira?

Constância: Deus me livre, não sei nem o que é isso.

Josefa: Mãe, deixa pra lá, vamos almoçar que está esfriando. Tá servido seu Padre.

Padre: depois desse delicioso cardápio, não tem como recusar, e aquele pudim, hummmmm que delicia.

Dodô: (cochicha) que disse que ele ia embora, veio mesmo prá fila bóia.

Josefa: vamos come pessoal.

■ CENA 4

Luz: Acender spot 1 cidade, depois geral

(entram Josefa, Dodô, Chiquinha e Senhora Dita se arrumando para irem a um jantar, onde serão apresentados aos amigos do avô, a sociedade de São Paulo).

Josefa: (entra arrumando a gravata de Dodô) Dodô, oçê precisa arrumar está gravata. Vamos ser apresentado para sociedade de São Paulo, home.

Dodô: (tentando tirar a gravata) não quero. E esses sapatos, tão apertando meu pé.

Chiquinha: O Senhor não vai querer envergonhar a gente, né pai, são tudo amigo do vô.

Senhora Dita: como estou. Tá fartando argo filha.

Josefa: Tá bão mãe. Sente e espera ai. Minha filha, este vestido tá muito decotado, pode ir tratando de colocar um casaco. Quer parecer uma muié da vida. Constância traga o casaco.

Chiquinha: (coloca o casaco reclamando)

Josefa: Tô pronta Dodô.

Dodô: Cadê aquele infeliz do motorista. Piter, Piter.

Piter: Pois não. Dotor.

Dodô: vamos embora traste, cadê o seu rale...

Piter: quem doutor.

Chiquinha: pai é Senhor Ralei.

Piter: Ah o Sr. Harley. Ele deve estar aqui.

Advogado: (entrando) Então, todos prontos. Quero dar as últimas recomendações. Senhor Isidoro, não comer com a colher, é o garfo colher é só para sopa e não chupar a sopa, fazendo barulho.

Dodô: não to entendendo, eu vou fazer barulho sim, se não a sopa não tem gosto.

Advogado: então é melhor recusar a sopa. (Dodô ia reclamar)

Chiquinha: Pai, ouve o seu Ralei.

Dodô: tá bão.

Advogado: Senhora Benedita. O guardanapo, é só para limpar a boca.

Senhora Dita: Já que eu to com o guardanapo na mão eu limpo o nariz, a boca e até o sapato.

Dodô: não ta ouvindo o doto.

Senhora Dita: Ah, isto e doto, então eu limpo só o nariz.

Josefa: Que isto mãe.

Advogado: Sua sogra é uma gracinha. Dona Josefa mantenha a boca fechada. Só falar quando lhe perguntarem algo, e mesmo assim só com respostas curtas.

Josefa: Ah, ta muito complicado, é bom á gente não ir nesse jantar.

Dodô: mulher, eu to com fome, vamos sim.

Josefa: ta bom.

Advogado. Você menina Fran, eu sei que gosta de picar o pão dentro da sopa, mas não deve fazer isso.

Chiquinha: já que não pode, eu ponho o pão inteiro sô.

Senhora Dita: é isto mesmo filha, enfia o pão inteiro mesmo.

Josefa: que é isso mãe, fica ensinando tudo errado pra Chiquinha.

Piter: Podemos ir.

Advogado: Senhor Isidoro deixe a boina no carro. Vamos, e que Deus nos ajude.

■ CENA 5

Luz: acender spot 1 cidade, depois geral.

(passou algum tempo, Dodô bem adaptado à nova vida, que até arranjou uma amante. Entra pela esquerda Dodô falando no celular com a amante. Já em cena o advogado sentado na cadeira da direita mexendo em sua pasta e abanando a cabeça em sinal de reprovação das atitudes de Dodô)

Dodô: sim, paixão... eu também... tá bão... pode comprar... eu dou uma passada a tarde ai... pode ficar sossegada, eu aviso quando estiver chegando...Eu sei, que quer ficar cheirosa prá mim... então até mais, uma beijoca (faz barulho de beijo no celular, olha para o advogado).

Advogado: Seu Isidoro pense bem no que está fazendo, essa moça não é boa para o senhor, a Dona Josefa é tão boa para que fizer isso com ela.

Dodô: fazendo o que? Eu deixo fartar alguma coisa prá ela. Tem de tudo, pode fazer o que quiser que eu não ligo. Eu to nos meus direito.

Advogado: não é bem assim, seu Isidoro, o senhor está faltando muito nas reuniões de suas empresas, os compradores estão reclamando, está deixando muito seus negócios, faz tempo que não viaja para ver seus negócios no exterior, só viaja com a Lili, isso não está certo.

Dodô: Escuta aqui Seu Ralei, isso não é da sua conta. Eu pago o Senhor prá cuidar dos meus negócios para eu poder me divertir, não pedi seus conselhos. Se conselho fosse bom a gente não dava cobrava.

Advogado: Seu Isidoro, sou seu amigo também, não quero que o senhor se dê mal.

Dodô: para com isso. Que mar que nada, tá tudo bão, e vamos embora que tamo atrasado.

Advogado: bom então, e melhor o senhor segurar esta bomba, antes que ela exploda na minha mão.

Dodô: bomba que bomba.

Advogado: a Dona Josefa foi ao escritório outro dia e o senhor não estava lá, e ela achou estranho, porque o motorista estava.

Dodô: e você não me falou nada.

Advogado: pois ela me ameaçou, de me por na rua. E olha quem vem vindo ai.

Dodô: quem a Lili. (entra Josefa).

Josefa: O Dodô que você ta fazendo com esse celular na mão.

Dodô: eu estava tratando de um negócio.

Josefa: E porque o doto esta balançando a cabeça.

Dodô: ele esta com fome.

Josefa: e desde quando a pessoa com fome balança a cabeça. Vocês tão com treta comigo. E quem é esta Lili.

Dodô: quem, onde e mesmo doto.

Advogado: não tem nada de Lili, e que nos vamos perto do Shopping Iguatemi.

Josefa: você não vai me levar para jantar, hoje.

Dodô: Hoje? Não vai d, tenho jantar de negocio e você sabe como esses jantar acaba tarde.

Josefa: mais ocê prometeu, você não lembra que dia é hoje.

Dodô: Depois a gente se fala. Vamos Ralei. (os dois saem)

Josefa: (começa a chorar, entra Chiquinha).

Chiquinha: que foi mãe?

Josefa: hoje nós fais 20 anos de casado, e seu pai não é mais o mesmo, não liga mais prá nós.

Chiquinha: (tentando confortá-la) mãe, ele tem muito negócios, tem que entender.

Padre: (entra) Nossa Senhora, o que é isso minha gente?

Chiquinha: a mãe tá brava com o pai.

Padre: Por quê? O que aquele homem tão bom fez?

Josefa: ele não gosta mais da gente. Só pensa em dinheiro, negócios, viagens. Não almoça e nem janta com a gente, não leva mais a gente pro zoológico nos domingo.

Padre: mas minha senhora, tem que entender, são negócios, cidade grande é assim mesmo.

Josefa: é assim, é assim, então não quero mais ficar aqui. Vo vorta pro meu sitio em Guararapes, lá nós era feliz, tinha paz, tinha uma família, um marido.

Padre: calma Dona Josefa, vamos conversa melhor durante o jantar, barriga cheia a gente pensa melhor, vamos.

Josefa. Olha seu padre, a cozinheira não veio hoje e não vou fazer janta pra ninguém, tchau. (Josefa sai pela esquerda e o padre pela direita, Chiquinha fica chorando e Piter entra).

Piter: O que aconteceu com você, porque chora? (pegando na sua mão)

Chiquinha: minha mãe diz que vamos voltar pro sitio, não vou mais te ver.

Piter: mais porque, o que aconteceu?

Chiquinha: é meu pai, ele não liga mais prá nois.

Piter: não importa aonde você for, meu coração estará sempre com você. (os dois sai conversando e fazendo promessas).

■ CENA 6

Luz: acende spot 2 sitio depois geral.

(Josefa, Chiquinha e Senhora Dita chegam ao sitio).

Josefa: que ar puro, bão tá de vorta, que saudade da minha casinha.

Senhora Dita: fia, não gostei não, não deixou eu nem trazer o radinho novo.

Chiquinha: (choramingando) e eu que deixei meu Piter.

Josefa: Agora ocês podem estar magoadas por ter que vir embora, mas sei que depois irão me agradecer. Eu me admiro de você Chiquinha, só pensa nesse tar de Piter, não quer sua famia de vorta, sua paz de viver?

Chiquinha: É mesmo mãe, o pai precisava dessa lição, ele precisa aprender que dinheiro não é tudo nessa vida.

Senhora Dita: mais que ajuda, ajuda.

Josefa: mãe, deixa disso, ninguém tá recusando dinheiro não, só quero ser feliz e lá não tava sendo.

Senhora Dita: Isso é verdade, ninguém conversava comigo lá, não tinha meus negos para dançar o meu forró.

Josefa: Então vamos parar de se lamentar e vamos arrumar esta bagunça.

Senhora Dita e Chiquinha: vamos

■ CENA 7

Luz: acender spot 1 cidade, depois geral.

Dodô: O muié, o muié, onde ta ocê diabo... (chama o motorista). Piter, Piter.

Piter: (entra) chamou doutor.

Dodô: claro que chamei, ué onde tá todo mundo, a Zefa, a Chiquinha e até o traste da Dona Dita.

Piter: Elas voltaram para o sitio.

Dodô: como? Voltaram para o sitio? Por quê?

Piter: me parece que não estavam felizes, reclamando de sua ausência, que não ligava mais para elas.

Dodô: tá bom, obrigado, tá dispensado... chama o Ralei.

Advogado: sim senhor Isidoro, o que senhor deseja?

Dodô: você sabia que elas iam embora?

Advogado: eu não senhor Isidoro, mas bem que eu avisei que isto poderia acontecer.

Dodô: eu não acredito. Ela pensa que vou atrás, não vou não. Dô uma semana prá ta-rem de volta, pra este luxo todo. Então to livre, isso é muito bão.Vó telefonar é para Lili agora mesmo.

Advogado: mas, Senhor Isidoro, não vai atrás de sua família? A família é o alicerce de nossa vida.

Dodô: Eu não,vou atrás é da Lili. Tchau mesmo.

Advogado: você vai se arrepender.

■ CENA 8

Luz: acender spot 1 cidade, depois geral.

(Dodô entra senta-se e se mostra triste, depois entra o padre)

Padre: com licença seu Isidoro, o senhor mandou me chamar?

Dodô: Sim, Padre, tenho este montão de dinheiro e não tenho ninguém mais perto de mim.

Padre: o que aconteceu Dodô?

Dodô: minha muié foi embora com minha fia e a sua mãe, meu fiel advogado Ralei, fugiu com a Constância, a governanta, e que até me deixando de cabelos brancos é que a Lili me trocou por um mocinho. Não sei mais o que faço. Eu pensei que tendo dinheiro tinha tudo, mas não tenho nada. Cadê minha Zefinha?

Padre: porque o senhor não vai atrás dela?

Dodô: como? Já tentei trazer ela de volta e ela não arreda o pé.

Padre: pensa bem, meu filho, não é trazê-la de volta, você é que deve voltar para lá.

Dodô: pro sitio? E deixar tudo isso?

Padre: mas você é feliz? Vá atrás de sua felicidade meu filho.

Dodô: é o senhor tem razão, vou agora mesmo atrás dela. Lá que está minha família. Lá é que eu era feliz. Obrigada Padre.

Padre: que Deus abençoe seus caminhos , meu filho.

■ CENA 9

Luz: acender o spot 2 sitio, depois geral

(Josefa, Chiquinha e senhora Dita estão sentadas no sofá)

Dodô: (chega ao sitio) Zefa...

Josefa: Parece que eu ouvi a voz do seu pai.

Chiquinha: será

Josefa: Deixa eu ver. Dodô, você voltou?

Dodô: Zefa, me perdoa, eu tava cego por todo aquele poder, aquela dinheirama toda, mas agora vejo que só quero vocês.

Josefa: Que bom você estar de volta. Rezava todos os dias pro nosso Senhor Jesus Cristo e ele me atendeu, muito obrigado.

Senhora Dita: não acredito, não é que ele voltou mesmo.

Chiquinha: Pai, que felicidade que o senhor voltou. Mas o senhor veio sozinho? Ou alguém trouxe o senhor?

Dodô: sei. Sei quem você quer, já sei de tudo, o Piter ta aqui sim (chama o Piter). O Piter pediu sua mão, e eu dei foi logo o corpo todo. (Piter entra).

Chiquinha: Piter, meu amor.

Piter: (com uma flor na mão) Oi, amor, não falei que iria até o fim do mundo para ficar com você.

Chiquinha: oh, Piter, que felicidade, tive tanto medo de você não vir, de me esquecer.

Piter: Jamais isto aconteceria, eu te amo muito. Quero ficar com você para sempre. Casar ter um montão de filhos.

Chiquinha: Oh Piter, assim também não.

Dodô: Vamos parar com esse converse, e vamos é festejar. Hoje é um dia de muita alegria. Mulher onde está minha sanfona? Vamos festejar.

Josefa: a sanfona ai no seu nariz, Dodô tá cego é.

(entra o padre, o advogado e a Constância)

Padre: olha aqui, seu Dodô quem eu trouxe para festejar com a gente?

Dodô: mais que alegria, vamos se achegue, vamos tocar, dançar, cantar até o sol raiar, e padre aproveita e de a sua benção ao casal de pombinhos aqui.

Padre: com muito prazer, eu abenção vocês dois e que o amor dure para sempre na vida de vocês, e a paciência também, que bem que vão precisar.

Dodô: “eu era feliz e não sabia, agora eu encontrei minha felicidade de novo”.

(Chiquinha dança com Piter, Dr. Harley dança com Constancia, Dodô toca sanfona, Josefa toca sino, Senhora Dita chocalho e o Padre pandeiro).

FIM.

Texto 2

CAFÉ DA MANHÃ

Autora: Rosa Riccó

Personagens

Terezinha Aparecida de Sousa (Telê) – mãe , ANDRÉIA

Antonio Carlos de Souza (Tonhão)- pai , REINALDO

Medelau Medeiros - avô materno, LAERCIO

Sebastian Salgado - irmão de Medelau, Sr. JOSÉ

Joana salgado - esposa de Sebastian, MARILDA

Regina Célia de Souza - filha 1 de Telê e Tonhão, JANAINA

Renata Carla de Souza - filha 2 de Telê e Tonhão, SIMONE

Rafael Crespim - namorado de Regina Célia, CRISTIANO

Cenário

Um sofá velho arrumado com lençóis e travesseiro ao lado esquerdo, uma mesa redonda com quatro cadeiras, toalha com 4, xícaras pires e colherinha de café 1 caneca, um cesto de pão (real), açucareiro. Manteigueira, facas, uma garrafa térmica leite achocolatado.

Na coxia direita do ator fica a entrada da casa do lado esquerdo os quartos banheiro e cozinha.

■ CENA 1

Música – Cotidiano Chico Buarque

Spot de luz de foco no sofá, onde dorme Medelau, roncando e se mexendo. Foco 2 do lado esquerdo do ator entra Telê com uma garrafa térmica, coloca na mesa abre a boca de sono.

Telê - bom dia! (para e sorri para o público, chama o pai). Pai, pai, acorda o café ta na mesa, pai o pai, (para o publico), ele dorme como uma pedra. (e vai para trás do sofá, o sacode).

Medelau - acorda assustado) que foi, que aconteceu onde é o fogo.

Telê - acorda pai, o senhor estava sonhando, é que o café ta pronto, e preciso arrumar o sofá. Sabe que o pessoal se incomoda com a bagunça da sala.

Medelau - mais aqui é minha cama, quero dormir mais um pouco (deita e puxa a coberta).

Telê – não da pai, vamos evitar essas brigas de manhã, não faz bem para o senhor. Vamos levanta para tomar o café.

Medelau - ta bom você com este jeitinho convence qualquer um, bom vou aproveitar e pegar o banheiro primeiro.(pega o travesseiro e os lençóis e sai para a direita).

Telê – nossa este sofá ta tão velho, coitado do pai (Renata entra e se volta como se fosse ao banheiro).

Renata – (usa tênis, camiseta e calça jeans) nossa que saco, o vô entro no banheiro, agora vai levar um século para sair, vô sai logo.

Medelau - to indo.

Renata - ta indo nada, ta e lendo revista isto sim. O senhor não faz nada, e eu tenho que ir para escola.

Telê - Renata Carla, olha a educação.

Medelau - já vou, já vou.

Renata - mãe não da. Porque o vô não usa o banheiro lá fora, ele e velho né.

Telê - Ué só porque ele e velho tem que usar o banheiro lá fora, larga mão de implicar com seu vô. Tenha um pouco de paciência, toma seu café primeiro.

(entra Tonhão com pressa).

Tonhão – (grita com a esposa) Telê, seu pai ta no banheiro de novo, você não sabe que tenho que trabalhar, só eu que trabalho nesta casa preciso ser o primeiro.

Telê – Antes de mais nada, bom dia querido, dormiu bem.

Tonhão - (muda seu tom de voz) desculpe Telê, bom dia, dormi bem sim obrigado, só queria ir ao banheiro. (aumenta a voz) todo dia é a mesma coisa, casa com um banheiro só é um inferno.

Telê – tem o banheiro lá de fora, ele está limpinho.

Tonhão – lá fora eu não vou (volta a reclamar perto da coxia direita), velho, anda preciso ir neste banheiro. Você tem o dia todo, para ler suas revistas sai logo.

Telê – então senta e vai tomando seu café.

Tonhão – como não tem outro jeito.

Medelau – (off). To indo. To saindo.

(entra Regina se espreguiçando). Vestindo uma calça jeans rasgada e uma camiseta larga rasgada, tênis velho. Cabelo mau penteado).

Regina - Bom mami? Bom papi? Oi mana. (senta-se)

Telê – bom dia filha, você está com fome, ta comendo as palavras.

Renata – bom dia.

Regina – ta bele mami?

Telê – nossa vou precisar de um tradutor para entender você. Fala direito menina.

Regina – Que isso mami, fica susu.

Telê – ai meu Deus.

Tonhão – Esta menina é um problema

Renata – não liga e a linguagem dos jovens de hoje.

Telê – e roupa feito trapo também.

Regina – fica de boa mami.(olha para o lado do pai). I o papi ta brabo.

(Tonhão levanta e vai perto da coxa e grita com Medelau)

Tonhão – Sai logo velho, não vê que to atrasado.

RUIDO DE DESCARGA

(Medelau sai do banheiro e Tonhão entra com pressa que quase o derruba)

(Medelau sacode os ombro)

Medelau – Não to nem ai, quem levanta primeiro, pega o banheiro, e velho não eu sou é experiente.

Telê – Calma pai, senta para tomar seu café.

(todos se acomodam a mesa)

Regina – Mami! Tenho uma parada para contar.(todos olham para ela admirados).

Telê – Uma parada.

Regina - Um cara que fiquei ontem vem aqui.

Medelau – Hããããã

Telê – Cara, que cara?

Medelau – É namorado? Como assim fiquei.

Renata – Mãe, vô, é o fica dela.

Telê e Medelau – O QUE!. (com o susto Medelau esbarra na xícara, e suja a mesa).

Medelau – Desculpe Telê, sujei a toalha de novo. Não sei o que acontece com a minha mão.

(Tonhão entra e quer sentar para terminar seu café)

Telê – Não tem importância Pai, depois eu limpo.

Tonhão – este velho é um desastre, tudo que ele pega cai. Sai daí que preciso terminar meu café.

Telê – Querido, você precisa tratar o pai melhor, ele já tem idade.

Medelau – Idade eu tenho, mais não to invalido, nem morto.

Telê – Ta bom pai, só quero evitar confusões. Renata Carla você já acabou da o lugar para o seu pai.

Renata – Tava demorando. Não é justo, o vô que atrapalha e eu que pago. (levanta e sai resmungando).

Tonhão – Eu to de saco cheio, sustento a casa sozinho, saio para trabalhar de manhã e só chego à noite.

Regina – para de reclamar papi.

Tonhão – fica quieta menina, além de tudo tenho que atender gente chata, rabugenta, mal educada. E não tenho nem o direito de ir primeiro ao banheiro, da minha casa.

Medelau – Não seja por isso, eu não vou ficar aqui por muito tempo.

Telê – (sempre calma). Pai, não ponha mais lenha na fogueira, por favor. Antonio Carlos, ele é meu pai, me criou me educou, e ele ajuda com sua aposentadoria.

Medelau – se não fosse tantos remédios poderia ajudar mais.

Telê – e eu tiro uns trocados com os meus consertos de roupas e minhas costuras.

(Entra Renata e senta no sofá, com um livro)

Tonhão – desculpe, levantei com o pé esquerdo hoje.

Regina – é saci, papi.

Renata – É mãe o pai tem sua razão de reclamar do vô, ele dorme na sala olha só o estado deste sofá, sinto vergonha de receber minhas amigas aqui, a sala esta sempre uma bagunça.

Telê – tenha dó Renata Carla.

Medelau – Eu só estou esperando Deus me levar.

Regina – E ai vô, que lega vai viajar com este tal de Deus. Manero velho.

Telê – Não diga bobagens Regina Célia. E você pai, que coisa feia que você ta dizendo em. A vida é uma benção de Deus.

■ CENA2

RUIDO DE PORTÃO SE ABRINDO

OFF – O de casa. (tempo). Estamos entrando.

Telê – entra a porta esta aberta.(levanta e vai mais perto do sofá, no seu lugar vai sentar o Rafael)

Sebastian – (entra empurrando Rafael) Estava levando a Joana ao médico e vimos este moleque lá fora, querendo roubar a casa.

Joana – resolvemos parar para ver o que estava acontecendo.

Rafael – Eu não sou ladrão não mano, este barraco é da minha mina cara.

Regina- Oi Rafa da um chego aqui. Tem um rango lega.

Telê – Oi, você que é o namorado da Regina Célia.

Rafael – É isso ai. (vai até a mesa e senta do lado de Regina, ficam comendo, dando risadinhas e conversando mais ninguém entende).

Sebastian – ele ta na casa certa mesmo, esta casa não passa de um barraco, uma sujeira, casa de ninguém.

Joana – Que nojo! Olha o estado desse sofá que sujeira.

Tonhão – não me faltava mais nada mesmo, meu dia ta completo. (fala para o lado). “Chegou à peruada”.

Telê – (vai até os tios e cumprimenta pegando nas mãos). Bom dia Tio, Bom dia tia. Está tudo bem?

Renata – Bom dia tia, bom dia tio.

Tonhão – Bom dia. (vai para perto do sofá).

Telê – (Olha para Renata que esta sentada no sofá a sua esquerda).

Renata vai estudar no quarto. (volta-se para os tios), por favor, sente-se .

Medelau – (levanta mais fica perto da cadeira) O que aconteceu com você Joana esta doente? (espantado).

Joana – Mais ou menos. Eu não ando muito boa, ando com uma dor nas costas que me mata, sem falar na minha terrível enxaqueca.

Sebastian – E eu com tanta conta para pagar, Já estou no negativo, meus negócios vão de mal a pior.

Tonhão – Deve estar mesmo. (espia lá fora) da para ver no carro que está lá fora, ultimo tipo.

Sebastian – É (tempo) mais da muita despesa, uma dor de cabeça, nem queira saber.

Joana – Telê (espantada) o que é isto no seu cabelo. Que horror! Seu cabelo está medonho, preciso te levar no meu salão de beleza, eles fazem milagres.

Regina – é mami vai ficar uma louuucura.

Rafael – Só.

Telê – Não vai dar obrigada, estou sem tempo. (para a platéia faz sinal de que esta sem dinheiro).

Rafael – O tia não tem fruta não? To com uma baita fome.

Medelau – Vocês me dão licença, mais eu tenho um joguinho com meus amigos no jardim. E vou aproveitar e levar meu violão Tchau. (sai como se volta-se para o banheiro, tira o pijama e pega o violão).

Telê – Antonio Carlos puxa esta cadeira e sente-se aqui perto. Foi bom vocês aparecerem, precisamos conversar.

Tonhão – Tem que ser rápido, preciso trabalhar, para sustentar esta família, e seu irmão Sebastian. Por falar nisso, quando vocês vão levar Medelau para morar em sua casa, afinal lá tem vários quartos, e até piscina.

Sebastian – Estas brincando não. Ele vai me envergonhar perante meus amigos vereadores, deputados, o que eles vão pensar de mim.

Joana – E acha que ele vai ficar andando pela casa, com este pijama horrível,

Telê – Mais foi você mesma que deu este pijama para ele tia. Mais tio ele e seu Irmão, que trabalhou para ajudar você a estudar. Não é justo trata-lo assim.

(as meninas e Rafael este tempo todo estão na mesa conversando e rindo)

Joana – Mais isso já foi há tanto tempo. E afinal ele é seu pai, obrigação é sua, se você não quer cuidar mais dele, coloque ele em uma casa de repouso.

(Telê levanta)

Medelau – (entra e ouve o fim da conversa). O que? Vocês querem me por num asilo. Acabar longe da minha família. Morrer sozinho.

Telê – calma pai, estamos só conversando, não vou deixar, pode ficar calmo, vai para seu joguinho com os seus amigos.(vai caminhando com ele até a porta). (Telê volta e senta). Ele ficou sentido, a senhora não devia falar assim.

Tonhão – Eu concordo com ela, vai dar mais sossego para nos.

Telê – Em um asilo, vocês não tem coração. Você também Antonio Carlos.

Tonhão – Mais Telê vai ser melhor para ele.

Renata – (entra). O que foi. O que esta acontecendo.

Regina – (em tom de brincadeira) eles vão encanar o velho.

Rafael – só.

Renata – Encanar, vão pender o vô por que.

Sebastian – Não é nada disso, ê que queremos por o seu avó em uma casa de repouso.

Renata – Nisto eu concordo vai ser uma boa ele conviver com velhos.

Telê – (levanta) Nossa que ingratidão, vocês duas já se esqueceram quando eram crianças viviam grudadas dele, sempre pedindo para ele contar historias, brincar com vocês. Meu Deus quanta ingratidão. (sai).

Tonhão – Pronto, Vocês conseguiram estragar meu dia, sempre que vocês vêm aqui é para rebaixar a gente, nós somos pobre mais somos honesto.

Sebastian –(levanta) Você está me acusando?

Tonhão –(levanta) Cada cabeça uma sentença, se a carapuça servil use-a.

Joana –(levanta e pega no braço de Sebastian). Que horror, vamos embora daqui Sebastian, nunca fui tão insultada.

Tonhão – Já vai tarde.

Sebastian – Basta vamos embora.

Tonhão – A porta e serventia da casa, por falta de adeus, tchau.

Sebastian – Por isso que é pobre mesmo, vocês me pagam. Só volto nesta casa se for castigo.(os dois saem)

Tonhão – Ai que manhã (olha para o relógio) pronto já estou atrasado, (grita com a filha) para com isto, parece dois louco, a casa pega fogo e vocês dois de risadinha, Renata vai ver como está sua mãe, e vocês dois vão saindo para a escola. (os dois saem dando risadinhas). O Deus estou super atrasado vou levar uma bronca do meu chefe.

Renata – (volta com livros) A mãe vai ficar bem pai. Vamos eu pego o ônibus com o senhor.

Tonhão – (grita) Telê to indo, volto para o jantar. (todos saem, pela direita do ator)

Musica – Como é duro trabalhar .(Toquinho & Vinícius).

■ CENA 3

Luz – apaga, acende foco no lado direito do iluminador de frente para o palco).

Musica – Cotidiano (Chico Buarque).

(Telê entra de vestido com uma cesta de costura que contem uma camisa, senta no sofá preocupada, entra Regina do lado da porta)

Telê – O Deus o que será que está acontecendo com a Regina Célia. Ando preocupada com o jeito dela.(entra Regina)

Regina – Oi Mami? Tudo Lega?

Telê – (levanta e olha para filha) Regina Célia, que bom que você chegou, estou precisando falar com você.

Regina – agora mami, to com sono, da pra ser amanhã. (abre a boca, se espreguiça, e vai indo para o quarto).

Telê – Ando preocupada com você,(Regina para e vira, olha para a mãe). Suas notas estão baixas.

Regina – calma mami, fica fria, se não sacou, este ano ta difícil, mais eu vou estudar no dia da prova.

Telê –(brava). Regina Célia tem que estudar todos os dias. E espera um pouco, porque você chegou mais cedo hoje.

Regina – Ta na boa mami, não teve as duas ultimas aulas. Pronto acabou. Posso ir.

Telê – Pode.

Regina – (sai) que papo mais careta, meu!

Telê –(para o publico) Não sei o que faço com esta menina. Que Deus me ajude. Mais desta vez vou contar para o Pai dela, não vou assumir este problema sozinha, juntos vai ser mais fácil resolver.(volta a sentar no sofá e continua a costura).

OFF – Telê, Telê.

Telê – (levanta) Ué parece a voz da minha tia!

Joana – Telê. Posso entrar.

Telê – Entre tia, a porta esta aberta.

Joana – Telê, eu vim pedir desculpa, será que você poderia conversar comigo.

Telê – Claro tia, sente-se.

Regina – (entra e vai atrás do sofá) Mami, Mami! Você viu a filô do Rafa.

Telê – Regina Célia, olha a educação, cumprimente sua tia.

Regina – Boa tia.

Joana – Mais ou menos.

Regina – e a filô mami.

Telê – Quem é filô.

Regina – (abaixa um pouco e pega uma arranha) Achei mami, achei.(mostra a arranha).

Joana e Telê – (levanta em um salto) O que é isto.

Regina – é uma arranha. Não ta vendo.

Joana – (coloca a mão na boca) que nojo.

Telê – Menina leva este bicho daqui. Ta maluca.

Regina – Fica susu mami, vai assustar a filô. (sai conversando com a arranha).

Telê – Desculpe tia, estas crianças não tem jeito. Mais o que aconteceu com você. Sente-se vamos conversar.

Joana – Eu ando me sentindo muito sozinha, meu coração esta apertado, não durmo direito, tenho só pensamentos ruins. Sinto muito medo.

Telê – Você já foi ao médico.

Joana – Foi ele me disse que é pressão alta, já estou tomando um monte de remédio. Mais não melhora. É quer saber da ultima, minhas amigas sumirão.

Telê – Por que.

Joana – Porque não faço mais festas e nem churrasco nos domingos.

Telê – Se você não se ofender, poderei te dar um conselho.

Joana – Claro Telê, por favor.

Telê – Eu acho que você esta com depressão.

Joana – Você acha.

Telê – Tente pensar em coisas boas, não assista programas violentos, ocupe seu tempo ocioso com trabalhos manuais.

Joana – Mas com o que.

Telê – Porque não tenta ajudar alguém.

Joana – mais eu já contribuo, ajudo dou dinheiro para duas instituições de caridade.

Telê – Não estou falando em dinheiro, você pode ajudar de um modo diferente.

Joana – Será!

Telê – Bom você me pediu ajuda, eu te dei, o resto é com você.

Joana – não entendo você, olha esta casa ta caindo, você é pobre. Como pode ser feliz.

Telê – Sou feliz, porque a minha felicidade não esta nas coisas materiais.

Joana – não.

Telê – A felicidade esta dentro de nós.

Joana – não consigo te entender!

Telê – pense com calma.

(entra Sebastian)

Sebastian – Joana, o que você está fazendo aqui.

Joana – Precisava conversar com a Telê.

Sebastian – conversar o que. Você é doente minha querida, não pode se aborrecer. Vamos embora eu levo você ao médico.

Joana – não preciso de médico. (volta para Telê). Tchau Telê obrigada pela ajuda, vou pensar.

Telê – tchau tia.

(entra Tonhão)

Tonhão – O que esta acontecendo aqui.

Sebastian – Nada, já estou indo embora. Só vim buscar a Joana (abraça Joana) vamos querida.(os dois saem).

Tonhão – Telê da pra me explicar.

Telê – calma querido, sente-se precisamos conversar.

Tonhão – to cansado da para ser rápido.

Telê – A minha Tia queria um conselho.

Tonhão – ta me gozando. Ela tem tudo.

Telê – Talvez não tenha o principal. Mais mudando de assunto quero falar sobre a Regina Célia.

Tonhão – O que foi que esta menina aprontou agora.

Telê – Calma, é que ela esta tirando notas baixas, anda dormindo de mais, esta distraída.

Tonhão – (levanta) O que. Mais eu arrebento esta menina, o que ela ta pensando (vai tirar a cinta) cadê ela.

Telê – (levanta e segura a mão do Tonhão) Sente-se, Não é por ai que se resolve, estou te contando para juntos achemos uma solução e não uma punição.

Tonhão – (eles sentam). Ta bem, você tem razão. Mais o que você acha que ta acontecendo.

Telê – Não sei, (entra Renata) mais podemos perguntar para Renata Carla.

Renata – Estão falando de mim.

Telê – que susto, precisa entrar de fininho.

Tonhão – Não dá para bater na porta.

Renata – a porta ta sempre aberta, apesar que nem porta esta casa tem.

Telê – Engraçadinha, sete-se aqui eu e seu pai precisamos conversar com você.

Renata – Chi!! Lá vem bronca.

Telê – Não é bronca não. Nós estamos preocupado com o comportamento da Regina Célia. Ela anda muito distraída.

Tonhão – Filha, você sabe de alguma coisa de sua irmã que nos não sabemos.

Renata – O que pro exemplo?

Tonhão – Sei lá, coisas que ela faz, com quem anda, como se comporta fora de casa, estas coisas, sei lá!

Telê – Vamos ser mais claro. Sabe filha (pausa) nos queremos saber...(pausa).

Tonhão – É se ela usa drogas mesmo.

Renata – (leva um susto) Nossa! Pai, mãe, não acredito no que vocês estão pensando.

Telê – Mais o comportamento dela e muito estranho.

Tonhão – E o namorado dela é mais estranho ainda.

Renata – Não vejo preocupação. Vocês esqueceram que também passei por isto na adolescência, é uma fase isto passa, eles são no fundo super careta.

Telê – É mesmo, esqueci que você era mais maluca que ela.

Renata – Também não precisa exagerar né.

(Medelau entra e ouve o final entra pela direita do ator com o violão)

Tonhão – Nossa que peso que você tirou das minhas costas.(suspira).

Medelau – Nossa Telê o que foi que você tirou das costas dele? De certo foi o arado.(ri).

Tonhão – (nervoso levanta) Foi o arado sim, porque pareço um burro de carga mesmo, só trabalho para este bando de encostados.

Telê – Não vamos começar, a conversa foi tão boa estamos tão aliviados. Vão se lavar para o jantar.

Tonhão – é melhor mesmo, vamos filha.

Medelau – Vou quadrar meu violão.

(eles saem, Telê pega a cesta de costura no sofá, ajeita a mesa e sai).

Música – Cotidiano (Chico Buarque)

LUZ: apaga as luzes para ela sair. Acende para começar outra cena.

■ CENA 4

Esta cena começa do mesmo jeito da 1ª cena.

(*entra Telê com a garrafa térmica*).

Telê – (sorrindo) Bom dia pai, vamos levantar para tomar o café.(senta a mesa).

Medelau – (senta no sofá se espreguiça e levanta). Bom dia filha. Tive um sonho tão bonito, acho que hoje vai ser um lindo dia.

Telê – Vai ser sim! Esta um dia lindo lá fora.

(entra Tonhão)

Tonhão – Bom dia! Ai ai, hoje dormi como anjo.

Medelau – Anjo, sei, deste tamanho.(enrola as coisas do sofá e deixa)

Telê – Pai, Bom dia querido, levantou mais cedo?

Medelau – caiu da cama, isto sim.

Tonhão – O que vem de baixo não me atinge, baixinho.E eu levantei mais cedo para pegar o banheiro primeiro, antes das meninas, assim não vai ter briga. (vai saindo, e as meninas entrando).

Telê – Que bom, vamos ter um café tranqüilo.

Renata – Bom dia mãe, bom dia vô.

Telê e Medelau – Bom dia filha.

Regina – Galera alguém viu a filô. Perdi ela de novo, ela e mais rápida que eu.

Telê – a não a aranha de novo.

Regina – (vai ate o sofá e pega a outra aranha e grita) Achei, achei aqui a filôzinha lindinha.

Todos – credo uma arranha.

Telê – Sai daqui com este bicho.

Medelau – Telê v6 se da um jeito nesta menina.

Regina – fica frio v6 vou por a fil6 para mimi. (sai).

Tel6 – Vamos tomando nosso caf6, em paz.(Renata volta).

Regina – Pronto a fil6 mimiui.

RUIDO DE PORT6O

Joana e Sebastian – estamos entrando. Bom dia! (meio sem jeito).

Tonh6o – (sai do banheiro e se espanta) O que voc6s est6o fazendo aqui, outro dia n6o disseram que n6o iam por os p6s mais nesse barraco.

Tel6 – Querido! Vamos ver o que eles querem.(Tel6 levanta)

Joana – 6, (tempo) 6 que, queremos conversar com voc6s. (entra Rafael, como n6o estivesse nem ai).

Rafael – (vai entrado durante a conversa). Nossa que cambada, ta tudo a fim do rango. Espero que tenha sobrado pra mim, oi mina, como ta o rango.

Regina – ta maneiro, senta ai.

Rafael – Se achou a filo.

Regina – Lega Rafa. Achei ta l6 no meu quarto.

Tel6 – Bom dia Rafael. Pai leva estas coisas do sof6 l6 dentro fazendo favor.

Medelau – (pega as coisas do sof6) J6 volto.

Tel6 - Tio tia sente-se por favor desculpe a bagun6a. (os tios sentam e depois ela senta) Antonio Carlos pegue uma cadeira e sente-se aqui perto, vamos deixar os meninos tomar o caf6.

Sebastian – desculpe o horário da visita, é que sabemos que vocês estão todos juntos no café. E é que (tempo) é que.

Joana – Fala Sebastian, não é ora de orgulho.

Sebastian – (Medelau entra e se dirige ao sofá). Nós, bem (tempo) (Joana cutuca Sebastian). Nós queremos pedir desculpa pelo que dissemos no outro dia.

Joana – Sabe Telê eu pensei muito. E acho que tenho uma solução para nós nos sentirmos melhor perante vocês. Não é Sebastian?

Sebastian – Andamos conversando e se vocês permitirem...

Tonhão – Desembucha logo, tenho que ir trabalhar.

(os três na mesa, conversam com risadinhas como na 1ª cena).

Telê – Calma querido, eles estão nervosos.

Medelau – E eu também, que conversa mais enrolada.

Sebastian – O que vocês acham de construir um quartinho com um banheiro, para o Medelau, no quintal.(todos ficam de boca aberta).

Todos – (com gestos de indagação) Hammmmm!!!

Joana – E se o Medelau concordar, podemos busca-lo para passar os fins de semana em casa.

Regina – Também vou.

Telê – O que o senhor acha pai.

Tonhão – Por essa eu não esperava, puxa chateou.

Medelau – Sabe que eu achei que vocês queriam me por em um asilo. Todos dizem que os velhos não servem mais para nada, só servem para atrapalhar.

Renata – Que isso vô até que você tem historias divertidas.

Medelau – quero fazer as coisas, tenho idéias, mais meu corpo já esta cansado, não é mais o mesmo!

Tonhão – Não é bem assim velho. Precisamos de suas experiências, de seus conselhos.

Meninas – (levantam e batem palmas). É isso ai papi, o vô é o maior barato.

Rafael – sóóó, posso continuar com meu rango.

Telê – Pai. Aceita a ajuda, eles estão falando do coração.

Medelau – Esta certo, vou aceitar sim Sebastian e Joana, foi uma ótima idéia.

Tonhão – (para o público) Que bom que tudo acabou bem nesta peça, e desejamos que na vida real os problemas também possam ser resolvidos assim.

Telê - Com paciência, e união.

Sebastian – Por falar em União! Entra pessoal, vamos tocar uma música para alegrar a todos.

(entram todos das coxias com os instrumentos)

Música: É preciso saber viver (Roberto Carlos).

LUZ: a luz vai diminuindo até apagar, reacendendo para os agradecimentos.

FIM

Texto 3

UMA FAMÍLIA ESPECIAL

Personagens

Terezinha aparecida de Souza (TELÊ) – esposa de Tonhão – ANDRÉIA;

Antonio Carlos de Souza (TONHÃO) – marido de Telê – REINALDO;

Regina Célia de Souza – filha de Telê e Tonhão – JANAINA;

Renata Carla de Souza – filha de Telê e Tonhão – Simone;

Medelau Medeiros – pai de Telê – LÁERCIO;

Sebastian Salgado – irmão de Medelau por parte de mãe – Sr. JOSÉ;

Rafael Crespim – namorado de Regina Célia – CRISTIANO;

Giselda de Carvalho – namorada de Medelau – WALDIR.

Cenário

Um sofá velho com roupa de cama, dois lençóis e um travesseiro. Arrumado para o Medelau dormir, com três camisetas velhas, colocadas em ordens, uma em cada ponta e uma no meio do sofá. Sobre o encosto, do lado esquerdo do ator uma mesa com 0,70 X 0,70 m., arrumada para o café da manhã. Três cadeiras, uma do lado esquerdo, e duas de frente para o público (na mesa, cesto de pão com um pão verdadeiros, duas canecas com sino dentro), toalha para mesa quadrada de fustão bordada com fuxicos. Coxia direita do ator, entrada da

casa. Coxia esquerda do ator cozinha, quartos e banheiro. Medelau em cena dormindo no sofá, coberto por um lençol, tendo os pés para fora.

MÚSICA, ruído de despertador, volta à música.

LUZ – acaba a música ouve-se o ronco, acende a luz geral, da esquerda, entra Telê.

■ CENA 1

(começa a cena com Medelau roncando no sofá).

Telê – *(entra com uma garrafa térmica de café, coloca a garrafa na mesa, fala para o público).* Bom dia! *(vai até o sofá e chama seu pai).* Pai, Pai acorda. O café ta na mesa pai. O pai *(vira para a platéia),* Ele dorme como uma pedra! *(vai por traz do sofá e chama novamente).* Vamos pai, acorda.

Medelau – *(acorda assustado).* Que foi. O que está acontecendo, onde é o fogo.

Telê – Que fogo que nada. O Senhor Estava é sonhando. Vamos levanta logo e vai tomar seu café, que preciso arrumar essa bagunça, sabe como o pessoal se incomoda com a bagunça da sala.

Medelau – Mas aqui é minha cama! . Quero dormir mais um pouco. *(deita e puxa a coberta).*

Telê – Nada disso pai. Levanta já. Vamos evitar brigas de manhã, não faz bem para o senhor e nem pra mim. Vamos pai, levanta, vamos tomar nosso café.

Medelau – Ta bem filha, você venceu. Vou correndo para pegar o banheiro primeiro. *(sai para coxia esquerda).*

Telê – Nossa senhora, que bagunça! Roupa para todo lado (*recolhe as roupas*). E não é por falta de pedir para guardar. É como falar com uma porta. (*olha para o sofá com dó*). Nossa este sofá ta tão velho, coitado do pai.

(*entra Renata Carla com caderno e caneta e para na 1ª cadeira, Telê coloca a roupa na 3ª cadeira*).

Renata – Bom dia mãe... E tchau! (*vai andando, para antes do sofá, quando a mãe fala*).

Telê – Onde pensa que vai com tanta pressa. Não vai nem tomar café.

Renata – Não dá tempo mãe. Tenho que passar na biblioteca antes de entrar na aula. (*passa por de trás da Telê parando na ponta do sofá*)

Telê – Volta aqui menina. Toma uma caneca de leite. (*pega a caneca da mesa e da para Renata, ela toma enquanto Telê fala*). Sim senhora sair sem nada no estômago, não sabe que faz mal.

Renata – Ta bom mãe. (*acaba de tomar o leite*) Pronto, satisfeita. (*entrega a caneca para Telê, ela pega e coloca na mesa*). To indo, tchau! (*sai pela esquerda por de trás do sofá*).

Telê – (*fala sozinha, Tonhão vai entrando de fininho*) Que menina! O que adianta estudar tanto, se não se alimenta direito.

Tonhão – (*para entre a 1ª e 2ª cadeira*) Que é isto mulher (*Telê leva um susto*), ta falando sozinha é. (*fala para a platéia*) Só tem doido nesta casa.

Telê – Que susto Antonio Carlos. Bom dia querido. Vamos tomar nosso café. (*pega as roupas da cadeira e faz menção de sentar*).

Tonhão – Não da para sentar, tenho que sair vuando. Tenho um cliente para entrevista. Vai entrar uma graninha extra, mulher. Não dá, para perder tempo, eu preciso ir ao banheiro,

(*vai até a coxia*). Mais o banheiro está fechado, (*volta e fala para Telê*) Telê não me diga que seu pai está no banheiro.

Telê – Está sim. Tenha calma, querido. (*vai até a mesa e fica arrumando*)

Tonhão – (*nervoso se vira para a coxia e grita*) O veio, sai logo, você tem o dia inteiro para ficar ai lendo suas revistas. E eu tenho que trabalhar. Sai logo.

Medelau – (*da coxia*) Já vou, não apressa.

Telê – Enquanto espera senta para tomar seu café.

Tonhão – Não dá tempo, me dá uma lasquinha desse pão. (*ela entrega o pão inteiro, ele parte o pão e dá o pedaço menor para a Telê, com pressa coloca o pão inteiro na boca*).

Telê – Mais homem, desse jeito você vai engasgar.

Tonhão – (*balança a cabeça e concorda com a boca cheia*) Hum, Hum. (*ruído de descarga*)

Medelau – (*entra e tromba com Tonhão*) Eu não posso nem fazer minhas necessidades tranqüilo. (*para na 1ª cadeira, Tonhão anda até a coxia Para perto de Medelau e fala*).

Tonhão – Não pode não. Este banheiro é meu. Se quiser vai no banheiro lá fora. E para de reclamar. Xô, sai da frente baixinho, to com pressa. (*Tonhão sai*).

Medelau – Ai, meu Deus! (*olha para cima*) Porque o senhor não me leva. Que vida a minha.

Telê – não faz drama pai, senta para tomar seu café.

Medelau – não precisa se preocupar, vou tomar meu café na cozinha, para não ocupar o espaço de vocês (*fala com tristeza, e sai reclamando pela esquerda*) oh vida, oh dor, que tristeza.

Telê – *(balança a cabeça com sinal de todo dia a mesma coisa, olha para o relógio e lembra da outra filha)* Vichê mãe, agora que me dei conta que horas são. E a Regina Célia nem se levantou, aquela menina...*(grita para a coxia)* Regina Célia, levanta menina, vem tomar seu café.*(entra Regina se espreguiçando e para na 1ª cadeira)*. Nem pense em matar a aula hoje.

Regina – oi mami. To atrasada.

Telê – está. E muito.

Regina – Mas no meu cafufo são 6:30 ainda.

Telê – Já passa das 7:00. Seu relógio é devagar como você. Ligeiro menina.

Regina – Calminha mami. Sem neura. Tudo dá tempo *(e faz que vai sentar na 1ª cadeira)*.

Telê – Nem pensar em sentar. Toma esta caneca de leite e se espirra para a escola. Vai, não estou brincando.

Regina – ta bom. *(reclamando)*. By baybe, um beijo no queijo. *(Regina sai por trás de Telê)*.

Telê – Vai logo menina *(Telê olha para platéia)*. Esta menina me deixa maluca.

(entra Tonhão e para na 1ª cadeira)

Tonhão – Ah! Que alivio.

Telê – Antonio Carlos, você não disse que estava com pressa.

Tonhão – E estou, mas não dava para cortar no meio, dava. Ah! Agora posso ir andando. Um beijo *(joga um beijo e sai passa por trás do sofá)*.

Telê – nem acredito, até que fim paz. *(pausa)* Mas... E o pai, onde será que se enfiou. *(pega as roupas que ficou na 2ª cadeira e sai chamando)*. Pai, cadê o senhor.

MÚSICA:

LUZ: abaixa a luz quando Telê está saindo, e sobe quando acaba a música.

■ CENA 2

(entra medelau para na 1ª cadeira)

Medelau - Eu jurava que a Telê estava me chamando. Será que já estou gaga. Deixa pra lá. *(olha para o relógio)* Meu Deus! Como já é tarde e a Giselda disse que vem hoje aqui. *(olha para a esquerda chamando)* Telê, corre aqui.

(Telê entra apressada, com uma fruteira na mão com laranjas, para no meio das duas cadeira, coloca a fruteira na mesa enquanto conversa no meio da mesa).

Telê - Que foi pai. Ta passando mal.

Medelau - não estou bem. *(Telê coloca a mão no coração em sinal de alívio)*. Lembra que a Giselda vem aqui hoje.

Telê - Giselda, quem é.

Medelau - Minha eterna namorada *(suspira)*.

Telê - Ah! Essa Giselda. E que faz tanto tempo que vocês namoram. Ela lá em Uberaba e o senhor aqui. Que nem me lembrava mais dela.

Medelau - É já fazem dez anos de puro amor. *(suspira)*.

Telê - para mim é sem-vergonhice mesmo. Onde já se viu namorar tanto tempo, é uma pouca vergonha.

Medelau - Já discutimos isso. Assim é mais gostoso, mais romântico. *(suspira)*. Ela deve estar chegando. *(olha para o relógio)*.

Telê - E porque o senhor, esta tão nervoso?

Medelau - É que não tem ingrediente para fazer aqueles *(lambe os beiços)* de-li-ci-o-sos pães de queijo. Vou correndo comprar. *(sai pela direita)*.

Telê – Esta bem pai, e eu vou acabar de arrumar aquela cozinha. *(sai para esquerda)*.

MÚSICA:

LUZ: (mesmo da 2ª cena).

■ CENA 3

(Medelau entra e senta no canto esquerdo do sofá)

Medelau – Telê, traz meu violão.

Telê – *(entra com o violão e uma flanela, reclamando)*. Já vou pai, estava ocupada, o que vai fazer com o violão?

Medelau – vou fazer um ensaio.

Telê – Eu vou acabar de limpar aqui. *(vai ate a mesa tirar o pó, quando toca a campainha, e entra Giselda)*.

Giselda- *(fala da coxia e entra pela direita)*. O de casa *(entra com uma mala)* to entrando. *(Telê, vai abrir a porta, por traz do sofá, Giselda se dirige até Telê e as duas se abraçam)*.

Giselda – Telê leva esta malinha para mim.

Telê – Nossa pelo tamanho da mala, vai ficar mais de um mês. *(sai reclamando, mais trabalho para mim. Sai pela coxia da esquerda deixa a mala. Volta para continuar a limpeza. Para na mesa no meio das cadeiras)*.

(Giselda cumprimenta Medelau, e ele pede para que ela sente, que vai-lhe fazer uma surpresa)

Medelau – toca a Música Carinhoso.

Giselda – (*suspira, quando acaba a música e dá um grito*) Aiii.

Telê – nossa que foi.

Medelau – nada não. Telê leva o violão para mim. (*Telê pega o violão e sai reclamando*).

Giselda – quando você canta essa música me dá uns arrepios: uii ...

Medelau – É porque vem de dentro

Giselda – O se vem de dentro. (*pausa*) Chuchu, o que vamos fazer hoje (*maliciosa*).

Medelau – Já ta tudo programado.

Giselda – Que bom, o que é. Vai me levar no Shopping, ou no Zoológico.

Medelau – Você. Vai fazer aqueles de-li-ci-o-sos pães de queijo, (*lambe os beiços*). E eu ficarei apreciando essas lindas obras de arte.

Giselda – Oh! Você é tão romântico. (*ironicamente*). Pensei que iria me levar para passear.

Medelau – Vamos vou levar você para passear é na cozinha.

Giselda – (*levanta do sofá, fala para o público*). O que uma mulher não faz por um grande amor. Vamos, fazer os pães de queijo que você quer. (*pega no braço dele e saem para a coxia da esquerda, conversando*)

MÚSICA: (começa e termina quando a campainha toca)

LUZ: (a mesma).

■ CENA 4

(*Telê entra com Regina conversando, e a coloca a trás do sofá*).

Telê – Filha fica procurando ai o que você perdeu.

Regina – me ajuda mami. *(Regina fica abaixada atrás do sofá).*

Telê – não dá, preciso acabar de arrumar a casa. *(sai por onde entrou).*

(toca a campainha. Entra Sebastian, com uma sacola de roupas usadas. Para antes do sofá. Respira mais forte pra sentir o aroma)

Sebastian – Telê o Telê. Hum... Que cheirinho bom. *(para a platéia)* chequei na hora. Não sei do que. Mais já que estou aqui. *(vira para esquerda como a espiar para dentro da casa)* Telê. O minha querida, Já estou aqui dentro, cadê você. *(se volta para a platéia)* Este povo sempre com a porta aberta, também irão ter medo que roube o que *(olha ao redor)*. Aqui não tem nada que preste. Olha só estes móveis, tudo caindo aos pedaços. Parede toda lascada, veja o chão não dá nem para comentar. Que pobreza. *(entra Telê)*. Como podem viver assim.

Telê – *(vai até o sofá)* Oi Tio, falando sozinho? Que bons ventos o trazem aqui. Aconteceu alguma coisa.

Sebastian – Não, è que fui levar Joana no médico e ela me pediu para entregar para você essas roupinhas usadas. *(entrega uma sacola de plástico com roupas)*

Telê – Obrigada. Sente-se tio.

Sebastian – *(tira um lenço do bolso e limpa o sofá)*

Telê – Nossa tio o sofá esta limpo, acabei de fazer faxina.

Sebastian – não parece.

(os dois sentam no sofá cada um em uma ponta, Telê olha dentro da sacola e fala) **Telê** - A tia sempre tão gentil. Ela não anda bem? Bom espero que não seja nada grave. *(coloca a sacola do lado do sofá, no chão)*

Sebastian – Não é nada, sabe como é sua tia, cheia de nove horas, se queixa de tudo, nada ta bom pra ela, uma frescura só.

Telê – Calma Tio não é bem assim, ela sofre mesmo. Desculpe-me falar, mas é infeliz, tem uma vida vazia, fútil.

Sebastian – Você não sabe de nada. Ela tem de tudo, vive nas academias, salão de beleza, gasta uma fortuna nos bingos. A vida dela é cheia.

Telê – Bem cheia de nada.

Sebastian – Como assim, não te entendo.

Telê – Ela vive cercada de amigas falsas, fofoqueiras, invejosas. Que estão com ela por puro interesse.

Sebastian – Você não pode falar assim das amigas dela.

Telê – Pois sim. Amigas, (*Regina levanta, escuta o fim da conversa*) são umas cobras venenosas.

Regina – Achou a filó, mami.

Telê – (*Telê leva um susto*). Que filó menina? De quem está falando.

Regina – E aí tio. Bele. (*volta para mãe*) a filó do Rafa! Ah! Ela aqui. (*Regina coloca a arranha na cabeça da mãe*)

(*Telê dá um grito e gruda no braço de Sebastian*)

(*Tonhão, que estava espiando entra, para na ponta do sofá atrás*)

Tonhão – Opa, Chequei na hora.

(*Sebastian levanta da um passo para o lado, Telê também para o lado oposto se arrumando*) (*Regina fica alisando filó no entre a cadeira e o sofá*).

Telê – Para com estas insinuações. Antonio Carlos. Ele é meu Tio! Lembra.

Tonhão – Lembro muito bem dele, e das festinhas que ele costuma freqüentar, para ele não escapa nem a sobrinha.

Sebastian – Não é bem assim. Você esta equivocado. Como vai?

Tonhão – Não tão bem quanto você. Que carrão em.

Sebastian – Mais você não sabe como é difícil sustentar tudo que tenho.

Tonhão – *(ironicamente)* Imagino a dificuldade.*(olha para Regina alisando e falando com a arranha)*. Que é isso na sua mão.

Regina – É a filó, não é uma gracinha. É minha e do Rafa.*(levanta a filó e fala)* Cumprimenta a mami, o papi e o Tio.

Sebastian – Telê, não acredito no que estou vendo, uma aranha como bicho de estimação. Será que tem alguma cobra também.*(olha para os pés)*.

Regina – Cobra aqui não, só na casa do Rafa.

Sebastian – Que horror. Menina doida.

Tonhão – Sai Menina, leva esta arranha daqui, depois vamos ter uma longa conversa, eu você e a cinta *(Telê põe a mão na cinta)*.

(Regina, sai para esquerda falando com a filó)

Telê – Não exagera Antonio Carlos. Não é com agressão que se consegue educar filhos. É melhor conversar, orientar.

Sebastian – não querendo interromper a leve discussão do casal, preciso ir embora.

Telê – Desculpe, Tio, ainda é cedo, não quer um cafezinho, côm num instante.

Sebastian – não, obrigado,*(faz cara de nojo)* preciso mesmo ir, Até logo.*(sai pela direita)*

Tonhão – Tchau. Vai pela sombra. (*fala para Telê*) Ele não toma café em casa de pobre. Não posso nem chegar em casa que encontro essas assombrações. Que ele queria. Não foi ele que disse que não pisava mais aqui.

Telê – Foi mais deve ter tido um motivo, no demais ele é da família irmão do meu pai.

Tonhão – Bem lembrado, vamos ter que chamar ele para uma nova conversa sobre o seu Pai.

Telê – O que você está pensando.

Tonhão – nada não, depois a gente vê. (**ruído** – *de uma panela batendo no chão*) que foi isso?

Telê – É melhor a gente ir ver. (*sai os dois para a esquerda*)

MÚSICA:

LUZ: a mesma

■ CENA 5

(*Telê entra com Regina e a coloca ela do lado do sofá*)

Telê – fica dançando ai, que tenho mais o que fazer. (*Regina fica dançando do lado do sofá*).
(*Rafael entra do lado direito. Chamando Regina*).

Rafael – Rê, o gata, cadê você.

Regina – Oi, miau. (*vai para frente do sofá cumprimenta o Rafa com um beijo no rosto*).

Rafael – Oi gata, belê.

Regina – Em cima, senta aí, (*sentam no sofá*) preciso te contar uma parada.

Rafael – O que?

Regina – Temos que dar um tempo naquele negócio!

Rafael – Piro. Nem pensar.

Regina – mas a mãe ta sacando o lance.

Rafael – To nem aí com a coroa.

Regina – Pois eu to fora.

Rafael – que caretice. (*fala para a platéia*). Pintou clima na mina.

Regina – caretice ou não, to fora.

Rafael – Falo, não esquenta.

Regina – você também devia dar um tempo. Você ta viajando muito ultimamente.

Rafael – E, pêra aí, cada um na sua. (*Tonhão entra e para na mesa*)

Regina – É mesmo, você que sabe. To fora, vamos nessa.

Rafa – vou me mandar. (*Rafa sai para direita*).

Tonhão – ra, ra. (*Rafa e Regina levam um susto*),

Rafa – vou me mandar. (*Rafa sai para direita*).

Tonhão - Eu já não falei finha que não quero você com este moleque.

Regina – somos só amigo pai. (*sai pela esquerda, passando por de trás da mesa*).

MÚSICA:

LUZ: a mesma.

■ CENA 6

(Telê (entra com agulha e tecido) e Tonhão entram pela esquerda conversando, Telê para na 1ª cadeira e Tonhão na 2ª). (sentam-se)

Tonhão – Não pode ser mulher, verdade. Me conta esta estória direito.

Telê – Pois é, Antonio Carlos, a Renata Carla me contou, porque ficou preocupada com a irmã.

Tonhão – Ela tem certeza, viu algo.

Telê – ouviu uma conversa da Regina Célia com o Rafael.

Tonhão – Onde foi que eu errei. Meu Deus. Porque comigo. Sempre fui um bom pai, ta certo que não sou de ficar abraçando, beijando.

Telê – Nem de conversar, já parte para ignorância.

Tonhão – O que. Ta me culpando.

Telê – Desculpe, falei sem pensar. *(pausa)* Não estou te culpando. A própria pessoa que usa as droga é responsável pelo seu vício e suas conseqüências.

Tonhão – Ah, bom! Eu li em um artigo, que depende da personalidade de cada pessoa, uns são mais fracos e acaba cedendo ao convite até mesmo de amigos.

Telê – Tem também pessoas que já tem tendência para se viciar em qualquer coisa, até em comida!

Tonhão – No artigo também descrevia isso, são pessoas mais agitadas.

Telê – E não adianta falar que faz mal, que faz isso ou aquilo, porque todos no começo descrevem que a sensação é boa.

Tonhão – é verdade, depois pegam gosto pela coisa, e ai não conseguem mais parar. (altera a voz) Mais o que vamos fazer com a Regina Célia. Precisamos tomar uma providencia rápido.

Telê – Calma Antonio Carlos, vamos ter que conferir melhor isso. É se confirmar nos-sas suspeitas, (acende a luz da direita) entra Renata Carla com caderno e caneta para primeiro na ponta do sofá) o melhor é procurar um profissional para nos ajudar.

Renata – *(entra pela direita com caderno na mão e para atrás do sofá)* Nossa senhora, que caras de que viram assombrações. Já sei a Regina Célia aprontou de novo, o que foi agora.

Telê – Nada, quer dizer, é que contei a seu pai sobre o que você me falou sobre a Regina Célia e o Rafael.

Tonhão – estamos preocupados, você deu algum conselho pra ela.

Renata Carla – Se conselho fosse bom não se dava cobrava, e eu sou irmã dela, acha que ela ia me ouvir. *(bate a mão no sofá, enquanto a mãe fala ela caminha até a 1ª cadeira)*

Telê – è verdade, ela parece que não escuta ninguém, vive no mundo da lua, quando vou explicar para ela algo, não deixa nem falar, já vai falando que sabe de tudo, que não preciso me meter na sua vida. E ai a fora.

Tonhão – Mas desta vez vai ser diferente ela vai me ouvir, se não nem sei o que faço com ela.

Telê – acho melhor manter a calma, e termos certeza antes de agir. Vamos lá dentro que vou te fazer um suco de maracujá.*(os três vão saindo para esquerda)*

Tonhão – é melhor mesmo.

Renata – vou estar no meu quarto.

MÚSICA:

LUZ: a mesma

■ CENA 7

(Giselda e Medelau entram pela esquerda. Ele comendo pão de queijo, se dirige para o sofá cada um senta em uma ponta Giselda na ponta da direita e Medelau na esquerda).

Medelau – *(fala de boca cheia)* Que de-li-ci-a !

Giselda – Você gostou mesmo, já comeu uma assadeira sozinho.

Medelau – *(ainda de boca cheia)* Mas é muito bom.

Giselda – melhor dar uma parada. Vai te dar dor de barriga.

(Sebastian esta com panfletos no bolso entra pela direita).

Medelau – *(mastigando)* Que nada.

Sebastian – O de casa, estou entrando.*(para de frente a Giselda. Medelau levanta).*

Medelau – Entra lá, mano. Como vai.

Sebastian – *(cheio de si)* Muito bem.

Medelau – Lembra da Giselda.

Sebastian – *(galanteador)* Como iria me esquecer *(pega na mão dela e beija com delicadeza).*

Giselda – Tudo bem, muito obrigada *(toda encabulada).*

Medelau – Mano. Vai com calma.

Sebastian – *(muda de tom, ola para o Medelau)* Medelau cadê o traste do se genro. O que ele quer comigo.Você sabe. Se for dinheiro esqueça. Não tenho está tudo investido.

Medelau – *(assustado)* Mais eu nem sabia que ele tinha te chamado, vou chamá-lo para ver o que é. *(levanta vira para esquerda e grita)*. Tonhão vem aqui rápido. *(Tonhão e Telê vêm da esquerda, Tonhão para na 3ª cadeira e Telê da 2ª)*.

Tonhão – que gritaria é essa veio.

Medelau – *(fala para a platéia)* Chamo um e vem dois, nasceram grudados é. Olha quem esta aqui.

Telê – Oi tio, que bom que o senhor aceitou nosso convite, precisamos conversar.

Tonhão – Tudo bem Sebastian. Senta ai, precisamos conversar.

(Giselda levanta e vai para trás do sofá, Medelau senta no seu lugar e Sebastian senta no lugar do Medelau, Giselda atrás de Medelau fazendo carinho nele. Tonhão senta na 3ª cadeira virada para o sofá, e Telê na 2ª).

Sebastian – O que vocês querem de mim. Se for dinheiro esquece.

Telê – Não é nada disso. *(Entra Renata pela esquerda com caderno e caneta)* Fala logo Antonio Carlos.

Renata – *(para na 1a cadeira)* D’a licença, Oi tio tudo bem. *(Sebastian responde tudo)*. Mãe posso fazer a minha lição aqui?

Telê – E o seu quarto.

Renata – Você sabe mãe que a Regina deixa o quarto uma bagunça, e eu não vou arrumar.

Telê – ta bem, senta ai e fica quieta.

Tonhão – (*irritado*) posso falar. (*pausa*) bom, tava pensando aqui com meus botões e conclui. Puxa vida, o Sebastian mora naquela casa enorme, com uma porção de quartos.

Sebastian – (*esnoba*) porção. É só cinco quartos.

Tonhão – (*altera a voz*) então, tantos quartos, quintal, piscina.

Sebastian – Graças ao meu esforço. Mais não foi para falar nisto que me chamaram né.

Tonhão – Com todo este espaço, só moram duas pessoas, e nos aqui com cinco. Um aperto. (*fala tudo de uma vez*) Você poderia convidar o seu irmão para morar com você.

Medelau – O que. (*levanta*) Vocês me querem fora daqui. (*senta desolado*).

Giselda – coitado do meu chuchu.

Telê – não pai, é só para o senhor ter mais espaço, seria tão bom para o senhor, dormir em uma cama. E vai poder voltar quando quiser, (*fala para o Tonhão*) não é Antonio Carlos.

Tonhão – claro. O que me diz, Sebastian.

Sebastian – Não digo nada, preciso falar com a Joana.

Tonhão – E claro, tinha me esquecido, quem dá a ultima palavra e ela.

Sebastian – È ela que toma conta da casa, Joana é uma mulher de classe.

Tonhão – Na minha terra tem outro nome, fresca, chata, metida.

Sebastian – (*levanta*) Você esta tentando me ofender.

Tonhão – Não ta mais aqui quem falou. Sente-se.

Telê – está conversa não vai dar em nada.

Sebastian – Tenho uma idéia melhor, vamos levar ele para morar em uma casa de repouso.

Medelau – *(levanta)* Num asilo. Meu Deus, eu não sabia que era um estorvo para vocês.

Telê – *(levanta)* Sente-se pai, mais o que esta acontecendo aqui, e o senhor em Tio que ingratidão com seu próprio irmão.

Sebastian – *(envergonhado)* Desculpe, eu só pensei que seria melhor para todos. Não sou uma pessoa ingrata, reconheço que você cuida de mim quando nossos pais morreram.

Medelau – Pensei que tinha esquecido de tudo que passamos juntos.

Sebastian – Imagine que iria esquecer do meu passado. É que falam muito bem de lá, você terá mais amigos, muitas atividades como jogos dança até namorar.

Giselda – Êpa, isso ele já tem.

Sebastian – Desculpe, lá também tem lugar para você. Não seria bom. Olha o folheto de lá. É uma beleza. *(entrega para Medelau, que amassa e joga fora)*

(Giselda faz uma careta para ele).

Renata – *(interrompe)* Eu também acho melhor o vô morar no asilo, seria melhor para todos.

Telê – *(chacoalha Renata)* Olha o que você está falando, menina, não se lembra como gostava de brincar com ele quando pequena.

Renata – Ai, mãe, quando eu era pequena achava graça de tudo, agora sou adulta.

Telê – e que adulta, uma ingrata, isso sim, está vendo Antonio Carlos, o monstro que criamos.

Tonhão – Eu não você. *(Telê olha feio para ele).*

(Regina entra pela esquerda, e para do lado a 1ª cadeira onde esta Renata).

Medelau – vocês pensam que vão me prender. *(Regina interrompe).*

Regina – Vão encanar o vô. O que ele fez. Tadinho.

Tonhão – Que encanar o que, menina, estamos conversando sobre um lugar melhor para o seu avô morar.

Medelau – Não precisa ficar discutindo sobre o meu destino, eu sei me cuidar sozinho.

Telê – Pai, não complica, o senhor não pode se cuidar sozinho com o que ganha. Onde vai morar, o que vai comer, vestir, e seus remédios como vai comprar, sem falar que precisa tomar na hora certa. Nem pensar.

Medelau – Não se preocupe, o problema é meu.

Telê – (levanta e fala) Problema nosso. Também sou dona dessa casa (*todos olham para ela espantados*) e falo que o senhor fica, não vai para asilo nenhum, ouviram. O melhor lugar para ele é ficar com a sua família. A reunião está encerrada. (*todos levantam*).

Sebastian – Bom, vou embora, preciso conversar com Joana, qualquer novidade comunico a vocês. Até logo.

Telê – Esta bem, mais não se preocupe, se a Tia se opor. Ele está bem aqui e continuara conosco. Passar bem.

(*Sebastian sai pela direita*)

Giselda – Chuchu vamos dar uma volta na praça pra esfriar a cabeça.

Medelau – è melhor mesmo. (*os dois saem pela direita*).

Renata – Regina é melhor a gente se mandar também. (*pega o caderno e a caneta e sai*)

Regina – Xi pela cara da mãe o bicho vai pegar. Vamos (*as duas saem pela esquerda*).

Telê – Antonio Carlos, agora nós vamos conversar.

Tonhão – nem vem Telê, e não me olhe assim. (*vira e sai pela esquerda Telê vai atrás*).

Telê – espera Antonio Carlos.

MÚSICA:

LUZ: a mesma

■ CENA 8

(Telê entra levando Regina até o sofá, Tonhão entra logo atrás, Telê senta na 3ª cadeira e Tonhão na 2ª)

Telê – (entra falando com Regina) *Filha senta ai que precisamos conversar.*

Tonhão – Tenho tantas preocupações, e ainda por cima preciso me preocupar com você, menina. O que anda aprontando.

Regina – Eu. *(espantada)* Como assim. Não to aprontando nada! Ta tudo lega.

Telê – É que ficamos sabendo de umas coisas que você anda fazendo. Que para nos é motivo de muita preocupação.

Regina – Que papo mais estranho.

Tonhão – chega de enrolação, vou direto ao assunto. VOCÊ ESTÁ USANDO DROGAS.

Regina – *(susto)* Ta maluco, quem diz isso.

Telê – não adianta negar, sabemos que é verdade.

Regina – ta certo que sou meio atrapalhada, vivo no mundo da lua.

Mais drogas. Que papo é esse.

Tonhão – sim senhora, vocês ficam viajando.

Telê – É mesmo filha. A Renata Carla ouviu sua conversa com o Rafael.

Regina – Quando foi.(entra Rafael pela direita)

Tonhão – Ontem.

Rafael – *(todos olham para ele)* Oi gata! Oi pessoal.

Regina – Mami, papi, lembram do Rafa, meu gato.

Tonhão – seu namorado.

Rafael – Pêra ai, namorado não, nada de prisão.

Tonhão – (bravo levanta) então é o que. Seu moleque.

Telê – calma Antonio Carlos, senta, lês são só amigos, que ficam de vez em quando.

Tonhão – Acha certo isso mulher. Não aceito *(Telê interrompe)*

Telê – Depois conversamos, agora o assunto é outro.

Tonhão – Pois é, senta ai moleque,*(Rafael senta)* você chegou na hora. Porque a conversa te interessa.

Rafael – *(levanta)* Não estou gostando nada disso, vou é me mandar.

Tonhão – *(levanta)* Você não vai a lugar nenhum senta.

Regina – senta gato, não é nada de mais, eles estão com uns grilos na cabeça, querem saber se estamos viajando.

Rafael – Ah! Bom é só isso.*(senta e passa a mão na testa como se limpa o suor)*.

Tonhão – Então vocês viajam ou não.

Rafael – *(olha para Regina)* só...

Tonhão – *(levanta e bate na mesa)* não acredito ainda confirma com está cara.

Telê – *(para o Tonhão quase chorando)* você não queria a verdade. Ai meu Deus, nós de força.

Regina – Calma Mami. Não precisa pirar. Nem eu nem o Rafa, curtimos isso, somos caretas.

Tonhão – Mas e a conversa que a Renata ouviu, de viajar, que não queriam que nos descobríssemos, parecia algo proibido.

Rafa – xi sujo, é melhor contar Rê.

Regina – ta lega. È que a gente estava armando um esquema para acampar no final de semana, pra curtir a *(os dois - levantam os braços em sinal de paz e amor)* natureza. Só que era escondido.

Tonhão – O que. Essa agora, não sei qual situação é a pior.

Telê – Antonio Carlos, *(mais aliviada)* claro que é as drogas, não tem nem comparação.

Tonhão – Ta doida. Ver minha garotinha dormindo fora de casa, e ainda com este ti-pinho.nem pensar.

Rafael – ih! Que papo careta, to me mandando.*(levanta)*

Regina – Pêra ai Rafa. Papi não esquentava com uma galera.

Tonhão – depois resolvemos isso.

Telê – É melhor mesmo.

Rafael – To liberado.

Regina – Vamos nessa Rafa. *(sai pela direita)*.

Telê – Vamos Antonio Carlos, é melhor revermos nossos conceitos.

Tonhão – nem vem Telê.*(e os dois saem pela esquerda)*.

MÚSICA:

LUZ: a mesma

■ CENA 9

(Sebastian e Medelau entram pela direita e sentam no sofá, Telê e Tonhão entram pela direita e sentam nas cadeiras)

Sebastian – *(esta mais humilde)* Medelau, será que um dia você vai me perdoar, por não ter permitido você de morar na minha casa. E ainda por cima ter arrumado um asilo para morar.

Medelau – Você sabe que não sou de guardar mágoa. Esta tudo bem.

Tonhão – não acredito no que estou ouvindo, o que aconteceu para você se arrepender.

Telê – Calma Antonio Carlos, ele vai nos contar.

Sebastian – Eu também quero pedir perdão para vocês, por ter sido tão arrogante, mesquinho e pelas grosserias que falei em relação a sua casa, até mesmo pelas críticas que fiz das meninas. São filhas maravilhosas.

Tonhão – Agora são maravilhosas, até outro dia eram umas diabinhas, malcriadas.

Sebastian – Por isso peço desculpa a todos, por sempre que vinha aqui tentar humilhar vocês *(todos de boca aberta não acreditando no que estão ouvindo)*, impondo minha presença e desfilando com roupas caras e carro último tipo. Sabendo que jamais iria conseguir ter igual.

Tonhão – Isto é verdade, sempre com este nariz empinado, como se tivesse o rei na barriga.

Sebastian – *(abaixa a cabeça, segurando com suas mãos, com vergonha, e a fala chorosa)* Perdão, sinto tanta vergonha de como eu era.

Tonhão – Telê. O negócio é sério mesmo.

Telê – Fica quieto Antonio Carlos. Tio a gente te entende, é seu jeito, nós gostamos de você assim mesmo. No fundo tem seu lado bom.

Medelau – *(coloca a mão no Sebastian tentando consola-lo)* tem mesmo.

Sebastian – Nunca pensei que meu castigo viesse a cavalo. Mais o ditado está certo, “Aqui se faz aqui se paga”. É isso que aconteceu comigo.

Telê – Mas o que aconteceu, é com a Tia.

Tonhão – Caiu do salto.

Telê – Antonio Carlos.

Sebastian – Não, ela está muito desolada. São meus investimentos, arrisquei muito e perdi tudo, estou a zero.*(Medelau, Nossa)*

Tonhão – Sei, vocês ricos, quando falam que perderão tudo, ainda tem alguns dólares no banco.

Sebastian – Dessa vez não me sobrou nem a casa, estou morando de aluguel, em uma casa popular. Olha o meu carro. *(Tonhão levanta e olha para a janela)*.

Tonhão – É aquele fusca caindo aos pedaços.

Sebastian – que situação de uma BMW para um fusca. Que desgraça.

Telê – O que é isso tio. Erga esta cabeça. O senhor precisa olhar as coisas boas que ficarão, sua esposa, (*Tonhão entorta o nariz*) nós sua família, saúde para trabalhar. Você pode lutar por tudo novamente.

Medelau – isso mesmo, você precisa acreditar na sua capacidade de recomeçar.

Sebastian – Eu acredito, ainda mais tendo vocês para me apoiar.

Telê – Então arregaça as mangas e mão á obra.

Tonhão – É isso aí, te damos a maior força, muitas vezes temos que perder para ganhar.

Sebastian – É verdade. Eu agradeço o apoio.

Tonhão – Agora você vai viver bem melhor, não basta estar vivo. “É PRECISO SABER VIVER”. Para comemorar vamos dançar um forró. Telê chama todos para comemorar. (os casais se formam para dançar ao som de um forró)

FIM

Texto 4

PALHAÇADA

Personagens

Palhaço

Zeca

Fureca

CENÁRIO – um caixote, no fundo varal com lençóis coloridos ou cortina de retalhos bem coloridos.

LUZ - normal

MÚSICA - marcha soldado.

FIGURINO- Palhaço – paletó customizado bem colorido, chapéu com uma grande flor. Zeca e Fureca – macacão jeans ou brim. (iguais). Chapéu de jornal.

CENA ÚNICA

(Zeca e Fureca entram marchando sobre o som da musica marcha soldado.

Da duas voltas em cena, eles param com a música e discute sobre a marcha).

Palhaço – (entra cantando triste e cansado entra cantando, ele carrega um saco com sanduíche e sua branca maluca).

Música – Se esta rua fosse minha

Eu mandava? Eu mandava ladrilhar

Com pedrinhas, com pedrinhas de

Brilhantes para o meu

Para o meu amor passar...

Zeca – o que é aquilo?

Fureca - ta cego cara! É um palhaço.

Zeca - que palhaçada.

Fureca - o que será que ele faz por aqui!

Palhaço - (senta e coloca a boneca no chão. Tira do saco de papel um sanduíche de mortadela e começa a comer).

Zeca - ele esta comendo um sanduíche, hummmm, vamos lá?

Fureca - ta brincando, fazer o que?

Zeca - bater um papo.

Fureca - com este palhaço, sem graça. Não vamos não

Zeca - quero ver que palhaçadas ele sabe fazer.

Fureca - Deixa pra lá, ele esta comendo.

Zeca - Há eu vou.

Fureca - (senta no chão e brinca com o carrinho que tira do bolso)

Zeca - oi palhaço. Cara de fuinha.

Palhaço - (cumprimenta zeca levantando o chapéu) olá! Como vai? .Como vai? Vai vai? Tudo bem? Tudo bem, bem bem?

Zeca - estou bem!

Palhaço - Veio a pé ou de trem?

Zeca - vim de pé dois, ou melhor, pé quatro, o fureca ficou lá, o que você ta fazendo?

Palhaço - o que você ta fazendo?

Zeca - to conversando com você

Palhaço - e eu to brincando.

Zeca – brincando de que?

Palhaço – de comer sanduíche, quer um pedaço e de mortadela.

Zeca – (torce o nariz)

Palhaço – porque não?

Zeca – Porque sanduíche de mortadela e sanduíche de pobre, e eu não gosto.

Palhaço – É de mortadela pra quem quer comer sanduíche de mortadela, eu digo assim! Eu estou comendo um sanduíche de salame. E não é que a mortadela ficou com gosto de salame.

Zeca – Fureca, vem aqui? (fureca vai mais perto).

Fureca – que foi zeca? Ele contou uma piada.

Zeca - não. Mais ele ta falando que come mortadela e ela vira salame.

Palhaço – não acreditam.

Os dois – não!

Palhaço – então fecha os olhos e da uma mordida no meu sanduíche, e pense assim. Hummmm ! Que gosto de patê de frango delicioso que eu estou comendo.

Zeca – (morde o sanduíche e faz careta).

Fureca – Que gosto tinha?

Zeca – Hummmm! Que gosto de mortadela horrível, mentiroso continua sendo mortadela.

Palhaço – é que você não tem fé.

Fureca – que fé?

Palhaço – não sabe o que é fé? Fé é acreditar. Se você acreditar que come patê de frango você sentiria o gosto.

Fureca – eu acredito só quando vem escrito. Patê de frango.

Zeca – eu também.

Palhaço – a é? E se alguém tira o patê de frango da lata e colocar patê de ficado? Só porque está escrito, patê de frango você compra, come e acredita. Não vem não que este papo é furado. Esse papo é furadíssimo meus caros amigos. Eu disse furado.

Fureca – você inventa cada coisa. Que palhaço sem graça!

Palhaço – eu não invento nada. Eu digo as coisas de acordo como elas são. Vocês são irmãos?

Zeca – só amigos,

Palhaço – amigos hem? E vocês acreditam?

Os dois – Claro que sim.

Palhaço – então o que é que eu tenho que acreditar? Se vocês são realmente amigos, eu não tenho que acreditar nada.

Fureca – chi zeca ele pirou, esta com a cuca mole.

Palhaço – cuca. O que é cuca?

Zeca – cuca. Cuca é a cabeça.

Palhaço – ah, ah, ah. Cuca é cabeça? Que gozado. Ah ah ah. Muito gozado quá qua qua.

Fureca – escuta aqui. É você que tem que fazer a gente dar risada e não a gente fazer você rir.

Palhaço – porque?

Os dois – ora você que é o palhaço.

Palhaço - mais vocês podem fazer eu rir também.

Fureca – mais eu não sou palhaço.

Palhaço – a arte de fazer rir está em todos nós, em mim em vocês em nós, nós podemos se gozado, tristes ou estáticos. Estático é assim, parado, com cara quase de bobo. A única diferença entre eu e vocês dois é que, eu visto esta roupa colorida, e pinto a cara e vocês não. Vamos ver uma coisa, faça de conta que você é um cachorro.

Fureca – cachorro?

Palhaço – ande por ai como cachorro e faça uma coisa engraçada.

Fureca – (anda de quatro latindo, da uma volta, em um determinado momento imita um cachorro fazendo xixi no zeca, late e tenta morder).

Zeca – sai pra lá cachorro.

Fureca – (sai latindo e se levanta).

Palhaço – (da risada) como você é engraçado.

Fureca – Puxa, que bacana!

Zeca – é bacana mais não precisava me morder.

Fureca – e qual a diferença entre eu e você? Já que você é um palhaço vestido e eu não.

Palhaço – você é engraçado porque é puro, espontâneo e a vida da gente também é muito engraçada. Agora eu trabalho, ganho dinheiro contando piadas, mais tem hora que não encontro nenhuma piada boa, ai eu sento como meu sanduíche e começo a achar todo mundo engraçado, como vocês dois, por exemplo.

Fureca – voc6 n6o cansa de ficar com esta boneca o dia inteiro.

Palha7o – n6o. porque ? a Colaca fica comigo.

Zeca – quem?

Palha7o – a minha boneca branca maluca. Ah,ah,ah.

Os dois – n6o tem gra7a.

Palha7o – n6o querem sandu6che? Tem de salsicha, mortadela, presunto, pat6 de frango, de f6gado.

Os dois – n6o obrigado.

Palha7o – n6o vou brigar por isto. Ah, ah, ah,

Fureca – voc6 n6o cansa de rir da gente?

Palha7o – canso.

Zeca – e o que voc6 faz?

Palha7o – fa7o os outros rirem, ah, ah, ah.

Fureca – O que mais voc6 sabe fazer?

Palha7o – palha7ada ah, ah, ah.

Fureca – isto n6o tem gra7a.

Palha7o - esta bem ent6o imaginem que voc6s dois s6o sanfoneiros, e agora toque um forro para mim. (o palha7o entrega instrumentos de brinquedo).

Zeca – (pega o instrumento de brinquedo) com isto?

Palha7o – toquem.

Zeca e Fureca – ta bem. Vamos tentar. (imitam que est6o tocando).

Música: forro

(O palhaço pega a boneca branca maluca e começa a dançar. E todos dão boas risadas).

FIM.

Texto 5

VIVENDO, AMANDO E APRENDENDO

Personagens

Clara Cristina – Joseane;

Rosa Maria (Rosemary) – Mariza;

Gustavo Augusto – Rafael;

Paulo Eduardo – Cristiano;

Rita (vó ritinha) – D. Deyse;

Rubens – Osvaldo.

■ CENA 1

Musica - 1 e 2 ou 9 e 10do CD

Luz – acende quando Clara entrar.

(entra Clara pela direita do palco, dançando e para no meio do sofá).

Clara - Que legal, amanhã vai ter um show, e eu quero ir com os meus primos. Será que o meu pai vai deixar?. Mais vou pedir para ele. *(olha para os lados)* Pai, pai, onde o senhor esta paiiiiiii.

Rubens - *(fala da coxia)* Estou aqui fora, estou ocupado.

Clara - venha aqui pai quero pedir uma coisa.

Rubens - *(entra pela direita)* se for dinheiro. Desisti que não tenho.

Clara - *(nervosa)* não é nada disso.

Rubens - não vai me disser, que quer outra boneca.

Clara - claro que não. Eu não sou mais criança.

Rubens - você ainda e o meu bebe. *(pausa)* Mais o que quer?

Clara - quero ir ao show com meus primos.

Rubens - Que legal vc vai conhecer a Xuxa.

Clara - Pai não é a Xuxa, e um show de rock. Deixa.

Rubens - nem brincando vc vai sair com estes dois. Sabe, clarinha, desde que sua mãe nos abandonou, vc era um bebe. Que sou sua mãe e seu pai, acha que eu vou soltar vc nas mãos destes dois irresponsáveis.

Clara - deixa pai.

Rubens - nem pensar.

Clara - deixa pai, deixa. *(bate os pés, com voz de choro).*

Rubens - *(altera a voz)* para com esta manha, se não te ponho de castigo. E vai para o seu quarto brincar de bonecas.

Clara - eu não brinco mais. Sou Adulta.

Rubens - Adulta onde, para mim é meu bebe. Vai para o seu quarto, que tenho mais o que fazer. Tenho que trabalhar. Show de Rock. *(sai para direita)*

(Clara fica no mesmo lugar chorando, entra Paulo pela esquerda com uma revista).

Paulo - Nossa Tina, o que aconteceu?

Clara - meu pai, não deixou eu ir ao show com vcs.

Paulo - não esquentá, depois a gente conversa com ele.

Clara - vc Paulo é que tem uma mãe legal. Meu pai é um chato.

Paulo - Tenha paciência com ele, vai dar tudo certo.

Clara - eu só quero ver.

Paulo - Agora preciso resolver uma coisa com a minha mãe.

Clara - esta bem, tchau.

(Paulo senta no meio do sofá abre uma revista)

Paulo - chegou uma revista com computadores.

(Rosa entra pela direita com uma bolsa e a joga na cadeira do lado do sofá).

Rosa - Nossa estou tão cansada, trabalhei tanto.

Paulo - oi mãe.

Rosa - oi filho. *(senta no sofá ao lado de Paulo)* Como foi seu dia?

Paulo - foi bom mãe.

Rosa - estudou bastante.

Paulo - estudei. Sabe mãe, eu queria fazer outro curso de computação.

Rosa - Outro curso Paulo Eduardo, já estou pagando três cursos para vc, um de espanhol, um de inglês e um de francês.

Paulo - sabe mãe eu preciso aprender mais.

Rosa - eu sei que é importante para vc.

Paulo - mais eu posso trabalhar e te ajudar.

Rosa - de jeito nenhum, não quero que vc trabalhe, quero que vc estude para entrar em uma faculdade publica.

Paulo - mais é só meio período.

Rosa - Não/ não acho certo/ eu já trabalho três períodos, e o meu dinheiro não dá. Sabe Paulo Eduardo, quando eu me separei do seu pai não quis nada dele. Só vc. Vou pensar como resolver. Já sei. Mais acho que vou deixar meu orgulho de lado (*pausa*) e conversar com seu pai quem sabe ele paga este curso para vc. Este bem assim filho?

Paulo - obrigado mãe.

Rosa - de nada filho. (*levanta*), eu vou ligar para seu pai, quer mandar um recado para ele.

Paulo - manda um abraço.

Rosa - ta bem. Tchau filho.

Paulo - tchau mãe, eu vou estar no meu quarto.

(Rosa pega a bolsa e sai pela direita)

(*entra Gustavo pela direita com um fichário*)

Gustavo - nossa a casa está tão silenciosa, com certeza a vó Ritinha esta na cozinha. (*para platéia*) é hoje que eu ganho aquele celular. (olha para esquerda) vó, vó, cadê a senhora?

Rita - estou na cozinha meu neto.

Gustavo - (*para platéia*) como eu já não soubesse que ela estava na cozinha, ela não sai de lá. (*olha para esquerda*) venha aqui, quero falar com a senhora.

Rita - (*entra limpando as mãos no avental*). Que foi? Que aconteceu? Porque tanta pressa?

Gustavo - vó, vizinha, quero outro celular.

Rita - outro celular Gustavo Augusto, cadê o seu?

Gustavo - aquele, eu perdi.

Rita - perdeu seu celular novinho?

Gustavo - caiu por ai, ou alguém pegou sei lá, eu quero outro.

Rita - outro. Agora não dá. Eu tenho tantas contas para pagar, e a pensão do seu avô mal da para a gente comer.

Gustavo - Vó, vizinha querida eu preciso tanto de um celular novo.

Rita - esta bem. Vou fazer umas economias e compro o seu celular, mais prometa ter mais cuidado.

Gustavo - prometo. (*com os dedos cruzados*). Vó a senhora é um amor.

Rita - sabe Gustavo, quando vc era pequeno e sua mãe nos deixou para seguir a carreira de modelo, que eu me sinto tão responsável por você.

Gustavo - Vó eu quero meu celular com câmera mp4 e internet.

Rita - nossa que bicho é este de internet?

Gustavo - há vó depois eu te explico, agora eu quero ver os modelos mais modernos. To com fome o almoço ta pronto.

Rita - esta meu neto. Vamos para cozinha, que vou tirar seu almoço.

Gustavo - que tem de rango?

Rita - tem lasanha que você adora.

■ CENA 2

Musica – 3 ou 11 do CD

Luz – acende quando Gustavo e clara for entrando.

Gustavo - é ai Clara o seu pai deixou você ir ao show com a gente.

Clara - pior que não deixou.

Gustavo - e que tio careta, não esquentava depois a gente convenceu seu pai a deixar você ir ao show com a gente.

Clara - legal agora são dois para fazer a cabeça do meu pai.

Gustavo - agora vamos assistir a TV, deve estar passando um filme da hora. Liga a televisão ai clara.

Clara - pronto pode ser este filme?

Gustavo - pode.

Paulo - e ai gente.

Clara - já chegou o estraga prazer.

Paulo - coloca no jogo Gugu.

Gustavo - Meu nome não é Gugu, e vc não tá vendo que o controle tá com a Clara.

Paulo - põe no jogo tina. (*cantado*)

Clara - não está vendo que nos estamos assistindo o filme. E meu nome não é tina e Clara Cristina.

Paulo - eu vou escutar no radio.

Gustavo - vai ouvir no seu quarto, nos estamos assistindo agora.

Paulo - vou escutar aqui.

Clara - então ouve baixo.

(*Paulo começa a narrar o jogo de futebol*)

Gustavo - olha só que cara engraçado, há, há, há.

Clara - é mesmo, o que será que ele vai fazer com aquela torta.

(*Paulo continua narrando o jogo*).

Gustavo - ele escorregou na casca de banana, há, há, há.

Clara - bem feito, ele que jogou no chão.

Gustavo - Paulo para com isso quero assistir o filme. (*Paulo continua narrando o jogo*).

Clara - para Paulo vc ta atrapalhando.

Paulo - mais o jogo está ótimo.

Gustavo - o filme também.

Clara - se não parar vou tomar este radio de vc.

Paulo - quero ver.

Clara - (*levanta*) a é é.

(*entra Rosa pela direita joga a bolsa na cadeira*).

Rosa - o que está acontecendo aqui, da para ouvir a gritaria da rua.

Gustavo - é o Paulo que não deixa a gente assistir o filme.

Paulo - è a Tina mãe que quer tomar meu radio.

Clara - é o Paulo narrando o jogo alto.

Rosa - chegaaaa! Não quero saber quem é o culpado desta gritaria.

(Rita entra pela esquerda e para do lado da Clara).

Rita - Rosa Maria o que esta acontecendo aqui?

Rosa - não é nada, já resolvi. E meu nome é Rosemary. E vamos todos dormir, que já é tarde. Boa noite crs, vamos Paulo. Boa noite Rita.

(Rosa e Paulo saem para esquerda)

Clara - *(levanta desliga a TV e sai)* Isto é tudo culpa do Paulo. Boa noite tia, boa noite Gustavo.

Gustavo - é mesmo.

Rita - a Rosa não tem jeito mesmo, vive deixando tudo jogado *(olha para a esquerda e chama Rosa)* Rosa Maria volta e peque as suas coisas. *(Rosa volta).*

Rosa - já disse para me chamar de Rosemary Rita. Não decora mesmo o meu nome.

Rita - mais este é seu nome.

Rosa - não o meu nome e Rosemary Miller da Silva.

Rita - o seu nome e Rosa Maria da Silva, o Miller vc deixa de lado, porque seu marido já te deixou.

Rosa - para de falar da minha vida Rita, vc me deixa tiririca.

Gustavo - vó to com fome da para fazer um lanchinho?

Rita - agora. Ta tão tarde.

Gustavo - meu estomago não sabe horas.

Rita - ta bem querido. Vamos até a cozinha que vou preparar um lanchinho para vc. (*os dois saem para esquerda*).

Rosa - (*pega suas coisas vai sair vira para a platéia*) Esta minha irmã não tem jeito, faz todos os gostos no neto, deveria prestar mais atenção em suas ações.

(*abaixa a luz*)

■ CENA 3

Musica: n° 4 ou 12 (*bem alta, preparar a mus. N° 3 - 00h33min*)

Luz: (*no grito, aumentar rápido*).

(*no grito, entra Rubens correndo pela direita e se esconde na cortina tremendo todos acordam e vão até a sala assustados. Entra Rita vai até a cadeira da direita, Gustavo no sofá, Paulo na cadeira da esquerda Rosa na frente da cadeira da direita, clara na ponta do sofá todos de pé, falam todos juntos*).

Gustavo - (*aponta para a cortina*) gente a cortina ta tremendo.

Todos - é mesmo.

Rita - será que é ladrão?

Gustavo - ladrão tremendo.

Paulo - deve ser terremoto.

Rosa - acha filho, aqui n6o tem terremoto.

Clara - eu vou ver quem 6.

Rosa - Clara n6o vai, pode ser perigoso. Pode ser um ladr6o.

Clara - (*vai at6 a cortina e a abre*), mais 6 meu pai! Pai o que o senhor esta fazendo ai?
(*todos sentam menos Rubens que fica do lado do sof6*).

Rubens - estou matando baratas.

Clara - eu tenho medo de baratas.

Gustavo - matando baratas no escuro.

Rosa - como baratas nesta casa, mais a Rita passa o dia todo com a vassoura na m6o, varrendo para La e para Ca. E esta casa esta cheia de insetos. Explique isto Rita.

Rita - eu fiz faxina ontem. E voc6 n6o devia estar trabalhando Rubens?

Rubens - eu estava.

Clara - pai porque o senhor esta tremendo?

Rubens - estou morrendo de frio.

Rita - frio, mais esta um calor danado. (*esta frase muda conforme o tempo*)

Gustavo - conta esta historia direito tio.

Paulo - esta mentira n6o esta colando.

Rosa - o que voc6 veio fazer em casa.

Rubens - mais eu to com frio, e vim tomar um caf6.

Rita - mais eu preparei uma garrafa de caf6 para voc6 levar.

Rubens - um gato passou e derrubou a garrafa e quebrou.

Clara - pai, conta a verdade.

Gustavo - vamos desembucha.

Paulo - e melhor contar a verdade j6 ta tarde.

Rosa - anda Rubens, voc6 esta se enrolando cada vez mais.

Rubens - ta bem, (respira fundo), 6 que me contaram que a constru76o que estou trabalhando, fica em cima de um cemit6rio ind6gena, e todos dizem que 6 mal assombrado, Hoje foi incr6vel, **eu n6o tenho medo**, mais eu ouvi uns tambores e uns gritos, n6o aquei, **n6o 6 que eu tenho medo**, mais sai correndo para ver se voc6s estavam bem.

Todos - e ele n6o tem medo.

Rosa - Rubens Covarde da Silva, cria vergonha nesta cara e volta j6 para l6.

Clara - pai medo de fantasma?

Rubens - n6o 6 medo de fantasma e medo de alma penada.

Paulo - e n6o 6 a mesma coisa.

Rita - chega, est6 tarde vamos dormir, e voc6 Rubens volta pro seu trabalho.

Clara - boa noite pai medroso.

Rubens - boa noite minha filha. (Rosa, sai e leva Paulo).

Rosa - vai dormir filho que amanh6 vc tem prova. (fala para Rubens) um homem deste tamanho com medo de fantasma BUUUU.

Rubens - n6o 6 medo de fantasma, (para o p6blico) 6 falta de coragem mesmo.

Rita - j6 ta tarde, vamos tamb6m dormir Gustavo?

Gustavo - vamos passar na cozinha, que toda esta conversa me deu uma fome.

Rita - de novo você com fome, você só pensa em comer.

Gustavo - é só um cachorro quente, (Rita vai repetindo), dois beirutes...

Rita - só isto.

Gustavo - sobrou lasanha do almoço?

Rita - lasanha? Nem um pedacinho. Você comeu tudo.

Gustavo - eu não fui o Tio Rubens.

Rubens - eu não vi nem o cheiro.

Gustavo - o cheiro não mais o gosto sim ne.

Rita - Rubens olha só seu sobrinho só pensa em comer.

Rubens - esta em fase de crescimento lateral, da um chá com três torradas que ele vai dormir bem.

Rita - você me deu uma boa idéia chá com torradas.

Gustavo - chá com torradas. E Tio, para de se meter na minha comida, e vai cuidar dos seus fantasmas. Boa noite Tio.

Rubens - Rita e três torradas lait.

Rita - isto mesmo torradas lait. Boa noite Rubens.

Rubens - boa noite Rita. *(vai para frente do sofá fica sozinho pensando)* Santo Deus. Que faço agora *(para platéia)*, **não é que tenho medo de fantasma, eu tenho pânico.** *(pensa)* tenho uma idéia, vou me fantasiar de fantasma e assustar os fantasmas, é isso, Será? vou ou não vou, a eu vou ! Quer saber vou pegar este lençol e vou me fantasiar de fantasma, vou por aqueles poucarronta para correr tanto que vão virar tudo pouca pena. BUUUUUU.

■ CENA 4

Musica: N° 3 ou 11 - 00h33min

Luz: *(aumentar quando a Rosa Entrar).*

Preparar a musica 5 ou 13 do cd.

Rosa - *(entra pela direita com aparelho de som coloca na cadeira do lado)* Preciso prepara uma coreografia para minha apresentação. Vou ligar o som quem sabe flui.

(liga o aparelho. Musica n° 05 ou 13 toca 01h00min abaixa a mus.)

Rita - Rosa que barulheira e esta? Não sabe que horas são?.

Rosa - é meu trabalho, só tenho está hora para ensaiar.

Rita - já é tarde vamos dormir e vc dançando novamente com esta cobra, não sabe que é perigoso.

Rosa - Rita vc esta sempre implicando comigo. Agora vc esta implicando com a Clotilde. Para de ser estressada.

Rita - eu estressada, sou tão calminha.

Rosa - se vc é tão calminha porque não levar a vida, mais lait, sai com suas amigas, e para de pegar no meu pé.

Rita - Lait é vc me irrita com esta mania de tudo lait, lait. *(Sai)*

Rosa -vai dormir Rita, não é que ela foi, vou ligar meu radio.

(voltar a mus. N°05 ou 13)

Rita - Rosa Maria?

Rosa - meu Deus do céu, deixa eu desligar o som. (*desligar a mus.*) não sei a onde vou ensaiar. Já sei vou ensaiar no quarto e sem mus. (*sai para esquerda*)

Clara - (*entra, trazendo uma revista e senta no sofá*). Vou aproveitar que todos estão dormindo e ler minha revista, olha que gatinho...

(*mus. Nº 06 ou 14 01:00 min.*)

(*Clara ouve a mus, leva um susto e se esconde atrás do sofá. Rubens entra dançando e cantando*).

Clara - Pai, o que esta fazendo?. (*desliga o som*)

Rubens - (*leva um susto*). Filha.

Clara - que roupa e essa? mais que cabelo!

Rubens - que a menina está fazendo acordada até esta hora?

Clara - o senhor não me respondeu.

Rubens - estava dançando, vc sabe que eu adoro dançar.

Clara - eu vi, mais não era hora do senhor estar trabalhando.

Rubens - relaxa filha hoje e meu dia de folga, e para lembrar do meu melhor tempo fui dançar.

Clara - nossa, pai sempre vi o senhor como uma pessoa autoritária, nunca imaginei o senhor com estas roupas e dançando assim.

Rubens - precisamos sentar e ter uma conversa.

Clara - è pai, precisamos conversar sobre a maneira que me trata.

Rubens - mais eu te trato com tanto amor.

Clara - Pai eu sei, mais o senhor me trata como criança, eu já sou uma adolescentes.

Rubens - mais eu te trato assim para te proteger.

Clara - eu sei Pai, mais eu já tenho 15 anos, quero viver como todas as meninas da minha idade.

Rubens - há é. Como as meninas da sua idade vivem, o que elas fazem?

Clara - Elas saem, se divertem fazem um montam de coisas e eu não faço nada disso.

Rubens - Confesso que estou sendo egoísta, preciso aprender a confiar mais em vc.

Clara - e verdade, pode confiar em mim.

Rubens - eu vou dei deixar vc sair.

Clara - vou poder sair com minhas amigas?

Rubens - aos poucos, mais vou ter que te comprar um celular.

Clara - oba eu vou ganhar um celular.

Rubens - e mais é para saber onde vc ta e com quem vc ta. E vou te ligar em meia e meia hora.

Clara - xiiii!

Rubens - que foi.

Clara - nada não, e as minhas roupas.

Rubens - vou te dar dinheiro para vc comprar roupas novas, mais veja lá em que tipo de roupa vc vai comprar em?

Clara - pode deixar pai, vou comprar roupas bem bonitas, eu não gosto de roupas curtas e nem decotadas.

Rubens - acho bom mesmo, porque vc ainda é minha menininha.

Clara - foi bom conversar com o senhor, o senhor é legal. Olha o senhor dança bem, não dá para me ensinar uns passinhos.

Rubens - não abusa do meu bom humor.

■ CENA 5

Musica: *Nº 7 ou 15 - 00h33min*

Luz: *(aumentar quando a Rosa e Paulo Entrar).*

Rosa - filho estou indo para minha apresentação, vc quer ir junto?

Paulo - onde vai ser mãe?

Rosa - vai ser no ... *(o nome do local onde estamos apresentando)*

Paulo - hoje não dá, porque vou à festa.

Rosa - juízo na festa que vai em.

Paulo - mãe pode deixar, eu tenho juízo. *(senta e pega a revista que a Clara deixou no sofá).*

Rosa - eu sei querido, Mais tenha cuidado, e não volte tarde que tem prova amanhã.
Tchau.

Paulo - sucesso mãe.

Rosa - obrigada filho *(sai).*

Paulo - uma revista nova, quantas princesas.

(entra Rubens)

Rubens - Clara Cristina estou indo trabalhar.

Clara - ta bem pai.

Rubens - juízo nesta festa, te ligo em meia em meia hora ta?

Clara - ta bommmm.

Rubens - Paulo toma conta de sua prima nesta festa, posso confiar. Posso confiar? (sai)

Paulo - pode deixar, tchau tio bom serviço.

Rubens - obrigado, tchau.

Gustavo - *(entra)* e ai Paulo, acho que a festa de hoje vai ser maneira.

Paulo - É Gugu vai ser ótima, e a tina vai com a gente pela primeira vez.

Gustavo - é verdade? A Clara vai. Vou fazer ela pagar o maior mico, e esta revista ai. *(entra Clara)*.

Paulo - tem umas princesas lindas.

Gustavo - vai virando as pagina ai. *(entra Clara)*.

Clara - vamos quero chegar cedo.

Gustavo - senta ai quero te contar uma coisa.

Clara - seja rápido quero encontrar as minhas amigas. *(Rita entra e fica escutando toda a conversa)*

Gustavo - sabe aquele bolo de chocolate que a vó fez para o tio.

Clara - sei.

Gustavo - foi eu que comi.

Paulo - então foi vc Gugu?

Clara - e foi nos que levamos a culpa.

Gustavo - e tem mais, sabe aquele celular que eu perdi.

Clara - vc achou?

Gustavo - achei o que eu nem perdi, eu dei para minha gatinha, e vou ganhar um novinho, com tudo de mais moderno, já ate escolhi o modelo.

Paulo - vc não pode fazer isto com a sua avó, ela se esforça tanto.

Gustavo - não to nem ai.

Clara - isto é muita maldade Gustavo.

Gustavo - eu levo ela no bico.

Rita - (brava) então vc me leva no bico? (todos levam um susto)

Gustavo - vó, vc estava ai? É brincadeira.

Rita - é brincadeira eu trabalho como uma doida deixo de sair com minhas amigas para comprar tudo que me pede e ainda e brincadeira.

Gustavo - Vozinha querida, vc ouviu mau.

Rita - e ainda me chama de surda.

Gustavo - vó a gente conversa depois, agora eu vou à festa, vamos Paulo e Clara.

Rita - FESTA! Coisa nenhuma sente já ai. Vai Paulo leva a Clara para a festa vcs merecem.

Clara - xiiii, meu celular ta vibrando, tenho certeza que é meu pai.

Rita - então atenda.

Clara - alooooo.

Rubens - alo filha, como esta esta festa, já saiu barraco ai.

Clara - Pai, ainda não saímos de casa, o barraco é aqui.

Rubens - como é que é?

Clara - depois eu explico.

Rubens - te ligo daqui a meia hora.

Clara - vamos Pulo antes que meu pai ligue de volta. Tchau tia, tchau Gustavo depois eu conto como foi à festa.

Gustavo - não quero saber de nada.

Paulo - tchau tia, tchau Gugu boa sorte para vc. *(os dois saem)*

Gustavo - meu nome não é Gugu. Mais vó esta festa vai ser maneira.

Rita - E eu não acabei, e tem mais, vc esta indo mau nos estudos. Suas notas estão péssimas, e vai começar estudar desde já.

Gustavo - vó a culpa e da professora.

Rita - chega de mentiras, os professores são ótimo, pacientes, dedicados, vc é que é um mau aluno. *(sai)*

Gustavo - vó já que esta indo para a cozinha, trás um lanchinho para mim.

Rita - *(da coxia)* é para já.

Gustavo - oba a convenci, o que será que ela vai trazer, será que e um bolo, será que é uma torta, já sei e um pudim hummmmm.

Rita - aqui esta seu lanchinho, devora, porque eu vou à festa com minhas amigas, tchau.

Gustavo - vó, isto é o meu fichário.

Rita - eu sei, e para vc estudar, que vou tomar sua lição amanhã.

Gustavo - vó, vizinha me perdoa.

Rita - sabe Gustavo vc me decepcionou muito, agora vai depender do seu comportamento, daqui para frente vai ser na redia curta. Tchau fui. *(sai)*

Gustavo - *(levanta)* xi aprontei e me dei mal é depois de tudo o que fiz, eu preciso mudar, e vou começar agora mesmo. *(pega o fichário e sai)*.

■ CENA 6

Musica: *Nº07 ou 15 cont. a mesma musica.*

Luz: *(aumentar quando a Rosa entra e a musica abaixa).*

Gustavo - *(entra dançando olha para os lado vê que não tem ninguém)* Estudar, eu estudo depois agora eu vou é para a festa.*(sai)*.

Rosa - *(entra)* Graças a Deus, minha apresentação foi um sucesso. Arrasei. Deixa eu contar para a Rita Rita. Mais a Rita não sai, onde ela esta, quer saber vou e descansar.

Rita - *(entra)* que noite maravilhosa, me divertir tanto.

Rosa - *(espantada)* Rita onde vc estava.

Rita - eu sai com minhas... *(entra Clara e Paulo)*.

Clara - Que mico que paguei hoje.

Paulo - calma tina calma.

Clara - Paulo já não falei que meu nome não é tina e Clara Cristina.

Rita - senta aqui Clara, e me conte o que aconteceu.

Clara - meu pai e o Gustavo, que vergonha!

(entra Rubens trazendo Gustavo pelas orelhas)

Rita - O Gustavo

Rubens - Olha quem eu achei na festa.

Gustavo - ai tio minha orelha.

Rita - Gustavo não era para vc estar no seu quarto estudando.

Gustavo - eu eu eu...

Rubens - desenrola menino.

Gustavo - eu estudei rapidinho e fui a festa.

Rita - Gustavo vc não tem jeito, Deus do céu, que faço com vc.

Rosa - Rita, coloca ele para trabalhar.

Rubens - é uma boa idéia. Já ate sei onde.

Gustavo - trabalhar? Será que eu consigo?

Rita - há se consegue, consegue sim.

Rubens - na empresa que eu trabalho surgiu uma vaga de Office boy e amanhã sedinho vamos lá para vc preencher uma ficha e se candidatar a esta vaga.

Gustavo - e tio outra vez, dando palpite na minha vida. Mais vó se eu vou trabalhar eu não vou estudar mais.

Rita - vai trabalhar de dia e estudar a noite.

Gustavo - (*reclamando*). Eu não vou estudar e a noite eu não vou estudar.

Rubens - chega de reclamação Gustavo Augusto isto é para seu bem não, através do trabalho e dos estudos vc vai se tornar uma pessoa responsável e vai aprender a viver.

Rita - e que Deus nos ajude.

FIM

Texto 6

“A ARTE DE VIVER”

Musica – CD – Brisa e Sonho

Início – musica - nº 09

■ CENA 1

(entra o curinga (narrador) pela esquerda fica do lado direito do palco)

Curinga – Olá, olá, olá. Estou aqui para contar uma historia. Toda historia que se preze, deve começar assim. “Era uma vez”, em uma aldeia distante, um discípulo (*entra o discípulo pela direita do palco*) que encontra seu mestre. (*entra o mestre pela esquerda*)

Discípulo - (Mariza) – *(cantando um mantra)* hoooooo, shanti, shanti, shantiiiiiiii.

Mestre – (Osvaldo) – *(entra com um cajado com sinos)*.

Discípulo – boa tarde (ou bom dia ou boa noite) mestre.

Mestre- sim minha filha hoje será um dia (tarde ou noite) feliz.

Discípulo – mestre! estou com uma duvida.

Mestre – diga minha filha, qual é o seu conflito?

Discípulo – mestre quem devo satisfazer, devo satisfazer a vontade da aldeia ou a vontade da minha família.

Mestre – não sei se é prudente contentar a todos. Porque não existem regras pelas ações realizadas por amor. Mais venha minha filha que vou contar uma historia, que poderá ajudá-la a encontrar uma resposta. *(os dois saem para a esquerda)*.

■ CENA 2

Curinga – e assim... Lá vem a historia.

(entra a mãe e o filho carregando o burrinho pela esquerda)

Curinga – nossa o quem são eles? Há é uma senhora e um menino carregando um burrinho.

Senhora (*D^a. DAISY*)– meu filho vamos levar este burrinho para vender na feira do rolo.

Filho (*Cristiano*) – to indo mãe, mais ta muito pesado. *(fazendo força)*. *(os dois param no centro do palco)*.

Teófilo - (*Rafael*) – (*entra pela direita para olha a cena olha para o publico e da risada, sai pela esquerda dando risadas*). Só isto que me faltava para completar o meu dia.

Petrusio (*Oswaldo*) – (*entra pela esquerda olha a cena*) mais minha senhora o burro serve para carregar e não para ser carregado. Deste jeito vocês vão se machucar. (*sai pela direita*).
(*a senhora e o filho sai para direita e muda de posição*)

■ CENA 3

(*entra pela direita mãe e o filho, o menino montado e a mãe puxando*)

Curinga – vejam só pessoal ! Um menino forte montado no burrinho e a senhora puxando os dois.

(*entra pela esquerda José e Mariza*)

Florisbela (Mariza)– vamos Pedrita.

Pedrita (Jose) – espera Florisbela minha sacola abriu deixa ver se minha carteira esta aqui. Ai...

Florisbela – que foi?

Pedrita – machuquei minha mão.

Florisbela – deixa-me ver. (olha dentro da sacola) nossa Pedrita você carrega uma tesoura aberta na bolsa, que imprudência.

Pedrita – sou prevenida, sempre carreguei minha tesoura.

Florisbela – você precisa ter mais cuidado.

Pedrita – é mesmo, vou carrega dentro do estojo. (olha para a direita) mais que menino folgado Florisbela.

Florisbela - é mesmo! Coitadinha daquela senhora.

Pedrita – isto é um abuso contra o idoso. (*saem para direita*)
(*mãe e filho saem para esquerda*).

■ CENA 4

(*entra pela esquerda a senhora sentada no burrinho e o menino puxando*)

Coringa – Pelas barbas do profeta, olha o que vejo agora. A senhora montada no burrinho e o menino puxando os dois.

(*Rafael entra pela esquerda e Osvaldo pela direita e saem pela esquerda*)

Teófilo (*Rafael*) – xiiii veja só Petrusio que cena.

Petrusio (*Osvaldo*) – como pode uma senhora bela e formosa em cima do burrinho,

Teófilo – (*Rafael*)– e o coitado do menino fazendo maior força para puxar os dois.

Petrusio – isto é uma exploração ao menor

(*mãe e filho saem pela direita*)

■ CENA 5

(*entra pela direita mãe e filho em cima do burrinho*)

Coringa – da para acreditar pessoal? Agora são os dois em cima do burrinho.

(Jose e Mariza entram pela direita e sai pela esquerda)

Florisbela – Pedrita compramos tudo?

Pedrita – compramos!

Florisbela – pagamos tudo?

Pedrita – Pagamos! (olha para a direita volta e fala)

Pedrita *(Jose)* – mais que maldade estão fazendo com o pobre burrinho.

Florisbela *(Mariza)* – nossa é mesmo, se estão pensando em vender o pobre animal na feira do rolo, ele vai chegar lá puro osso.

Pedrita – o burrinho deve estar com sede.

Florisbela- vamos denunciar para a sociedade protetora de animais.

Pedrita – vamos!

■ CENA 6

(mãe e filho entram pela esquerda os dois puxando o burrinho)

Coringa – opa! quem vem lá? é a senhora e o menino puxando o burrinho.

(Jose e Rafael entram pela esquerda e saem pela direita)

Pedrita *(Jose)* – Olha Teófilo que cena mais engraçada.

Teófilo *(Rafael)* – *(risadas)* é mesmo Pedrita, dois burros andando na frente e um trocando a trás.

Pedrita – santa paciência

Teófilo – ponha paciência nisto.

Final

Coringa – e agora pessoal? qual vai ser a solução deste impasse, se tiver uma solução né?

Senhora (Daisy) – como tola eu agi, daqui para frente farei como achar melhor, sem escutar ninguém.

Filho (*Cristiano*) – não dá para contentar a todos né mãe?

(*entra o profeta e o discípulo pela esquerda*)

Profeta – quem quer agradar a todo mundo, no fim não agrada a ninguém. Quanto a você minha filha que solução vai tomar?

Discípulo – eu pensei e refleti. É melhor eu fazer o que minha consciência achar mais certo.

Discípulo - obrigada mestre.

2ª parte

Musica – CD –Meditação

Início da 2 parte musica - nº 06

Profeta (senta na almofada e medita ao som de um mantra)

Coringa- (enquanto fala o mestre localizar a almofada) hoje o mestre vai meditar ao som deste mantra. (troca de lado).

Discípulo – (entra pela direita, pergunta para o coringa). Bom dia.

Coringa – bom dia.

Discípulo – poderia me informar onde encontro meu mestre?

Coringa – sim, seu mestre medita de baixo da árvore da sabedoria.

Discípulo – obrigado.

Coringa – não a de que.

Discípulo - (vai até seu mestre, ouvindo o mantra cantado pelo mestre), bom dia mestre.

Profeta – que a paz esteja com você.

Discípulo – mestre fui convidado para participar de um torneio, com tudo pago, em um país vizinho representando nossa aldeia. Mais penso em desistir.

Profeta – mais meu filho! Desistir por quê?

Discípulo – há mestre, porque eu não me sinto preparado, e os outros participantes são melhores e vai ser muito cansativo.

Profeta – certas coisas são tão importantes que precisam ser descobertas sozinhas.

Discípulo – como assim mestre?

Profeta - Sente-se aqui. Se queremos progredir, não devemos repetir a mesma história, e sim fazer uma história nova.

Coringa. É que comece a nova história...

Mariza – (entra pela esquerda para no meio e olha para o alto) nossa que parreira linda e estas uvas seem estar deliciosas, vou pega-las. (ouve barulho) ai. Vem vindo alguém. (vai para a direita e fica na espreita).

Josi – (entra cantando) se esta rua, se esta rua fosse minha, eu mandava eu mandava... (passa do meio para de cantar e diz) hum! Que cheiro bom, parece uvas (olha para cima) e são uvas, que delicia e estão madurinhas. Nossa estou com tanta fome, vou pega-las. (tenta pegar as uvas pulando). Não alcanço esta muito alto, já sei o que vou fazer. (pega papel dentro da bolsa faz bolinha e joga).

Coringa – o que será que ela vai fazer. Pegar as uvas com bolinhas de papel? Esta é boa...

Josi – ufa... Não consegui, pensando bem, minha fome passou e elas devem estar azedas. Eu não queria mesmo. (sai).

Coringa – será que ela não queria mesmo.

Mariza – (volta para tentar pegar as uvas) ela não conseguiu vou pegar. (ouve gente vindo). A não de novo. (vai para a esquerda espiar).

Deyse – (entra cantarolando pela direita) La, La, La, La, La. Hoje vou fazer geléia de frutas. Mais de que fruta? Goiaba? Morango? Ou de jabuticaba? De que? (para no meio olha para o chão) Olha uma uva, de onde ela caiu (procura e olha para cima) nossa! Que uvas lindas, e estão madurinhas, no ponto para fazer geléia. Xi... esta muito alta. Vou tentar apanhá-las. (tira o lenço e tenta derrubar as uvas) esta difícil, já sei. (tira da sacola uma colher de pau e tenta derrubar as uvas com ela). Ainda bem que comprei esta colher de pau. Ufa... quer saber, vou comprar morangos na feira, afinal geléia de morangos e mais gostoso. (sai para esquerda).

Mariza – ainda bem que ela não conseguiu, agora eu pego. (ouve uns gritos e sai para a direita).

Cristiano – (na coxia) oba, oba, oba, peguei uma pipa. (entra).

Coringa – espero que esta pipa não esteja com cerol.

Cristiano – minha pipa não tem cerol. Eu sei que é perigoso. Vou soltar minha pipa no campinho com meus amigos, será que tem vento? Hummm. (olha para cima e vê os cachos de uvas) olha só... Um cacho de uvas me parece que estão docinhas, hummmm. Xi. Será que alcanço. (tira o boné e tenta derrubar o cacho). Ah! O boné é muito leve. Vou tentar outra coisa (tira bolso umas buricas e joga)

Coringa – esta é boa pegar uvas com buricas, se conseguir eu como minha mascara.

Cristiano – não dei certo. É melhor eu ir para o campinho soltar minha pipa, antes que o vento acabe. Eu nem gosto de uvas.

Mariza – (caminha até as uvas, sente o cheiro) hummm. Estas uvas está realmente lindas, ótimo ninguém conseguiu, vai ser minhas.(olha para a platéia) já sei o que vou fazer, esperem um pouquinho, que já volto.

Coringa – o que será que ela vai fazer? Esteve o tempo todo espiando.

Mariza – (retorna com uma caixa, coloca em frete as uvas, depois de varias tentativas pega um cacho). Quando eu quero alguma coisa, eu não desisto, tento ate conseguiu, e valeu a pena estas uvas estão divinas. (sai).

Profeta- e você meu filho qual a conclusão que tirou desta historia.

Discípulo – mestre aprendi que depende da minha coragem e da minha força de vontade para alcançar a vitória, pois sou eu que escreverei a minha nova historia.

Profeta – é isto meu filho, você compreendeu a essência da historia que lhe contei.

Discípulo – obrigado mestre.

Coringa – e assim termina esta bela historia contada pelo nosso mestre. (enquanto o coringa fala o mestre caminha até ele).

Profeta – e fica aqui o meu conselho. “Os ignorantes, que acham que sabem tudo, privam-se de um dos maiores prazeres da vida APRENDER”.

Musica – CD – Brisa e Sonho

Final – musica - nº 06

(Entram todos para o final)

“A ARTE DA VIDA CONSISTE EM FAZER DA VIDA UMA OBRA DE ARTE”

FIM

Sobre a autora

ROSA MARIA RICCÓ PLÁCIDO DA SILVA, nome artístico **ROSA RICCÓ**, nascida na cidade de Bauru – SP, em 30 de maio de 1958, Artista Plástica formada em Educação Artística com habilitação em Artes Cênicas. Especialização em Pedagogia do Teatro. Têm em seu currículo várias premiações onde se destacam as seguintes:

- **1º. Concurso de Fotografia** – 3º Lugar em 1980 – Bauru – SP.
- **Concurso Fotográfico da União dos Servidores da Caixa Econômica do Estado de São Paulo** – 4º Lugar em 1984 - São Paulo - SP.
- **GRANDE MEDALHA DE PRATA no IX INTERART** de Presidente Prudente- SP, em 1991.
- **Prêmio de Melhor Sonoplastia no IV FESTEPE** (Festival de Teatro Amador de Pederneras –SP), em 2002.
- **1º Lugar no Salão Virtual de Arte** da ONG Sepé Tiraju da cidade de Uruguaiana – RS, em 2005. Ver site: www.sepetiaraju.org.br.
- Participou de diversas exposições coletivas de Artes Plásticas nas cidades de Presidente Prudente, Franca, Santo Anastácio, Rancharia, Osvaldo Cruz, São José do Rio

Preto, Avar6, Len6ois Paulista, Cafel6ndia, Amparo, S6o Paulo, Dracena e Bauru, todas no Estado de S6o Paulo, assim como exposi66es individuais em diversos espa6os culturais na cidade de Bauru-SP e regi6o.

- Foi titular de uma **Bolsa de Inicia66o Cient6fica da FAPESP** (Fundaa6o de Amparo 6 Pesquisa do Estado de S6o Paulo), onde desenvolveu a pesquisa intitulada **“Perceber sem ver – uma proposta de artes pl6sticas para deficientes visuais (DV)”**, 1999 – 2000.
- **Respons6vel pela cenografia, ilumina66o, sonoplastia e figurino das pe6as** “A Heran6a” (2004), “Uma Fam6lia Especial” (2005), “Palha6ada” (2006). “Vivendo, Amando e Aprendendo” (2007 – 2008) e “A Arte de viver” (2009 – 2010) do Grupo de Teatro “NOVA VIDA” do Lar Escola “SANTA LUZIA” para Cegos.
- **Respons6vel pela Instala66o Dram6tica dos 5 sentidos**, com Interfer6ncia de Fragmenta66o da Pe6a Did6tica de Brecht, em 2001.
- **Autora e parte do elenco**, do espet6culo teatro dan6a “P6ssaro Ferido”, em 2007. (2007).
- **Apresentou a exposi66o “Renascer” Rosa Ricc6 e J6lio Ricc6**, Centro Cultural “Angelina Messemerg”, de 16/12/2008 a 01/01/2009; SESI, de 07/01/ a 31/01/2009 e Brav6ssimo Pizzaria & Lounge bar em mar6o de 2010, todas na cidade de Bauru – SP.
- E ainda a **exposi66o “Colet6nea: Express6es” Rosa Ricc6**: Brav6ssimo Pizzaria & Lounge Bar em 04/09/09, tamb6m em Bauru – SP.
- **Respons6vel pela cenografia da pe6a “Muro de Arrimo”**. Projeto aprovado pelo Programa Municipal de Est6mulo 6 Cultura de Bauru - SP.

Lendo esse relato e reflexão dessa experiência vivenciada pela artista Rosa Riccó, me veio à lembrança uma aula de Filosofia no final dos anos 90 na Universidade do Sagrado Coração de Bauru, onde eu como professor me esforçava para que os estudantes compreendessem a diferença entre os conhecimentos sensorial e o intelectual. Para tanto, naquele momento eu lançava mão da psicologia aristotélico-tomista para explicar que o conhecimento sensorial se dá através dos 5 sentidos externos e de sentidos internos (imaginação e memória), os quais são responsáveis por produzir e reter imagens em nossa mente, e que essas imagens podem ser visuais, auditivas, olfativas, gustativas e táteis. Dentre os questionamentos nessa aula de Filosofia, aproveitando que ali se encontrava um Deficiente Visual, fiz a seguinte indagação: como são as imagens presentes nos sonhos de um Deficiente Visual? Acredito que foi nesse momento que a sensibilidade do artista e do pesquisador acadêmico se transformou em inquietude e atitude na vida de Rosa Riccó, visto que logo em seguida a resposta àquela indagação começou a se materializar em sua vida, primeiramente em seu projeto de iniciação científica financiado pela Fapesp - **Perceber sem ver – uma proposta de artes plásticas para deficientes visuais (DV)**, e depois em seu engajamento como trabalho voluntário no grupo de teatro “Nova Vida” do Lar Escola “Santa Luzia” para Cegos-Bauru-SP. Assim, me sinto muito honrado em compartilhar mais essa alegria e realização em sua bela experiência de vida. Sobretudo, o público leitor ganha de presente um texto que expressa uma experiência pioneira e um testemunho contundente de que é possível na prática promovermos a inclusão e combatermos os preconceitos.

Carlos Alberto Albertuni

Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Londrina-PR

canal6 editora

